



PUC
RIO

MARIA BEATRIZ SOARES BEZERRA DE MELLO

"O PRÉ-VERBAL NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ"

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

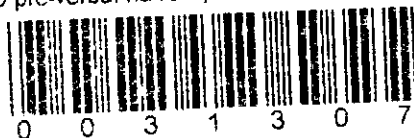
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Junho de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / M527 / TESE UC
Título: O pre-verbal na relação mãe-bebe /



0 0 3 1 3 0 7

Ex. 1-CENTRAL

1832

BC - PUC

DOAÇÃO

MARIA BEATRIZ SOARES BEZERRA DE MELLO

"O PRÉ-VERBAL NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ"

UC19489-8

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia
da PUC/RJ como requisito
parcial para obtenção do tí
tulo de Mestre em Psicologia.

Orientador(a): Circe Navarro Rivas

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Junho de 1982

BE



150
17527

TESE VC

VC-19489-8

TESE
PUC
150
17527

À meu marido, Paulo,
e aos meus filhos:

Letícia,

Cristina,

Claudio e Mária,

Paulinho,

Beatriz,

Gisella,

Marcos e

Guilherme .

AGRADECIMENTOS

- À Profa. Circe Navarro Rivas que orientou este trabalho, a quem admiro pela inteligência e erudição, meu reconhecimento,
- À Capes e ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especialmente a Professora Terezinha Feres Carneiro, sou grata pelas facilidades e apoio que permitiram a realização deste trabalho.
- Meu Agradecimento Especial,
 - A Paulo pelo carinho e paciência,
 - À Eliana, querida amiga, braço direito na discussão, revisão e transcrição das fitas,
 - Às mães e bebês, com quem muito aprendi,
 - À equipe médica da Enfermaria 33ª da Santa Casa de Misericórdia.
- Agradeço também às amigas e fiéis colaboradoras pelo incentivo e apoio diário . Alvelina, Emília, Zilda e Helena.
- À Bi, Albenita, Golda, Rosana, Juracy pelo auxílio e a Eni e Carmem pela datilografia.
- A Luiz Levy, pelo suporte emocional,

Sem eles, este trabalho não seria realizado.

Muito Obrigada.

RESUMO

Este trabalho visa o estudo da relação mãe-bebê na fase pré-verbal, deste encontro corporal e psíquico entre dois seres que se informam mutuamente, através do prazer aí fruído. A característica desta comunicação é dada pela qualidade deste afeto de prazer. Acredita-se que a boa qualidade da comunicação terá efeitos na aquisição de uma linguagem plena, onde o indivíduo será senhor do seu discurso e sua significação, portanto, de seu desejo e de sua individualidade.

Segundo Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. As regras dessa estruturação são análogas às da linguagem, propostas em Linguística por Ferdinand de Saussure, cujo algoritmo S/s organiza a cadeia dos significantes. A metáfora paterna - o Nome-do-Pai - instaura o interdito do incesto e fixa a entrada na Ordem Sócio-Cultural, conceito baseado em Lévi-Strauss. A barra do algoritmo representa a divisão consciente-inconsciente estabelecida pelo recalque.

A verificação do que consistiria o conceito laciano no "a criança é falada", suas principais características e diferenças, foi o que se visou neste trabalho.

Piera Aulagnier contribuiu com o conceito do discurso antecipatório, pelo qual a criança é falada antes de nascer, discurso originador da psicose quando a diferenciação mãe-bebê

fica impedida por uma inserção do sujeito defeituosa e perversa a nível da lei, permanecendo a mãe como sua própria representante.

Integram os estudos preliminares a dinâmica pulsional freudiana, a primeira tópica, a representação de coisa e a representação de palavra.

Observou-se diretamente a relação dual e o discurso corpo-psique, destacando, "aí", três elementos: o desejo parental, que influencia a forma pela qual o narcisismo materno investirá a criança, levando as marcas das vivências arcaicas parentais; a fase pré-edipiana, que também sofre influências recíprocas e retroativas desses três elementos - desejo parental, narcisismo e vivências arcaicas - na estruturação psíquica da criança e na linguagem plena.

RÉSUMÉ

Ce travail vise l'étude de la relation mère-bébé dans la phase pré-verbale, de la rencontre corporelle et psychique entre deux êtres qui s'informent mutuellement, par le plaisir qu'ils y ont joui. Cette communication a comme caractéristique la qualité de cette affection de plaisir. On croit que la bonne qualité de la communication aura comme effet l'acquisition d'un langage plein ou l'individu sera maître de son discours et de sa signification donc de son désir et le son individualité.

Selon Lacan, l'inconscient est structuré comme un langage. Les règles de cette structure sont analogues à celles du langage, postulées en Linguistique par Ferdinand de Saussure, dont l'algorithme S/s organize le chaîne des signifiants. La métaphore paternelle - le Nom-du Père - instaure l'interdit de l'inceste et fixe l'entrée dans l'Ordre Socio-Culturelle, concept fondé sur l'ouvrage de Lévi-Strauss. Le barre de l'algorithme représente la partage conscient-inconscient établi par le refoulement.

A quoi consiste le concept lacanien "l'enfant est parlé", ses caractéristiques principales et ses différences, c'est ce qu'on a visé vérifier dans ce travail.

Piera Aulagnier a apporté le concept du discours antécipatoire, par lequel l'enfant est parlé avant sa naissance, discours qui donne origine à la psychose si la différentiation mère-enfant

devient impossible par une insertion du sujet imparfaite et perverse au niveau de la loi, étant la mère elle-même sa représentante.

La dynamique pulsionnelle freudienne, la première topique, le représentant de chose et le représentant de mot font partie de nos études préliminaires.

La relation duelle et le discours corps - psychique ont été observés directement et on y a détaché trois éléments : le désir parental qui a une influence sur la forme par laquelle l'enfant est assailli par le narcissisme maternel et porte des marques des vécus archaïques parentaux; la phase pré-oedipienne, qui subit aussi des influences réciproques et retroactives de ces trois éléments - désir parental, narcissisme et vécus archaïques - dans la structuration psychique de l'enfant et dans le langage plein.

SUMÁRIO

PÁg.

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I	
ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO E O QUE FALA LACAN	14
CAPITULO II	
FREUD E O DISCURSO DA PULSÃO	75
CAPITULO III	
PIERA AULAGNIER E O DISCURSO DO PRAZER	139
CAPITULO IV	
AS INTRINCAÇÕES ENTRE FUNÇÃO, NARCISISMO E FASE PRÉ-EDÍPICA NA RELAÇÃO DUAL	201
CONCLUSÃO	235
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	242

"ESTILHAÇOS"

Há um medo que me assola a pele
e me aflora em febre
De não poder ver mais
a cara de cada um
frente ao espelho
quebrando hierarquias
De querer que
as minhas sensações
não se percam em fantasias
E que nós
ansiosos por viver
não nos percamos com melancolias.

(Maria Luiz Saraiva)

INTRODUÇÃO

Entre o nascimento da criança e o momento em que articula a primeira palavra, transcorre um longo período muito rico em experiências sensoriais pelo qual passa o bebê no seu primeiro encontro com o mundo, que é feito através do primeiro encontro com a mãe. Este período não tem sido suficientemente teorizado em termos psicológicos visando a díade. Tematiza-se relativamente pouco o próprio nascimento, momento crucial de uma vida, passagem da criança para um meio totalmente diverso do que estava acostumada. Trata-se pouco, também, das múltiplas tentativas da criança no sentido da busca de uma adaptação a este meio diferente no qual, na sua luta pela sobrevivência, não pode prescindir de um outro para ser alimentada, cuidada, tratada e amada. E já que a sobrevivência da criança exigirá a presença de um outro, o início da vida do bebê é também o início de buscas constantes de formas de interação à pessoa mais próxima dele, em geral, a mãe. Esta, por sua vez, estará também atenta às necessidades expressadas pela criança, através de uma relação intensa, rica em experiências sensoriais, já que este primeiro contato é tanto corporal quanto afetivo, para ambos.

A criança, a princípio alojada no útero materno e habituada a trocas com um só ser - a mãe - terá de ir, pouco à pouco, estabelecendo trocas diversas, constantes e repetidas com um mundo exterior, que começa a existir para ela. Inicia-se aí um processo de "bio-feedback" mundo interno = mundo externo, vivido sensorialmente.

O primeiro encontro da mãe com a criança se dá através do seio, termo que aqui designa não somente a parte anatômica da mulher, mas tudo a que a liga corporalmente com o recém nascido, informando-lhe tanto a presença materna como também a presença de um corpo próprio: pele, calor do corpo, voz, cheiro, tato, carícias, leite, visão da mãe, enfim, toda a necessidade psico-física "onde se localizará a pulsão, tudo que reenvia a uma vivência de falta radical consequente à separação do corpo materno" (Anika Lemaire, p. 212).

A partir da colocação lacaniana de que a criança é falada, vimo-nos despertados por uma reflexão sobre este tema. Como e porque a criança seria falada? Em que consistiria este "ser falada"? Que nuances ocorreriam dentro da relação dual que modificaria a maneira pela qual a criança seria falada? Cada par-mãe-bebê está, em sua relação, estabelecendo uma comunicação entre si, através da transação a nível corporal, da função alimentadora, do encontro boca-seio, da comunicação com a face materna, operando como "função signo", segundo Barthes, dos sons ouvidos e da entonação dada aos sons da voz materna falando do seu amor à criança; das diversas modalidades de cheiros, do leite, da mãe, do ambiente; das diversas maneiras pela qual a mãe pega a criança ao colo, ou lhe toca o corpo, enfim, todo o envolvimento libidinal que manifesta, segundo Lacan, "a presença efetiva do desejo." (Seminário 11 p.159).

Nosso objetivo foi, então, de um estudo exploratório do que ocorre na relação mãe-bebê, visando a detectar quais as diferenças significativas que decorrem desta condição inicial e analisando as suas consequências para a criança ao ingressar

na ordem do simbólico.

A psicologia da criança, antes de Freud, foi um assunto que teve como tema principal os processos cognitivos e a percepção. Apoiando-se, sobretudo, na pedagogia, os estudos, então, mais focalizados, foram os da atenção, memória e inteligência, utilizando como fonte de informação pesquisas feitas em adultos, ou baseadas em dados de observação, métodos biográficos e estudos empíricos.

Na "Teoria da Sexualidade Infantil" (1905), Freud também utilizou os desvios da sexualidade no adulto para reconstituir as vicissitudes da sexualidade infantil. A originalidade de seu enfoque consistiu na afirmação de que forças inconscientes atuavam no indivíduo, dirigindo seu comportamento. Em seus pontos de vista econômico, dinâmico, topográfico e estrutural, Freud aborda essas forças e sua influência no sujeito. Revisamos esses pontos de vista freudianos, assim como os textos relativos ao inconsciente, ou seja, as partes constituintes da metapsicologia freudiana.

É no "Projeto para uma Psicologia Científica (1895a)" que pela primeira vez Freud fala das funções não verbais. Refere-se a uma urgência liberada pela via motora pela qual a criança visa uma alteração interna através de gritos, expressões emocionais e inervação vascular. Este meio de descarga é o único disponível para a criança enquanto não produziu a "ação específica" efetuada no sentido de despertar a atenção da pessoa que dela cuida.

"Esta via de descarga, adquire, assim a importíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais" (op.cit.p. 480).

No artigo "Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911), Freud trata dos processos mentais inconscientes: processo primário, regido pelo princípio do prazer buscado pela atividade psíquica que evita o desprazer e o processo secundário, regido pelo princípio da realidade. Em NOTA volta a falar no bebê, que ao receber os cuidados externos, realiza, provavelmente, uma alucinação da realização de suas necessidades internas, com desprazer pelo aumento do estímulo e ausência de satisfação, e descarga motora para expressar suas emoções; só mais tarde, aprenderá a usar intencionalmente as manifestações de descarga (vol. XII, pp. 278-9. St. Bras.).

Essas observações freudianas estimularam o prosseguimento dos nossos estudos. Revisamos, assim o ponto de vista econômico, a dinâmica pulsional, a primeira tópica, que postula o sistema inconsciente, pré-consciente e consciente, as estruturas ego e id e superego que compõem a segunda tópica, a representação de coisas e palavras, os mecanismos dos sonhos, a repressão e a angústia. Os estudos de Freud serão o tema do nosso segundo capítulo.

Nosso objeto de estudo, num primeiro capítulo, será, a teoria de Jacques Lacan referente à estrutura do Inconsciente e a entrada do sujeito na ordem do simbólico.

Lacan se propõe a analisar o inconsciente à luz da teoria freudiana. Foi por este motivo que ressaltamos, anteriormente, a abordagem de Freud a respeito das funções não verbais e o início da "comunicação" e da relação de objeto.

O pensamento Lacaniano foi nitidamente influenciado pelas recentes descobertas da Antropologia Estrutural e pelo modelo linguístico. O estruturalismo linguístico, lançado por Saussure, distingue as unidades da língua em diferentes níveis e fala nas relações que essas unidades mantêm entre si. Estudaremos também os conceitos saussurianos em suas dicotomias básicas: "langue-parole", diacronia - sincronia, relação sintagmática e paradigmática e a teoria do signo com o algoritmo $S/s = \text{significante/ significado}$. "Esta relação entre significante e significado efetua-se pelas intermediações do conjunto de signos da linguagem" (Anika Lemaire). Para Lacan é esta mediação que terá um efeito constituinte para o sujeito.

A "língua" corresponde ao sistema, e a "fala" a atualização do sistema. A ordem simbólica da linguagem e da organização social é uma ordem de signos interdependentes ligados por leis precisas.

"O inconsciente se estrutura como uma linguagem" - que se manifesta através da consciência, cuja linguagem revela e encobre: a palavra é aquilo que ao mesmo tempo exprime e reprime as produções significativas da estrutura inconsciente; e exprime até porque reprime; não há linguagem sem simultâneo recalque. A linguagem consciente leva o sujeito a distanciar-se cada vez mais de sua verdade. Os significantes inconscientes organizam-se numa rede de associações, principalmente metafóricas

e metonímicas.

Pelo interdito do incesto a criança efetua sua entrada na Ordem do Símbolo - Social e Cultural - processo que se dá ao nível da organização edipiana, por cuja resolução satisfatória o até então infante accederá à linguagem e terá sua autonomia como sujeito, assegurada.

No início o que existe é uma relação simbiótica mãe-filho : não há separação de um eu frente ao outro, o que é virtual e imaginariamente vivido pela criança como "mundo pleno". A criança é falada pela mãe, expressando-se através dessa relação. O real tanto representa presença da mãe (plenitude) como ausência (mundo que se esvazia), esta oposição aponta para uma singularidade que é zero, vazio, morte.

O prazer, no sentido sexual, nasce com uma lembrança de satisfação, é, portanto, distinto da necessidade fisiológica. Para que a satisfação se inscreva é necessário que algo apaziguador venha de um outro, isto é, o olhar da mãe ao amamentar a criança a transmitir-lhe gozo sobre o local da satisfação. O olho, o seio, marcados pela erogeneidade faz aparecer como sexual a relação entre dois corpos. Serge Leclair fala de um dedo da mãe tocando o bebê "imprimindo-lhe aí o gozo, a letra, fixando a intensidade deste momento". Esta zona fica erogeneizada e "fixa-se aí um intervalo sobre o qual se realizará de maneira eletiva o jogo do prazer, sempre que um objeto qualquer , venha reavivar nesse lugar, o brilho do sorriso que a letra fixou . A experiência de prazer fica marcada com um traço dis

tintivo, uma letra, que se inscreve em sua abstração no corpo".
(Psicanalisar p. 60 Serge Leclaire).

A criança, num primeiro tempo, não é um sujeito, mas uma falta, um nada, porque não está referida no circuito simbólico da troca - "narcisismo primário" - Os dois momentos presença e ausência da mãe, o mais e o menos, esta oposição significativa, aponta para a singularidade - o vazio. Na cadeia dos significantes ou estrutura do inconsciente, este vazio é sentido como "Caput Mortuum" - "zero, o que não é idêntico a si mesmo". Para sobrepujar a morte deseja ser o desejo do desejo da mãe e para satisfazê-la, identifica-se como seu objeto de desejo, o fálus. A relação é dual. Dependente e submetida não tem individualidade subjetiva e nem social.

Num segundo tempo, o pai intervém, privando a criança do objeto de seu desejo e a mãe de seu objeto fálico. Instala-se aí o "Nom du Père", simbolizando o "não" ao incesto, provocando uma castração simbólica, e o "não" à simbiose com a mãe. É a ordem do Pai, internalizada, socialmente, na mãe. O pai é o símbolo da Lei que constitui o sujeito humano. "O pai não está presente senão pela sua lei que é a palavra e não é senão na medida em que sua palavra é reconhecida pela mãe que ela toma o valor da lei". Caso a mãe não reconheça esta posição, a criança rejeita a Lei e permanece identificando-se ao fálus e submetida ao desejo da mãe. O Outro introduzido pelo terceiro - o pai - na relação é quem dá fundamento à lei simbólica da mãe.

É o valor da barra no algoritmo S/s que estabelece a hiância entre significante e significado, que se representa em Psi

canálise pela repressão originária geradora da "Spaltung" ou clivagem que funda o inconsciente. O desejo se constitui pela falta, o que, em termos energéticos, se expressa na pulsão que busca o objeto. Demanda o lugar simbólico onde o desejo primordial se aliena progressivamente. O real é disjuntivo, ou presença ou ausência. A substituição da mãe ausente é atualizada por uma imagem perceptiva que a evoca. Inicia-se então, uma forma de jaculatória vocal, início de fonemas, entendidos como signo da presença gratificante da mãe. "O recalque originário

no prazer que a jaculatória repetitiva evoca e na sua função de determinação erógena, tende a se dissolver. Este recalque primário que separa o absoluto de um gozo mítico de uma possível repetição através do desfiladeiro da letra, mostra a estrutura própria da ordem inconsciente, na medida em que articula, garante e defende a autonomia do gozo e da letra". (Psicanalisar, p. 130 - Serge Leclair).

O recalque, portanto, é representado pela barra do algoritmo S/s; o elemento recalcado é reconhecido em certo momento e seu significante simbolizado é inserido na trama de um discurso pessoal.

A forclusão (ou preclusão) é a não inscrição do significante primordial fálus e assinala a psicose.

No terceiro capítulo analisaremos as contribuições de Piera Aulagnier, acerca do discurso que preceda à vinda da criança ao mundo, tendo por tema este futuro nascimento.

Desta autora utilizaremos, portanto, conceitos relacionados com o pensamento acima descrito, ou seja, o estudo dos mitos familiares, o papel conferido pelo discurso antecipatório sobre o personagem que o sujeito ocupa na cena familiar, as "réplicas

do outro" que o constituirão como sujeito, a ambiguidade do no me, que figura é projetada sobre a criança, que tipo de desejo ele preenche, que lugar ocupa no plano relacional e, por último, o discurso, "como testemunha daquele que é o lugar da palavra

numa cadeia de significantes; primeira condição a toda possibilidade para o sujeito poder, por sua vez, aí se inserir, a fim de reconhecer outra coisa que não, apenas, um simples acidente biológico" (Psicoses, p. 14 - Piera Aulagnier).

A escolha desta autora justifica-se pelo caráter eminente mente clínico de sua obra inspirada nas concepções de Lacan. Tam**ã** bém nos indagamos, como Piera Aulagnier, sobre o discurso psicôtico. Esta autora assinala o estágio em que se encontra: entre observação e dedução teórica. Apenas uma hipótese de trabalho a fim de pesquisar o problema do discurso na psicose. Observa o período da fase oral até o momento do confronto do eu especular com sua imagem. Propõe uma reelaboração sobre as diferentes construções explicativas da constituição do eu e da função do discurso.

É ainda Piera Aulagnier que nos fala de um trinômio, de uma "ordem que rege os enunciados da voz materna, revelando a sujeição do eu que fala a três condições: o sistema de parentesco, a estrutura linguística e os efeitos que os afetos exercem sobre este discurso, operando em outra cena". É o que chama de "Violência", fenômeno pelo qual se entende a diferença entre o espaço psíquico da mãe, já marcado pela ação de repressão e a organização psíquica própria do "infans". Segundo a autora, há

dois tipos de violência, assim conceituado pela autora: "vio

lência primária, que designa o que, no campo psíquico, se impõe do exterior ao preço de uma primeira violação de um espaço e de uma atividade que obedece a leis heterogêneas ao Eu e ao discurso e uma violência secundária, que abre seu caminho apoiando-se sobre a violência primária, da qual ela representa um excesso sempre nocivo e desnecessário ao funcionamento do Eu, apesar de sua frequência" (A violência da Interpretação, p. 36 - Piera Aulagnier).

Revisamos também os pressupostos teóricos de seu pensamento que retoma o princípio da economia libidinal, princípio freudiano, no que, de certa forma, difere de Lacan.

No quarto e último capítulo expusemos nossas próprias idéias que tiveram o embasamento teórico nos principais conceitos de Freud, Lacan e Aulagnier, conceitos esses que tangenciaram a relação mãe-bebê.

Buscamos explicitar como essa teoria se aplica a uma prática observada desta relação. Apoiamo-nos em uma observação direta da relação dual, desde os dias mais próximos ao nascimento do bebê, do parto e do puerpério e dos dias que se seguiram, quando criança e mãe voltaram ao meio familiar. Nossa observação prosegue, já que é do nosso interesse estudar a forma pela qual a criança adquire a linguagem, dando continuidade assim ao trabalho aqui iniciado.

Enfatizamos três tópicos: a função desejante dos pais em relação à criança, representada pelo discurso antecipatório, o narcisismo e o Édipo, e suas respectivas intrincações influenciando a relação dual.

Seguindo Piera Aulagnier, ao falar do discurso antecipato, privilegamos nele o desejo parental, que define a vinda da criança ao mundo através de um projeto de vida, do desejo que visa continuidade da espécie e a continuação da vida erótica do casal. É este desejo que vai definir a função que a criança terá ao ser inserida nas relações de parentesco.

..."Este ponto nodal pelo qual a pulsação do inconsciente está ligada a realidade sexual. Este ponto nodal que se chama desejo e toda a elaboração teórica ... se encaminha para mostrar-lhes... como se situa o desejo em relação à demanda - a qual, ao articular-se em significantes deixa um resto metonímico que corre sob ela, elemento não indeterminado ... em impasse, insatisfeito, impossível, ignorado, elemento que se chama desejo"(Lacan - Seminário XI. p.160. ed. espanhola).

O desejo parental veiculado pela linguagem vai determinar o lugar e a valência significativa da criança na estrutura familiar. Este desejo tanto pode estar dirigido à criança quanto estar ainda referido à criança mítica materna, e é ele que irá influenciar a qualidade do narcisismo pelo qual a mãe investirá libidinalmente a criança. O superinvestimento narcísico do próprio corpo materno que se inicia durante a gravidez, vai imprimir na criança o efeito das relações que a mãe estabelecerá com a Lei e, conseqüentemente, com o seu próprio recalcado. A história narcísica do bebê se inicia na fase pré-natal, nas relações da mãe com seu corpo e sua gravidez. Muitas vezes será negado à criança o investimento narcísico de seu próprio corpo, devido à incapacidade da mãe de ter-se submetido à Lei - representada pela metáfora paterna - o que impede o início da elaboração de um significante corporal primário. Esta situação inicial se reproduz, num momento seguinte, pela impossibilidade de haver a tri

angulação edipiana, pela forclusão do nome-do-pai, situação em que a psicose, certamente, terá o seu início.

O desejo parental, que investe antecipadamente a criança, sofrerá diversas influências. A primeira delas refere-se ao próprio desejo antecipatório pelo qual os pais foram falados. O narcisismo com o qual foram investidos, reflete-se, nos primeiros momentos da vida da criança, através da determinação do papel que a criança ocupará frente ao narcisismo parental; que desejos preenche, que projeções sofre, que carências a criança completará. etc.

Além disso considera-se o desenvolvimento psico-sexual dos pais, - pontos de fixação da libido; "temas picturais" pelos quais passaram suas fantasias e teorias sexuais, sua vivência do Édipo: da castração e do recalque. Toda a biografia psico-sexual do casal e a conjugação desta pelo casamento estará influenciando o futuro desenvolvimento psíquico da criança.

Finalmente a linguagem do afeto, dos mitos, do sagrado, do saber, das classes sociais e do grupo familiar.

A estrutura narcisica sofrerá as influências das carências emocionais maternas acentuadas pela gravidez, da relação do casal, das "sombras faladas" que garantem que o recalco permaneça, assim como linguagem afetiva da mãe ao falar ao bebê o seu desejo.

A fase pré édipica, que corresponderia ao estágio especular, prepararia a entrada do terceiro na relação, e a relação do casal é investida fantasmaticamente pela criança. Esta fa

se sofrerá também as influências édipicas parentais e a vivência de ambos da castração e da proibição do incesto, e das vivências narcísicas do casal. As marcas dessas vivências, determinarão, "a priori" a função que a criança terá no desejo do casal, no discurso antecipatório.

Ressaltamos a importância da atuação do psicólogo ao nível de prevenção da patologia mental que já pode ter início numa relação mãe-bebê defeituosa, e no esclarecimento de problemas da assistência materno infantil no que concerne à prevenção, como a orientação da gestante e de profissionais de áreas afins que lidam diretamente com a parturiente, com o bebê ou com ambos, ou com os que lidam com os resultados, catastróficos para a criança, decorrentes da interrupção precoce da relação mãe-bebê, de sua má substituição ou com as falhas que dela decorrem.

CAPÍTULO I

"ESTRUTURALISMO LINGUÍSTICO E O QUE FALA LACAN"

LINGUÍSTICA ESTRUTURALISTA

Lacan sugere um retorno às descobertas originais de Freud sobre a estrutura do inconsciente usando os recursos atuais da linguística, principalmente os propostos por FERDINAND DE SAUSSURE e os da Antropologia Estrutural que tem em LÉVI-STRAUSS seu principal defensor.

Freud além de grande teórico, procurou estabelecer uma técnica de uma prática. Tal técnica, mesmo fecunda, em seus efeitos, só teria acesso à denominação de científica, caso apoiada num modelo teórico rigoroso. Freud, porém, não encontrou precedentes teóricos e teve de importá-los das ciências físicas e biológicas de seu tempo, validadas pelo discurso da comunidade científica vigente na época, fazendo com que, muitas vezes, passasse por uma solidão teórica, pela originalidade de seus conceitos.

Lacan pretende, então, uma releitura da obra de Freud, buscando apreender dela sua teoria e "tomar a palavra à letra".

Althusser⁽¹⁾ observa que encontramos em Lacan não um retorno ao nascimento da teoria freudiana, mas um regresso à maturidade da psicanálise, "que é a sua verdadeira juventude", regres

(1) Althusser in Estruturalismo - Freud e Lacan, p. 244

so este que está além do período do infantilismo teórico, que se torna o ponto donde partem os teóricos da psicologia contemporânea.

Dizer que Lacan faz um retorno à maturidade da psicanálise, remete ao fato de que, neste período, Freud já constituiu seu objeto próprio de estudo, o Inconsciente, um objeto que não se adequa aos pressupostos científicos que a ciência positivista exigia, e que a Psicologia Contemporânea, para obter reconhecimento, tenta adotar. A psicologia desta época só aceitou utilizar os pressupostos psicanalíticos, desde que pudessem ser anexados aos seus próprios conceitos e mitos, não valorizando o objeto próprio da psicanálise, o Inconsciente. O retorno proposto por Lacan, com a aplicação que faz do modelo linguístico aos conceitos da psicanálise, além de anunciar uma volta ao seu verdadeiro objeto, o inconsciente e suas leis, o faz através do próprio discurso psicanalítico, a linguagem, utilizando para isto o próprio veículo pelo qual a psicanálise pode ser realizada - a palavra.

O próprio Freud enfatizara a importância da linguagem, e Lacan propõe que "o inconsciente se estrutura como uma linguagem"⁽²⁾. Os textos freudianos sobre os traços mnêmicos e os mecanismos ou leis do sonho, põem em cena dois mecanismos, o deslocamento e a condensação, onde Lacan vai reconhecer duas figuras de linguagem apontadas pela linguística - a metonímia e a metáfora. O inconsciente, uma estrutura superdeterminante, vai

(2) cf. op. cit. p. 244

aparecer à consciência mediado pela linguagem, principalmente através dessas figuras. Os significantes, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, organizam-se numa rede de associações metafóricas e metonímicas e vai deixando, no silêncio do recalçamento, o laço entre consciente e inconsciente (repressão primária).

Como nosso tema se refere ao pré-verbal, não poderíamos deixar de fazer uma incursão dentro da linguística estrutural e principalmente em Ferdinand de Saussure, pioneiro e inspirador de seus métodos, com uma revisão dos seus conceitos, no que diz respeito à formação da linguística estrutural.

O estruturalismo não é uma doutrina nova, não é uma filosofia, e sim uma maneira nova de questionamento diante do objeto. Várias filosofias e ideologias cabem dentro do estruturalismo. A filosofia não existe no momento em que se projeta, mas quando se transforma em diferentes discursos; não existe estruturalismo ideal porque, se ele existe, assim como a filosofia, está nas suas manifestações. O estruturalismo possui um grande número de conceitos em permanente evolução alterando-se, corrigindo-se dialeticamente. É, pois, um sistema aberto.

"A fecundidade de uma ciência mede-se pelo valor operatório dos conceitos que nela se produzem e pelo modo como a cientificidade desses conceitos constitui simultaneamente a crítica da cientificidade das noções ideológicas. É esta a eficácia, própria do discurso teórico"(3).

(3) cf. Estruturalismo - Antologia de textos teóricos. Introdução Eduardo Prado Coelho - VII.

O estruturalismo incide sobre conhecimentos da etnologia psicanalítica, linguística, materialismo-histórico, materialismo social, para formalizar a diferença evolutiva pelo que a estrutura introduz. Já existia o termo estrutura. Aproximava-se de conjunto, totalidade, essência, figura, organismo e visão de mundo. É necessário diferenciar esses conceitos para saber o que é estrutura. Segundo Barthes, estrutura não designa um objeto preciso, definido, mas é um termo conveniente e indispensável para englobar um certo tipo de atividade e uma dita forma de linguagem. Sendo uma nova forma de linguagem contém implícita uma ideologia, pois um sistema de linguagem faz veicular pressupostos ideológicos, filosóficos, políticos, etc.

Não há linguagem neutra. Sobre a relação direta existente entre linguagem e representação mental do mundo real, afirma Bénveniste: "A possibilidade do pensamento está ligada à faculdade da linguagem, visto que a língua é uma estrutura informada de significação e pensar é manejar signos da língua". Portanto, cada teoria nova está em relação direta com uma linguagem nova.

A estrutura focaliza conceito de estrutura e diferenças no campo da linguagem; "para o estruturalismo, que é uma teoria da onipresença do discurso, toda relação é uma relação significativa"⁽⁴⁾. "A linguagem reenvia à realidade formando um organismo caracterizado ideologicamente pela estrutura"⁽⁵⁾.

Como pretendemos, em nosso enfoque, relacionar o estrutu

(4) Lacan, J. *Ecrits*. p. 265

(5) *op. cit.* nota 3. p. V-VI-VII.

ralismo com a psicanálise, vejamos como Lacan nos leva a esta relação.

A psicanálise descobre no inconsciente uma estrutura a ele subjacente, já que a letra é o suporte material que o discurso concreto vai buscar na linguagem. Não se pode confundir linguagem com funções psíquicas do sujeito porque a linguagem com sua estrutura pré-existe ao seu desenvolvimento mental. No trimônio natureza, sociedade e cultura, este terceiro termo é reduzido à linguagem, aquilo que distingue a sociedade humana das naturais.

A linguística estrutural nos remete ao algoritmo saussuriano no S/s onde significado e significante existem como ordens distintas e separadas pela barra resistente à significação.

Toda a linguística inspirada em Saussure é denominada estruturalista. O estruturalismo do século XX não introduziu em linguagem a noção de estrutura, que preexiste a ela, mas teve sua originalidade em refletir sobre a língua e as regras pelas quais uma língua se organiza e produz sentido. Existe uma organização ao nível do enunciado. Uma frase é composta por grupos de palavras que se reúnem em proposições. Existe um plano e uma regularidade, além de uma certa racionalidade.

Antes do século XIX, quando a linguística adquiriu status de ciência, o que havia era um estudo assistemático e dos factos da linguagem, especulações sobre sua origem e estudos de filologia.

1a. FASE - Os gregos, com estudos que abrangeram a Etimologia, Semântica ou Retórica, a Morfologia e Fonologia e Filologia

gia e a Sintaxe foram os primeiros a refletir sobre a línguagem. A gramática, mais voltada para a praxis, foi chamada TEKHNE Gramática por Dionísio da Trácia (século I a.c.) que os romanos traduziram por "Ars Grammaticas". Nasceu das "regras e das exceções".

Na Idade Média surge a famosa "Grammaire de Port-Royal", de base lógica, imitando a ordem necessária do pensamento.

2a. FASE - Em Alexandria surge a Filologia (século II a.c.) estudo que tendia mais para a elucidação de textos do que para a filosofia; mais marcadamente gramatical, dedicou-se à morfologia, a sintaxe e a fonética.

Na Idade Média, Friedrich August Wolf desenvolve a filologia e a escola alemã que tem seu nome, também estuda costumes, história-literária e instituições. Serve de base para a linguística histórico-comparativa (1777 em diante).

3a. FASE - Descoberta do Sânscrito entre 1786-1816; demonstração da analogia genética entre o latim, o grego e línguas germânicas, eslavas e célticas e o Sânscrito.

Franz Bopp (1791-1867) foi o fundador da linguística comparativa e a ele se deve o estudo sistemático das línguas afins como ciência autônoma. Com ele Rasmus Rask (1787-1832) e Jacob Grinner (1785-1863), o 1º estuda os pontos de contato entre línguas nórdicas e indo-européias e o 2º escreve a gramática comparada de línguas germânicas. É o criador das leis fonéticas - metafonia e apofonia.

Com a Filologia Comparada, a linguagem indo-européia desen

volveu-se enormemente.

A linguagem Comparativa do século XIX possuía um enfoque naturalista, seguindo-se um biologismo linguístico, de base física (leis fonéticas) onde sobressaem os neogramáticos.

A linguística Histórica desdobra-se numa fase culturalista (1890-1930), em oposição ao materialismo.

O culturalismo linguístico acredita que são as leis históricoculturais que condicionam as leis fonéticas, pois a linguagem existe enquanto instrumento cultural, sendo condicionada por fatores sociais, históricos, geográficos e psicológicos. Por ser mediada por esses fatores, não pode ser previsível e apresenta uma inconstância básica.

Sintetizando temos:

- FASE NATURALISTA (1810-1890) - preocupação com a história interna da língua;
- FASE CULTURALISTA (1890-1930) - preocupação com fatores externos, condicionadores da língua (histórico-culturais) (6).

François Wahl - na introdução do Livro de Oswald Ducrot diz que sob o nome de estruturalismo reagrupam-se as ciências do signo, os sistemas de signo.

Saussure tem o mérito de haver mostrado o reconhecimento de uma organização linguística. Seu livro, "Cours de Linguistique Générale", 1916 foi compilado por dois de seus discípulos: "Pressu

(6) cf. Para compreender Saussure-Castelar de Carvalho, ed. Rio, pp. 13-14-15-16.

por no elemento o sistema eis o que constitui, a nosso ver o contributo principal de Saussure ao Estruturalismo Linguístico"⁽⁷⁾. Saussure propõe um sistema que designa as regras internas, segundo as quais uma língua se organiza. Reconhece que a idéia em si mesma é uma "massa amorfa", "uma nebulosa" tanto quanto a matéria fônica, sem estar unida ao aspecto semântico. Para Saussure, os elementos, para terem alguma realidade, têm de estar relacionados com o todo e cada unidade tem de estar relacionada com outras: é com esta relação que a linguagem vai operar.

Expressa a idéia de que o fato linguístico não se dá imediatamente, como um objeto de ciência. Deve-se analisar a linguagem atividade complexa da comunicação em seus dois níveis: o fato imediato daquele que fala e, em uma realidade propriamente linguística, a língua, da qual a fala é a atividade individual, psico-fisiológica.

O que concerne à língua ("langue") está no campo social e o que concerne à fala ("parole") situa-se na esfera do individual. "A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro" (C.L.G.16)⁽⁸⁾. Há três concepções para "langue" - acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática funcional. A "langue" é uma realidade psíquica formada de significados e imagens acústicas: "Constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a u

(7) Ducrot - Estruturalismo e Linguística. p. 56

(8) Saussure, F. - Curso de Linguística Geral, p. 16

nião do sentido e da imagem acústica onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (C.L.G.23)⁽⁹⁾. Os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade utilizam-se de uma mesma gramática, que existe virtualmente no cérebro e através da fala ("parole") vão se comunicar com os que partilham da mesma língua.

Como instituição social: "a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre membros de uma comunidade". ... (C.G.L.22)(10)

Como realidade sistemática e funcional, Saussure considera a "langue" um código, um sistema, onde "de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica" (C.L.G.23)⁽¹¹⁾. "Um sistema de Signos que exprimem idéias"(C.L.G.24)⁽¹²⁾.

"A "parole" é o ato individual da vontade e da inteligência, na qual convém distinguir:

- 1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da "langue" no propósito de exprimir seu pensamento pessoal.
- 2º - o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações"(C.L.G.22)⁽¹³⁾.

É a própria "langue" em ação.

A "langue" é como uma instituição social que se impõe ao indivíduo coercitivamente, constituindo um elemento de coesão e organização social.

(9) Saussure, F. Curso de Linguística Geral p. 23

(10) Ibid. 22

(11) Ibid. 23

(12) Ibid. 24

(13) Ibid. 22

Diferentemente da "langue", a "parole" não se presta a um estudo sistemático, por ser um ato individual e não homogêneo. O homem pode fazer uso da "langue" mesmo sem ter acesso a "parole", pelos signos vocais que ouve. Mesmo sendo interdependentes, ambos são constituintes da linguagem "esses dois objetos

estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente: a "langue" é necessária para que a "parole" seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta (a "parole") é necessária para que a "langue" se estabeleça". (C.L.G.27)(14) .

São as implicações mútuas entre esses dois elementos que vão constituir o aprendizado da linguagem.

DUALIDADE SISTEMA-NÃO-SISTEMA - outra dicotomia básica refere-se a sistema ("langue") não-sistema ("parole"). Um sistema é formado pelas relações entre elementos segundo sua função. Saussure exemplifica com o jogo de xadrez. Cada peça tem uma função específica de acordo com as regras do jogo. Estas relações entre os elementos e os próprios elementos por si mesmos formariam a substância, "parole" e a função e forma de cada elemento equivaleria a "langue".

DUALIDADE DIACRONIA x SINCRONIA - Existem dois eixos básicos para os fatos linguísticos. Um eixo das simultaneidades, dito AB, onde se estudam as relações entre fenômenos que ocorrem ao mesmo tempo de forma sincrônica, e um eixo das sucessividades, dito CD onde se estudam as transformações ocorridas ao longo da história. Os fenômenos sincrônicos se relacionam aos aspectos

(14) Saussure, F. - Curso de Linguística Geral. p. 27

estáticos dos fatos linguísticos, à cada etapa que atravessam, às regras gramaticais, às relações que estas regras estabelecem entre os termos formando sistemas. Correspondem ao eixo associativo ou eixo da linearidade, ou paradigmático, do qual falaremos a seguir e a um eixo das unidades consecutivas ou sintagmático, dos contrastes e oposições.

"A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si"(C.L.G.116).(15)

Saussure chama de diacrônico tudo que diz respeito às evoluções como por exemplo a fala ("parole") às mudanças não sistêmicas.

Aqui, pode-se evocar também o jogo de xadrez. Cada etapa do jogo, o intervalo entre as jogadas, corresponde à sincronia. Cada pedra mexida alterará o estado sincrônico, mas cada alteração está determinada pela posição que a pedra ocupa no tabuleiro e pelo conjunto de regras; o que varia é o equilíbrio do momento, isto é, a sincronia. Cada um lance de pedra repercutirá na jogada seguinte e haverá um novo arranjo sincrônico. O conjunto de regras não é contado no tempo do jogo; é acrônico.

Saussure privilegia o enfoque sincrônico, ponto de partida para o Estruturalismo, em detrimento do ponto de vista histórico da linguística.

(15) Saussure, F. - Curso de Linguística Geral. p. 116

DUALIDADE-SINTAGMA x PARADIGMA - A sincronia se prende a dois eixos básicos - Um eixo associativo ou paradigmático ligado à linearidade e um eixo das unidades consecutivas ou sintagmático, onde um termo passa a ter valor em contraste com outro.

Saussure chama a relação sintagmática de relação "in presentia" (C.L.G. 143)⁽¹⁶⁾. Esta relação fala da forma, isto é, rede de relações da língua, palavras compostas, grupo de palava derivadas. As relações se dão por associação no eixo paradigmático. Foi HJELMSLEV quem os denominou paradigmáticas, ao dizer que todo elemento linguístico pode ser inserido num paradigma. Saussure fala que as "unidades do paradigma opõem-se, pois uma exclui a outra: se uma está presente, as outras estão ausentes". (C.L.G. 143).

O eixo paradigmático é o eixo da oposição - contrastiva e o eixo sintagmático da oposição-distintiva. O eixo sintagmático é articulado pela contiguidade e o eixo paradigmático pela similaridade.

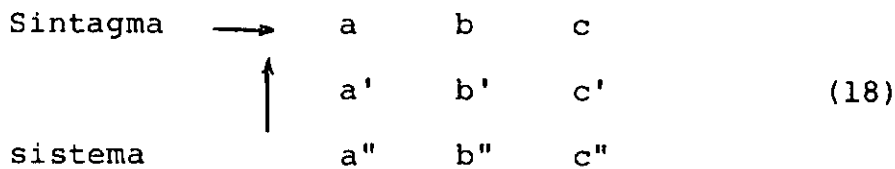
Chomsky, com a gramática gerativa, estuda as regras da ordenação de palavras, onde as frases mostram transformações e há regras que transformam frases mais simples em mais complexas num processo infinito. Para isto é mister juntar elementos que possam ocupar a mesma situação numa frase. Começa com uma sintagmática - Os elementos podem aparecer num contexto não só linear, de ordenação dos elementos, mas também quanto à sintática, ou seja, segundo as regras gramaticais. A sintagmática carac

(16) Saussure, F. Curso de Linguística Geral. p. 143

teriza os elementos numa "distribuição", conjunto de contextos possíveis. A paradigmática reagrupa os elementos por analogia quanto à distribuição dos elementos em classes; classes restritas, quase idêntica e classes amplas, apenas alguma semelhança⁽¹⁷⁾.

Barthes fala em sintagma e sistema. Obtém-se unidade de sintagma executando uma operação de decomposição. Obtém-se unidades do sistema inventando-se classificação - Exemplo: Arquitetura: Sintagma: colunas + capitéis + arcos - Sistema : (relação sintagmática) diversos estilos de colunas, de capitéis, de arcos. (relação associativa)

A frase falada é o melhor exemplo de sintagma.



Segundo Martinet, o que distingue a linguagem humana é a dupla articulação. A linguagem é formada por justaposição de unidades significativas mínimas, os monemas, a estes compostos de fonemas, com forma. A comutação acarreta uma mudança de sentido para o monema. A primeira articulação corresponde à divisão da frase em menores unidades dotadas de sentido. A segunda, corresponde as formas vocais sem sentido enquanto isoladas, mas que se combinadas com outros monemas formam novos morfemas.

(17) cf. Ducrot, Oswald - Estruturalismo e linguística. p.140

(18) cf. Barthes, Roland. Elementos de Semiologia. p. 71. Cultrix

Exemplo: Eu tenho dor de cabeça

Eu tenho dor de dente (outro contexto)

ca-be-ça - caneca (outro contexto)

c,a,b,ê,ç,a - forma vocal - caneta (outro contexto)

DUALIDADE SIGNIFICANTE x SIGNIFICADO - No início de toda ciência da linguagem está o signo. O Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem de T. Todorov e O. Ducrot diz ser difícil a tarefa de definir o signo pois, modernamente, tende-se a considerar não apenas entidades linguísticas, mas também signos não verbais ... "Todos os signos remetem necessariamente a uma

relação entre dois relata, mas a identificar simplesmente a significação com a relação, não se pode mais distinguir entre dois planos, no entanto bastante diferentes: por um lado o signo "mãe" está necessariamente ligado ao signo "criança", por outro o que mãe designa é "mãe" e não criança"(19)

Saussure designa por signo ou unidade linguística uma entidade de duas faces. O signo une não uma coisa a um nome, mas um conceito a uma imagem acústica, isto é, a representação da palavra fora de toda realização, pela fala. A imagem acústica não é som, mas a impressão psíquica do som.

Santo Agostinho diz que um "Signo é uma coisa que, além de espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer coisa"(20).

(19) Todorov, T. Ducrot, O - Dicionário Enciclopédico de Ciências da Linguagem. p. 105

(20) Dicionário. p. 106

Barthes afirma que o "Signo, na verdade, insere-se numa sé

rie de termos afins e dissemelhantes ao sabor dos autores: sinal - índice e alegoria, são os primeiros rivais do signo. Suponhamos, inicialmente, o elemento comum a todos esses termos: todos eles remetem necessariamente a uma relação entre dois relata; com este traço não se poderia distinguir então nenhum dos termos da série; para reencontrar uma variação de sentido é preciso recorrer a outros traços que serão apresentados aqui sob a forma de alternativa, presença, ausência.
 1) a relação implica, ou não, a representação psíquica de um dos relata; 2) a relação implica, ou não, uma analogia entre os dois relata; 3) a ligação entre os dois relata (o estímulo e sua resposta) é imediata ou não o é; 4) os relata coincidem exatamente ou, ao contrário, um ultrapassa o outro; 5) a relação implica ou não uma ligação existencial com aquele que dela se utiliza"(21)

Umberto Eco diz que o "signo é usado para transmitir uma

informação, para indicar a alguém alguma coisa que um outro conhece e quer que outros também conheçam. Ele insere-se pois num processo de comunicação deste tipo: fonte-emissor-canal-mensagem-destinatário".

Dá um sentido de mensagem ao signo. Identifica o Emissor com a Fonte, o Canal, com a transmissão de ondas sonoras pelo ar, e a palavra com a mensagem. "O signo não é apenas um elemento que entra num processo de comunicação (posso também transmitir e comunicar série de sons privados de significado) mas é uma entidade que entra num processo de significação"(22)

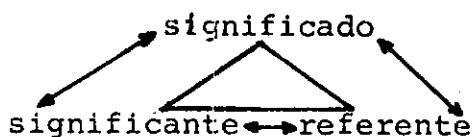
Distingue o que para os Estóicos era sistematizado num processo signico - o semainon - o signo no verdadeiro sentido, co

(21) Elementos de Semiologia. p.39. Roland Barthes, Cultrix

(22) Eco, Umberto - O Signo, p. 27.

mo entidade física. O semainomenon - o que é dito pelo signo e não é unidade física. O pragma - o objeto a que o signo se refere - entidade física - acontecimento - ação.

Esta classificação é proposta como ponto de partida para uma investigação semiótica posterior decorrente da história da filosofia da linguagem e da linguística.



Significantes - traduzido pelo que Eco chama de interpretantes do signo, como no dicionário

Idéia - conceito formado na mente

Código - regra elementar de significação. (23)

Para Buyssens, signo é definido como o menor elemento capaz de delimitar, a forma, e a significação ao mesmo tempo ser comum a dois semas, ou distinguir dois semas. Opõe signo a sema

e diz que o sema é que tem significação enquanto para "a parte de significação que cabe ao signo utiliza-se o termo significado, enquanto o termo significante designa a forma do signo"(24).

Discorda de Saussure e diz que sõ o sema pode atingir a significação, enquanto no signo, o significado sõ pode ser atingido

(23) Semiologia e Comunicação Linguística, p. 75- Buyssens

(24) cf. op. cit (23)

a partir do significante: o signo para este autor é pois uma associação de direção única: o significante é o meio de atingir o significado.

O autor que maiores contribuições trouxe à fundamentação de nosso trabalho, no que diz respeito à Linguística, é, contudo, Saussure, em função do modelo semiológico e da semiótica - um dos eixos suporte de nossa dissertação - da qual Saussure, ao lado de Peirce, são os mais expressivos representantes.

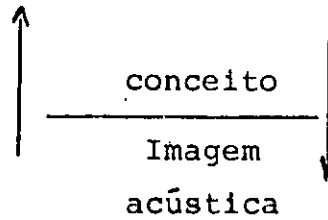
Há dois tipos de sinais, os naturais, que se manifestam em forma de indício ou contiguidade (fogo, fumaça), e os convencionais, que pressupõe cultura e que são o ícone - o símbolo ou signo.

Ícone - imagístico (não arbitrário) opera por semelhança - imagem - diagrama.

Símbolo - (semi-arbitrário) intermediário entre signo e ícone opera por contiguidade apreendida, instituída entre o significante e significado, (há semelhança entre o som piu-piu e o canto do pássaro, mas não há motivação entre o som piu-piu e o sentido).

Signo - totalmente arbitrário "união do sentido e imagem acústica". O sentido corresponde à idéia - conceito representação intelectual de uma realidade social aprendida. Conceito é sinônimo de significado, opondo-se à parte sensível que constitui o significante.

Saussure representa por este diagrama



ARBITRARIEDADE DO SIGNO:

Saussure fala do caráter arbitrário do signo, isto é, da ligação entre um significado e um significante ser arbitrária, convencional sem que intervenha nenhuma analogia. Existe entre elas uma analogia intrínseca se o significante apresenta analogia com o significado e extrínseca quando não há, no entender de Buyssens⁽²⁵⁾. Este autor nos diz que qualquer ato de comunicação constitui uma relação social. Fala num caráter que chama de modalidade, presente em frases interrogativas, afirmativas, imperativas ou optativas. Quando se fala deseja-se informar, interrogar, dar ordens ou tomar nosso ouvinte como testemunha de um desejo. As modalidades das sinalizações rodoviárias são duas: injunções e informações. Injunções, placas circulares azuis ou vermelhas, indicando obrigações e proibições. As informações são dadas pelas formas das placas, triangulares, retangulares. Os códigos, com apenas uma modalidade, como símbolos matemáticos, químicos, que são afirmativos, nada indicam. Toques de sino, clarim são imperativos.

Fala que, do ponto de vista sociológico, cada modalidade corresponde a um desejo de se estabelecer uma relação e é ela que

(25) Buyssens, *Semiologia e Comunicação Linguística*. Cap. I, pp. 29-38.

indica o gênero desta relação. As duas partes da significação são para o autor modalidade e substância, constituindo esta um mediador da direção do pensamento, como se pensou, mas que a substância é em si, um fato social. Define o ato de comunicação como "um ato por meio do qual, ao conhecer um fato perceptível,

associado a um certo estado de consciência, um indivíduo compreenda o objetivo deste comportamento e reconstitua na própria consciência aquilo que se passa na do primeiro".

Quanto à significação desse ato comunicativo, esta se define como a "influência que procuramos exercer no espírito daquele a quem nos dirigimos". Acrescenta observações sobre os motivos escolhidos para se falar ou calar dizendo que não são da competência da linguística.

Chama de sema um objeto da semiologia cuja relação concreta (ato sêmico) permite a comunicação.

Considera semias os processos gráficos matemáticos, os gestos dos trapiches, e o estabelecimento da divisão das semias se dá por oposição significativa. As mais importantes semias são as línguas. Também são semias: signos gráficos, gestos (dos trapiches, dos Índios, para comunicar com outra tribo) código do signo (do revisor tipográfico, receptores de rádio, marcas de fábrica, placas comerciais, uniforme de soldados, etc.) Exclui das semias o alfabeto, código Morse e Braille, porque necessitam que se saiba a língua para usá-los e a arte que só se torna sêmica quando é manifestação espontânea. "O caráter sêmico de um fato ou objeto depende da função que lhe atribuímos" (26)

(26) Buyssens, Eric-Semiologia e Comunicação Linguística. Cap. I, pp. 29-38.

Linguistas como Jakobson, Bénveniste e Barthes criticam a arbitrariedade do signo. Para Barthes, são convencionais, já que existe um acordo entre os indivíduos para utilizá-los, para que possam ser entendidos. Nos signos motivados, o significante auditivo ou visual tem um caráter semelhante ao caráter do significado. O liame entre significante e significado é inerente à natureza do significado, portanto intrínseco. Os motivados são intrínsecos e os imotivados ou arbitrários, extrínsecos.

Bénveniste diz que o signo não é arbitrário se não em relação à coisa, mas em relação ao conceito há uma relação necessária e íntima.

Jakobson fala de relações diagramáticas com seus significados. Os fonemas sofrem acréscimo nos adjetivos comparativos e, nas palavras onomatopaicas de língua inglesa, há uma relação interna possível entre significante e significado.

O signo é simultaneamente marca e falta, originalmente duplo. É uma entidade que: 1) "Pode tornar-se sensível; 2) Para um grupo definido de usuários assinala uma falta nela mesma" . Saussure define esta parte sensível no significante e a parte ausente no significado. A relação entre elas é a significação.

O signo é institucional e supõe uma sociedade para utilizá-lo mesmo que reduzida a uma pessoa (posso utilizar signos para mim mesmo) mas só uma sociedade o institui como tal.

O conjunto de significados forma um continuum explicado pelos filósofos e psicólogos como conceito, essência, pensamento.

Distinguem-se a significação da função referencial, às vezes denominada denotação, que se produz entre um signo e um referente. Signo é um referente ao nível físico.

"O significado não é a coisa mas uma representação psíquica da coisa"(27)

Os dois elementos, significante e significado para Saussure "estão unidos intimamente e um reclama o outro"(28)

Dizer que o signo se substitui por outro nem sempre é possível, pois não se pode inserir, nem o referente, nem o sentido para substituir as palavras numa frase. Na sua totalidade "um signo é um ato de unificação de um significante e um sentido , ato que engendra a significação"(29).

Saussure introduz a idéia de valor que está ligada a idéia de forma. Exemplifica com uma folha de papel onde o pensamento é o anverso e o som o verso. Não há possibilidade de isolar um do outro a não ser que se fizesse uma abstração onde se chegam a duas resultantes - fazer ou Psicologia ou Fonologia.

O papel da língua é o de articular dois planos, estabelecendo relações entre planos fônico e psíquico. É aí que se insere o valor, que não se restringe à sua significação, já que poderia ser isolável do sistema do qual faz parte. "Somente o sis

(27) Barthes, Elementos de Semiologia, p. 46.

(28) Saussure, F. Curso de linguística Geral, p. 80

(29) cf. Saussure, F. ibid. p. 80

tema todo da linguagem vai lhe dar sua especificidade pela oposição aos outros signos". O valor diz respeito ao fato de que a língua é um sistema onde existe um encadeamento, onde os termos são solidários. O valor de uma palavra resulta da presença simultânea de todas as palavras da frase. É determinado pela idéia pela qual ela pode ser trocada, isto é, a dessemelhança, em outras palavras, a oposição. "Para que haja signo (ou

(valor econômico) é preciso, portanto, poder permutar coisas dessemelhantes (um trabalho, e um salário) um significante e um significado é, por outro lado comparar coisas similares entre si ..."(30).

Pode-se trocar palavras por idéias e também compará-las com outras palavras similares "Mutton" só adquire seu próprio valor a partir da coexistência de "Sheep". É a partir desta dupla determinação, significação e valor que se fixa o sentido. O valor provém da significação e é até mais importante que ela. "O que há de idéia ou de matéria fônica em um signo importa menos do que há a seu redor nos outros signos"(31)

A significação local de um elemento na frase determinada por suas correlações com os outros elementos não nega a existência da significação enquanto tal. Peirce afirmava que, para se compreender um signo, é preciso um ouvinte e um ouvinte é um intérprete (interpretante), o que significa que um ou um conjunto de signos concorrentes do signo em questão são armazenados na memória e se prestam a substituí-lo.

(30) Barthes, R. Elemento de Semiologia, p.57

(31) Ibid. p. 58. Cit. de Saussure

Foucault joga com o nível das coisas e da prisão delas na representação, o que pode acontecer ou não, podendo sofrer mutações. A idéia é um conceito. Posso ouvir o aparelho fonador emitir a palavra "Homem" cujo som pode até ser gravado, mas é na relação significante - significado (conceito) é que está a linguagem.

Entre uma coisa, e o que se fala da coisa, não há contradição, elas estão em ordens distintas. A contradição está na referência do discurso, nível linguístico, no qual estão os termos, sentenças, linguagem; o nível conceitual; designação, conceitos, proposição, teorias, referência, propriedade; nível físico; coisas, fatos.

LINEARIDADE DO SIGNIFICANTE - existe no signo um caráter linear, ou seja, as unidades significantes sonoras das línguas faladas se sucedem no tempo e a ordem de emissão é fundamental para o sentido.

Estas unidades são discretas, formadas de partes separadas e distintas que se opõem umas às outras sem variação quantitativa, descontínuas e separáveis.

"Toda unidade linguística tem valor único sem matizes intermediárias"(32)

Saussure lembra que a linearidade é do significante e não

(32) Borba, F.S. Pequeno vocabulário de Linguística Moderna, 58 in Para compreender Saussure).

do significado. Assim diz: "O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo unicamente e tem as características que toma do tempo:
a) representa uma extensão e
b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha"(33).

Noam Chomsky, aluno de Harris, propõe uma concepção gerativa da linguagem, contrária aos distributionistas. Sustenta o valor da fonologia e da sintaxe de uma linguagem, como sistema formal, sem referência a considerações semânticas. Vê a linguagem como um instrumento para a expressão de um significado e seu estudo fazendo parte da biologia humana.

Fala de uma gramática enquanto estrutura mental e uma gramática do linguísta, estrutura que explicita as formas, regras e princípios da gramática que existe na mente daquele que fala. Esta gramática tem o poder de gerar as sentenças da língua e, embora "a língua gerada seja infinita, a gramática em si é finita, sendo representada num cérebro finito"(34). Diz que a gramática gera as estruturas das sentenças de maneira forte e de maneira mais fraca, as sentenças que descreve.

Defende o inatismo da organização da mente humana assim como existe um inatismo quanto ao funcionamento das faculdades da visão, audição etc. Chomsky deparou com dificuldades no progresso do estudo sobre as bases biológicas para as capacidades linguísticas humanas, principalmente no que se refere à impossi

(33) Saussure, F. Curso de Linguística Geral, p. 84

(34) Chomsky, N. - Regras e Representações. p.167

bilidade de experimentação, o que, no caso do aparelho visual, pode ser feito em pesquisas nos animais superiores, em se tratando da linguagem, torna-se tarefa difícil.

Eric Lenneberg fez investigações importantes sobre a linguagem e a biologia cujo objetivo foi "reafirmar o conceito da base biológica das capacidades linguísticas, e tornar as hipóteses tão explícitas que possam ser submetidas a testes empíricos"⁽³⁵⁾, no que tem a concordância de Chomsky. Identifica a capacidade linguística com outras capacidades físicas dos órgãos do corpo e este estudo visa uma investigação sobre sua organização, funcionamento e desenvolvimento no indivíduo e na espécie.

Lenneberg propõe uma matriz biológica da linguagem que tem, no que chamou gramática universal, "princípios", condições e regras, que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas, não por mero acaso, mas por necessidade"⁽³⁶⁾, a confirmação de seus princípios. Acredita num mecanismo inicial, inato, que é responsável por uma estrutura que organiza a linguagem; as estruturas cognitivas que se desenvolverão de acordo com o desenvolvimento do indivíduo. A linguística estudaria, de uma forma abstrata, os mecanismos referentes a este estado mental inicial fixo, geneticamente determinado e comum à espécie e a evolução, até um estado estacionário, onde apenas ocorreriam

(35) cf. Chomsky, N. - cita Lenneberg in Regras e Representações p. 141.

(36) cf. Chomsky - Reflexões sobre a linguagem. p.28

pequenas modificações.

A linguística e a psicologia ficam muito próximas dentro da visão de Chomsky, pois o uso das regras gramaticais que compõe a "gramática universal" é chamado de competência (ou conhecimento da linguagem) e é do campo do estudo linguístico. Vejamos como define competência: "o sistema de regras e princípios

que supomos ter sido internalizado, de algum modo, pela pessoa que fala uma língua e que permite ao falante, em princípio, compreender qualquer sentença e produzir sentenças que expressem seu pensamento" (37)

O desempenho é do campo da psicologia e "interessa-se pelos

processos de produção e outros semelhantes que utilizam o conhecimento obtido, e pelos processos através dos quais se dá a transmissão do estado inicial do estado final, isto é, a aquisição da linguagem"(38).

Esta divisão é mais metodológica do que prática, pois, uma pessoa interessada num aspecto, sempre deverá levar em conta o segundo e a junção desses dois aspectos trará (e isto é enfatizado por Lenneberg) enorme contribuição para a psicologia.

A criança, exposta à linguagem, consegue sem grande esforço absorver e usar intuitivamente, para transmitir seu pensamento, regras e estruturas altamente elaboradas da língua, e isso numa idade muito precoce. Consegue criar novas idéias, ter acesso a novas percepções de formas abstratas da estrutura da linguagem. Já percebe as estruturas gramaticais por algum prin

(37) Chomsky, N. - Regras e Representações. p.153

(38) Ibid. p. 153

cípio geral da linguagem, podendo também usar frases interrogativas, o que tem por base modos de cognição.

É o meio ambiente que aciona e, em parte, molda estruturas cognitivas que vão constituir a aprendizagem da linguagem; este efeito moldador pode ser verificado. Ainda não é clara a maneira pela qual esses processos se desenvolveram, se moldados pela experiência, ou se já existem processos intrínsecos que a experiência aciona. No mundo do organismo físico existe uma base genética que é dependente de fatores externos que tanto acionam quanto moldam a realização do plano genético⁽³⁹⁾.

Chomsky considera o estudo da linguagem, o "espelho do espírito", de capital importância para se ter acesso à utilização do pensamento tanto nas relações interpessoais, quanto nas produções individuais, científicas, artísticas e intelectivas. O ser humano é o único que tem o uso apropriado e criativo da linguagem através dos meios fornecidos pela função simbólica.

Houve um interesse por parte dos psicólogos numa teoria linguística que enfatizasse o modelo de como o falante podia produzir um número infinito de frases numa língua e dos padrões que o ouvinte usa para interpretá-las e o desenvolvimento, a nível da gramática particular de um "sistema cognoscitivo que foi desenvolvida inconscientemente"⁽⁴⁰⁾. Esta é a meta da gramática gerativo-transformacional.

(39) Chomsky, N. - cf. Regras e Representações. p.34

(40) Chomsky, N. - Pensamento e Linguagem, p.44

Chomsky inspirou-se nas idéias dos séculos XVII e XVIII acerca de linguagem e pensamento. Refere-se a elas assim: "de a

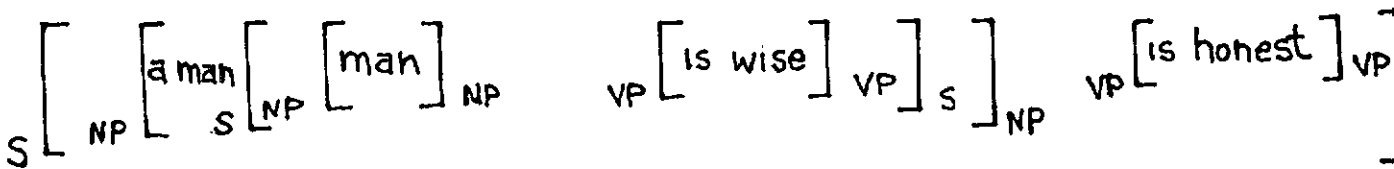
cordo com esta concepção tradicional, um sistema de proposições que exprimem o significado de uma sentença, é produzido no pensamento quando a sentença é realizada como sinal físico, sendo os dois relacionados por certas operações formais que na terminologia corrente podemos chamar transformações gramaticais"(41).

Surgiu, então o que denominou estrutura de superfície da sentença, relacionada a sua forma fonética, sinal físico, acústico, entonação e uma estrutura profunda subjacente, que determina o significado, de caráter mais abstrato, regras de interpretação semântica, o que está no espírito.

A estrutura superficial corresponde ao sujeito e predicado (o léxico) e a estrutura profunda subjacente à primeira, onde duas proposições se interrelacionam para formar o significado. A estrutura superficial vem da estrutura profunda.

Exemplificando:

1. ESTRUTURA PROFUNDA

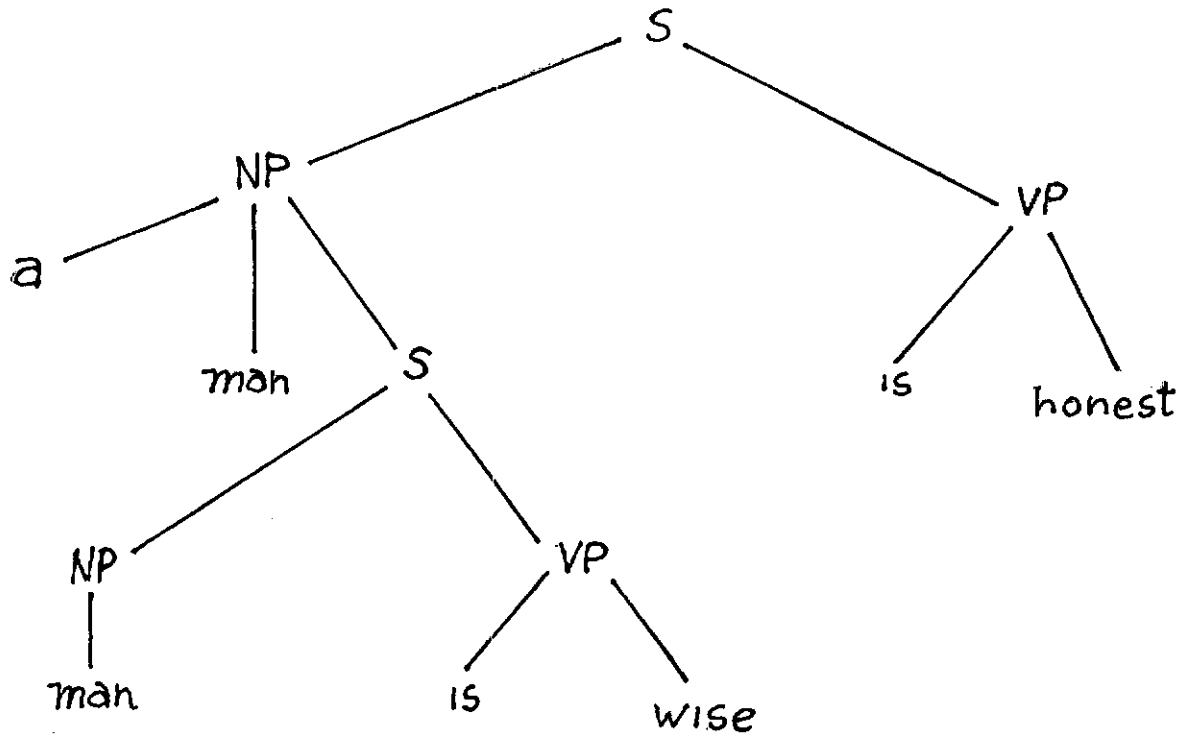


2. ESTRUTURA SUPERFICIAL

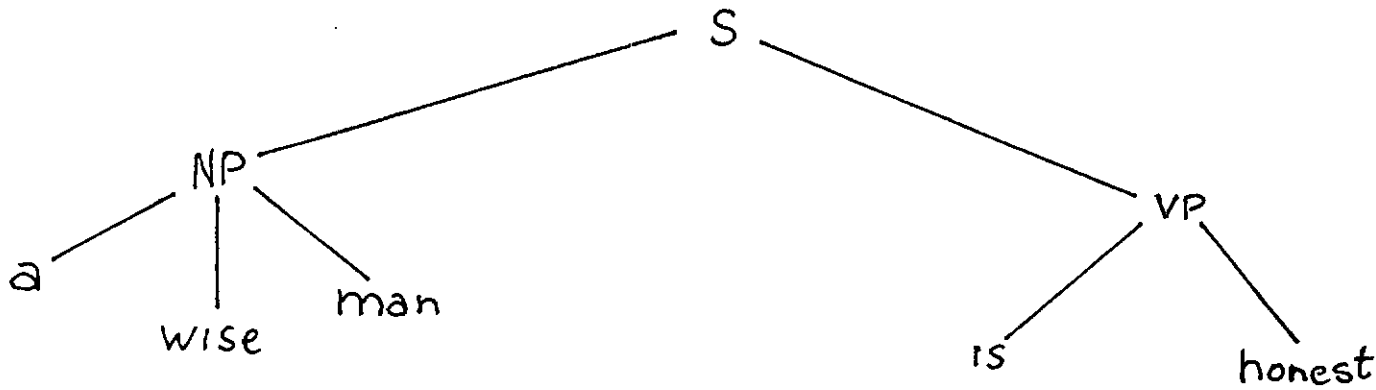


(41) Chomsky, N. - Pensamento e Linguagem, p. 45

1'



2'



NP = nominal phrase - frase substantiva

S = sentença que a denomina

VP = verbal phrase - frase verbal

S de 1 e 2 (1' e 2') funções gramaticais de sujeito e predicado.

1. Estrutura profunda - significado - "man"

"be wise"

2. Estrutura superficial - "a wise man in honest" (42)

A sintaxe da língua é dada por dois sistemas de regras: o sistema de base, engendrador das estruturas profundas e o sistema transformacional responsável pela passagem das estruturas profundas às de superfície que obedece às regras da transformação.

O desenvolvimento que fazemos aqui acerca das idéias de Chomsky dizem respeito a algumas semelhanças que se verifica entre a estrutura profunda e a estrutura de superfície com a forma pela qual Lacan emprega o algoritmo saussuriano S/s e o desenvolvimento que faz sobre a estrutura da cadeia do significante que, como a linguagem, é uma cadeia articulada.

A linguística estrutural, porém, não dá conta das categorias do pensamento e do aspecto criativo da linguagem.

(42) Chomsky, N. - Linguagem e Pensamento. pp.45/46

O QUE FALA LACAN:

Lacan iniciou com sua tese de doutoramento em 1932 com o tema "La psychose Paranoïaque dans Les repports avec la Personalité". Sua incursão à psiquiatria deu-se através da psiquiatria clássica de Kraepelin, quem mais o influenciou como mestre. Foi através dos estudos sobre fantasia e da função do "eu ideal" que iniciou seu encontro com Freud e, em 1936, adere ao movimento psicanalítico no XIVº Congresso Internacional de Marienbad apresentando um trabalho sobre "Le Stade du Miroir".

Tendo iniciado seus trabalhos na Clínica da Faculdade, no Hospital Sainte Anne, deu continuidade às suas idéias através dos Seminários da "École des Hautes Études na École Normal Supérieure".

Fez parte do 1º Grupo que fundou a "Société Psychanalytique de Paris" em 1926 que foi muito atuante nos seus primeiros tempos, fazendo parte nomes famosos como Marie Bonaparte, Sokolonicka, Hesnard, Laforge, Lowenstein.

1953 marca o início de divergência no seio da "Société", surgindo uma nova sociedade cujos trabalhos eram publicados na revista "Psychanalyse", e Lacan torna-se um expoente das novas idéias em assunção, juntamente com Lagache. Seus seminários na École Hautes Études atraíam para si a atenção dos alunos e de um público notável do mundo cultural francês e também europeu. Sua orientação, dirigida à linguística e a filosofia da linguagem, realçando o papel primordial da linguagem na formação do inconsciente, gera uma tensão dentro da Sociedade Internacional de Psicanálise provocando a extinção da Sociedade Fran -

cesa, tornando-se necessário para Lacan e seus discípulos reunirem-se num novo grupo que se denominou "École Freudienne de Paris". Lacan foi proibido de lecionar e, segundo suas próprias palavras, sofreu uma excomunhão, proibido de sua praxis na formação de analistas. Foi então demitido de sua função de psicanalista.

Por influência de Fernand Braudel, presidente da Hautes Études Lacan pode continuar ensinando, e o fez em forma de seminários e em 1966 publica seus "Écrits", reunindo sob este título seus trabalhos.

Mais tarde alguns analistas franceses, discordando de alguns princípios lacanianos, formam o Quatrième Groupe - Organizations Psychanalytique de la Langue Française. Deste grupo faz parte Piera Aulagnier, autora sob cuja teoria versará parte do nosso trabalho, no 3º capítulo.

Faremos uma seleção de alguns temas do discurso laciano que estarão em relação direta com o estudo que fizemos sobre as obras de Freud e que dirão mais a respeito do tema escolhido para nossa dissertação.

A ESTRUTURA DA CADEIA DOS SIGNIFICANTES - A estrutura da cadeia dos significantes é, como a da linguagem, articulada. Esta articulação se dá segundo as normas saussureanas, nas quais as unidades se reduzem a elementos últimos, diferenciados, e se combinam segundo leis de uma ordem fechada. Lacan considera muito forte a união do significante com o significado.

Existe uma materialidade do significante que Lacan aborda

no Seminário sobre o conto de Edgard Allan Poe - "La lettre volée". "Mesmo que a carta seja cortada, ela continua sendo a carta que é"(43). A barra do algoritmo saussureano indica a hiância entre os dois sistemas Consciente e Inconsciente, mas para Lacan o sentido franqueia a barra, antes do que, já se, produziu o sentido, e este não é jamais fixado de maneira estável. "E esta possibilidade que a língua tem de significar outra coisa do que diz, determina sua autonomia em relação ao sentido"(44).

Em Lacan há uma defasagem em relação à linguística. A dimensão horizontal ou linear se perde como a produção da significação. Não é suficiente a linearidade do discurso, mas o peso é dado tanto pela dimensão da articulação paradigmática como também da sintagmática. A articulação paradigmática não deve ser pensada em termos fonológicos. Na poesia as palavras não se reduzem a seu significado, como na música os sons não se reduzem somente à polifonia. O sentido é o resultado de uma operação significante num espaço inter-textual.

A cadeia do significante tem autonomia em relação ao significado e há um deslizamento da significante sob a regência do inconsciente. Na análise da alucinação verbal Lacan mostra o efeito do significante quando o discurso deixa de oferecer signos, como no caso Schreber.

(43) Masotta, Introduction a la lectura de Jacques Lacan. "Seminaire sur la lettre Volée" - Lacan, J. Écrits

(44) Lemaire, Anika Rifflet - p.83 . Jacques Lacan. Uma Interpretação.

A psicanálise faz vir à tona, através de uma hermenêutica obtida pelas associações livres, as formações do inconsciente, os lapsus, os sonhos, os chistes e os sintomas que são sustentados por uma estrutura análoga à da linguagem, com suas leis distintas, nos registros do significante e do significado. A barra, resistente à significação no algoritmo saussureano, recebe o seguinte comentário de Lacan: "na língua ela simboliza o desvio do espírito na busca do sentido; na psicanálise simboliza o recalque do significado".

Fomos por este caminho introduzidos no campo da "cadeia dos significantes" de um discurso duplo, inconsciente e verbal, de sua inadequação e de seu afastamento num duplo sentido da distância entre o "dito e o vivido entre a própria essência e a manifestação da mesma no discurso falado".

AS ESTRUTURAS DE PARENTESCO - Lévi-Strauss, antropólogo que emprega métodos estruturalistas, tem em sua obra "Les Structures Élémentaires de la Parenté" (1949) um marco decisivo da antropologia social. Utilizou métodos da teoria linguística de R. Jakobson e a mecânica dos computadores digitais, e postulou que a estrutura do pensamento é binária, isto é, o cérebro humano opera em oposições, embora também possa operar de outras maneiras.

A antropologia social tem, como a linguística, ligação com o campo da Semiologia, cujo objeto é o processo de significação no campo social, através dos signos linguísticos, signos orais e gestuais, linguagem mítica, regras de casamento, sistema de parentesco, leis dos costumes e as trocas econômicas. A antropologia se ocupa, na semiologia, daquilo que a linguística ain

da não se apropriou como objeto de seu estudo. Ocupa-se em tornar mais completo e generalizado o discurso das ciências particulares como a economia, o direito e ciência política. Trata do modo como os sistemas, tais como os de crença, o totemismo e formas diversas de organização social estão significados e da análise mais geral da sociedade primitiva. Os elementos que foram retidos ou excluídos nesses sistemas representam escolhas significativas que cada sociedade realiza no decorrer de seu desenvolvimento⁽⁴⁵⁾.

Barthes, Foucault, Ricoeur e Lacan são nomes proeminentes na sociologia, história, filosofia e psicanálise, assim como Lévi-Strauss o é na antropologia no que se refere a seu trabalho sobre as estruturas de parentesco.

Lacan partiu do estruturalismo linguístico, da fonologia da Escola de Praga, preocupando-se mais pela mente humana do que pela organização social, chegando até a existência de uma estrutura que subjaz aos fenômenos observáveis como uma trama oculta.

As sociedades primitivas apresentam uma norma comum que é a troca. O tabu do incesto é uma lei geral e é a pedra fundamental da sociedade humana.

Para Barthes, "a troca de presentes constitui um sistema, um código geral de linguagem para a expressão de relações. A troca de mulheres é um sistema dentro deste sistema; a troca de bens valiosos, que não mulheres, é um outro desses sistemas. A sequência rotineira de trocas que ocorre no contexto de um

(45) cf. Lévi-Strauss. Antropologia Estrutural II - Biblioteca Tempo Universitário 45 - pp.17-18.

determinado casamento, numa determinada sociedade do sistema"(46).

A troca de mulheres entre as tribos era o que estabelecia entre elas aliança política e apresenta analogia com o que ocorre com os signos linguísticos. Lá, como aqui, manifestava-se o pensamento simbólico. O intercâmbio de mulheres de uma forma exogâmica possibilitou a existência da sociedade e da cultura, e tinha como garantia, a lei da proibição do incesto, o inverso das leis de exogamia. A mulher mais próxima em parentesco não é objeto de satisfação sexual, mas objeto de troca, dentro de um sistema social, mantendo sua condição de existência. Sociedade é intercâmbio de símbolos e portanto uma forma de linguagem, no sentido lato da palavra.

É através de símbolos e signos que os homens se comunicam e esses lhes são intermediários. Foi através dos símbolos, pela linguagem, que o homem diferenciou a natureza e cultura, de animalidade para a humanidade. "Qui dit homme dit langage et qui dit langage dit société". (Tristes Tropiques , p. 42).

As leis estruturais e as leis que geram a sociedade são leis simbólicas e constituem o inconsciente, no sentido de Freud, cuja função, a função simbólica, é uma lei humana e universal. Lévi-Strauss descobre aí o inconsciente coletivo do "espírito humano", uma lei geral da linguagem.

(46) Leach, Edmund - As Idéias de Lévi-Strauss. p.97 cita Barthes, R. - Semiologia.

"Nous ne prétendons donc pas montrer comment les hommes pensent dans les mythes, mais comment les mythes se pensent dans les hommes et à leur insu"(47)

Lévi-Strauss procura chegar ao inconsciente coletivo através do mito, buscando em sua narrativa de tradição oral, associada ao ritual religioso, características que se repetem em temas elementares gerais como parricídio, canibalismo, incesto, etc. Como Freud, vê neles um sentido oculto subjacente a um manifesto que expressam atributos de um processo mental inconsciente (48) .

O inconsciente é constituído por leis estruturais que tem uma forma de expressão através da função simbólica. O simbolismo sócio-cultural e a linguagem são impostas ao homem como ordens pré-constituídas.

Este é o ponto de partida de Lacan. A existência biológica se inscreve numa lei da cultura, que se confunde com a ordem da linguagem (49) .

Num primeiro tempo, o imaginário ou o período pré-edipiano, a criança vive uma relação dual com a mãe referida à presença ou ausência, dominante na relação simbiótica, onde não há uma separação mãe-filho.

"A sintaxe deste percurso que dá origem ao sujeito do inconsciente, mostra que ele se funda no passa

(47) Op. cit. p.33 - Mithologiques, I. Le Cru et le Cuit.

(48) Op. cit. Nota 41 - p. 56

(49) Cf. Althusser - in O Estruturalismo. p.244.

do como logicamente disjunto (tempo de alternância) no futuro em termos de ressurreição da morte (ao ser suspenso de sua ausência pela repetição de seu contorno no extremo da cadeia) futuro anterior, esse que tem sua atualidade no presente como sujeito subjetivamente silencioso (caput mortuum do significante"(50)

Esta construção da rede é que vai nos apontar os limites da composição do simbólico, do real e do imaginário. O real tanto pode representar mundo pleno-presença, como ausência - mundo que se esvazia. Como o real não é pleno, é díspar, esta oposição aponta para uma singularidade que é zero, morte. A criança, num primeiro tempo, não é sujeito, mas lugar de uma falta, por que não está inserida no circuito simbólico da troca - narcisismo primário - onde vive o fascínio do imaginário do Ego, onde os dois momentos presença e ausência de mãe (o mais e o menos) apontam a singularidade - o vazio.

Na cadeia dos significantes ou estrutura do inconsciente, o vazio é vivenciado como "Caput Mortuum", zero do significante, o que não é idêntico a si mesmo. Pela negação da negação - vai resultar na passagem de 0 a 1, partindo-se da não identidade para uma identidade.

O IMAGINÁRIO - A psicanálise abrange um campo de maior extensão que o dos fenômenos psicopatológicos. Campo é aquilo que nos leva à idéia de uma função tópica, e o campo psicanalítico tem um alcance lógico e topológico. A metapsicologia propõe

(50) Tese de Mestrado de Circe Navarro Rivas. p. 69 - PUC/RJ.

que todo processo psíquico começa no inconsciente, e às vezes chega ao consciente. É ela que delimita o estudo do campo do inconsciente.

Na "Interpretação dos Sonhos", cap. VII, Freud fala de uma vivência de satisfação, onde um impulso, que é o desejo, busca um objeto.

Segundo a concepção estrutural de Lacan, há três registros estruturantes cujo papel essencial é constituir o sujeito no campo do desejo. "Registros que põe em ordem certas relações que se estabelecem dentro do campo do desejo" (51).

No imaginário é que se produzem as fantasias, imagens constitutivas que na psicologia clássica era chamado "imaginário" - no sentido adjetivado, enquanto em Lacan o termo é usado substantivamente. No "imaginário" lacaniano aparecem as fantasias, o sujeito é efeito do imaginário, ou seja, do desconhecimento - conhecimento, estruturado pelo símbolo, a palavra, que tem efeito de corte e que constitui o real do sujeito, marcado pela relação com o semelhante que o marca e o constitui.

"A fase do espelho não é um estágio bio-cronológico. É a relação com a imagem de um pai, irmão, mãe, numa relação da identificação com a imago, que só é conseguida pelo efeito da espécie humana. Por estar a criança numa fase de prematuridade biológica, seu ego vai se constituir a parte da imagem de seu semelhante - o ego especular.

A matriz da constituição do sujeito é formada pelas correlações exterioridade x interioridade, imaginário x realidade, unidade x dispersão, antecipação x prematuração, presença x ausência. A identificação

(51) Vallejo, Américo - Topologia de J.Lacan. Del Narcisismo. p. 97.

a sua própria imagem no espelho sô vai ser substituída pela identificação à imagem do semelhante. O semelhante vem ocupar agora o lugar que ocupava Narciso do lado de cá da tela imaginária do espelho"(52).

Neste momento, surge a agressividade hos ciúmes primordiais; "a agressividade é tendência correlativa de um modo de identificação que nós chamamos narcísica e que determina a estrutura formal do eu homem e do registro de entidades características de seu mundo"(53). "É preciso que morra Narciso para viver o significante. É nesta relação que surge o terceiro, tanto como objeto, como tríade nuclear. É onde surge o "je" do eu e do tu, e onde aparecerá a demanda"(54). "É por esta mediação que surge para o sujeito o efeito estruturalmente do simbólico". Neste momento a imagem do corpo é o que oferece ao sujeito a primeira forma do que lhe permi

Masotta, O. - Introducción a la lectura de J.Lacan. p. 104.

(52) Masotta cita o trabalho de Lang - Antes dos seis meses um estado de curta duração, onde há uma confusa apreensão da realidade" e que conduz de imediato à substituição do prazer, à quietude, e do desejo à necessidade.(Lang cita os trabalhos de Spitz). Não é demais recordar aqui, que Lacan não se esquece de assinalar que há uma primeira captação (da criança) pela imagem onde se busca "o primeiro momento da dialética da identificação. Está ligado a um fenômeno da Gestalt, a percepção precoce da criança da forma humana, forma que, se sabe, fixa seu interesse desde os primeiros meses, e para o rosto humano, desde o décimo dia".(p.104) Masotta continua citando Lang, que diz que entre 4 e 6 meses a criança percebe, preferencialmente, a mãe, como objeto exterior, o que vai prenunciar a fase do espelho, que se situa entre 6 e 18 meses. Correlaciona esta noção de objeto parcial ao "corps morcelé", comparando a ansiedade de do 8º mes de Spitz como as tensões que surgem quando a fase especular começa a se constituir. Divide-a em duas etapas: primeira - Imago do "corps morcelé" é responsável pela antecipação à imagem no espelho antes de alcançar o esquema corporal; segundo - constituição do esquema corporal, sobre o reconhecimento no real do eu do outro. Esses conflitos e tensões se reestruturam com a entrada do 3º personagem, que marca a passagem ao 3º registro, o simbólico e uma "terceira dimensão" ("tempo, projeção problemática no tempo, duração, ritmo e ausência"). (cf. p. 105).

(53)

Lacan, J. "L'agressivité en psychoanalyse", p. 110.Écrits.

(54)

Lacan, J. - Sobre a demanda - Écrits - p. 109

te ligar o que é do eu e o que não é" (55).

É onde o espaço se cinde entre o real e o imaginário.

É o paradoxo de uma completude da imagem no imaginário que marca a incompletude do sujeito real.

O eu é o lugar das identificações imaginárias do sujeito. É também o lugar da projeção do outro, das fantasias. Ele se constitui numa "Manque à être" (falta de ser).

Não se pode ter acesso ao imaginário do sujeito senão através do simbólico, e aquele é marcado pela história individual, pelos mitos familiares, enquanto o simbólico traz a marca do cultural, da ordem e do social. Estes dois registros que se entrecruzam e interpenetram vão constituir a individualidade do sujeito. É o simbólico que vai relatar o imaginário, e traduzi-lo na relação analítica. Mas aí haverá sempre um vazio, um branco e uma mentira.

"E assim que se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é que ele é primeiro tomado em seu ser. A ilusão de que ele a tinha formado por sua consciência provém de que é pela via de uma hiância específica de sua relação imaginária com seu semelhante que ele pode entrar nesta ordem como sujeito" (56)

SPALTUNG - "Spalte" quer dizer fenda. "Spaltung" é a separação que funda uma estrutura. O sistema psíquico é um sistema descentrado. A matriz da parte desconhecida é a letra, o significado

(55) Vallejo, A. - Topologia de J.Lacan del Narcisismo, p.110

(56) Lacan, J. Écrits. p. 59

cante. A identificação com o outro e a repulsão pela agressividade são dois processos combinados. O ego não é o ponto central do sujeito, sua ordem axial não está aí. Ego é um núcleo particular no interior da experiência do sujeito, objeto que tem uma função, a função imaginária. O objeto real não é o do espelho. Consciência é a reflexão de um objeto no espaço imaginário. A imagem é um efeito físico. A área estriada do lobo occipital é como uma superfície de um lado refletindo uma montanha. É aí que a imagem se forma para o homem, numa estrutura bio-física.

A divisão entre o psiquismo mais íntimo consciente e o discurso inconsciente, cria uma estrutura oculta. O discurso mediatiza o sujeito como autonomia que não pode ter um referente interno no próprio discurso inconsciente. Os pontos de fuga são a metáfora, a metonímia e os sonhos.

A ordem simbólica é uma ordem que organiza a relação do sujeito com o mundo, sem relação com o mundo imediato. "A função simbólica é função de mediação pela qual um sensível se investe de um sentido" (Cassirer). É uma ordem terceira que está entre o sujeito e o mundo real, e pelos conceitos organiza o mundo, a princípio caótica e disperso. O sujeito é efeito da linguagem. Recebe o mundo como uma cadeia onde ele está situado. Já está inscrito nas formas culturais da sociedade.

A relação do simbólico com o real é o que J.Allan Miller chama de sutura. O estilo desta relação é o de uma falta, não totalmente excluída uma vez que está em relação com outros significantes.

O ESTÁGIO DO ESPELHO - O estágio do espelho é, uma das pedras angulares onde se apóia a teoria de Lacan, constituindo-se como indispensável para a compreensão de sua análise que amplia, de maneira extraordinária, o conhecimento da psicanálise atual.

É por meio do entendimento dos articuladores teóricos do estágio do espelho que podemos entender o problema do narcisismo primário, o simbólico, a Ordem, a Lei, a Castração e o Outro.

Segundo Américo Vallejo, autor de "Topologia de J. Lacan - del Narcisismo", "existe uma mediação entre o fato experimental do espelho e da chamada fase do espelho, como de desenvolvimento teórico já acabado, mediação esta que consiste num certo ler o espaço da referida experiência e que chamaremos Topologia".(57)

A leitura do espaço psicanalítico e as relações nele existentes seriam objeto da Topologia, enquanto que o resultado obtido da leitura do que acontece neste espaço constituem a Tópica, aquilo que também permite pensar na formulação conceitual do estágio do Espelho.

Da topologia provém a tópica para se obter uma conceitualização e não apenas uma descrição fenomenológica desta experiência especular e é por meio dela que se pode pensar o "narcisismo primário" e a antropogênese da espécie. Diz o autor: "O espelho é o referente tópico que nos permite por sua introdução falar de um espaço topológico"(58). É aí que vão surgir dois

(57) Op. cit. p.14

(58) op. cit. p. 19

espaços, um real e um virtual, ou seja, um espaço diante do espelho e outro por detrás do mesmo.

A colocação de um espelho plano vai fazer surgir um espaço refletido no qual, aquilo que era real aparecerá como um espaço virtual. Isto nos leva ao raciocínio básico para entender a teoria lacaniana da constituição do sujeito: o real só aprecerá como real porque existe o virtual. O sujeito, portanto, só vai existir na medida em que existe o outro que lhe dá a medidada de sua existência, que lhe confirma como ser.

No início há um infans, que na teoria lacaniana é aquele que não fala, e que é falado, portanto está marcado como falante por um outro que fala desde o registro do simbólico, isto é, da linguagem.

O "infans" não dispõe da linguagem, portanto, não está estabelecido como sujeito singular. Nas permutações do eu e do tu vai ser designado como ele. Entra no discurso pela metáfora paterna, isto é, o nome do pai, passando a desejar a mãe, não incluído no desejo da mãe, mas por um desejo de ser o que a mãe deseja.

Este ser caracteriza-se pela fragmentação, por uma falta de unidade, um nada. A imagem do outro se lhe apresenta como um olhar no espelho e uma visão de um campo virtual situado atrás do espelho. Os objetos que capta não são aquilo que ele é, mas aquilo que pretende ser, imagem antecipada de si mesmo, numa imagem da espécie humana, mas uma imagem virtual.

É pelo processo da maturação fisiológica que o sujeito vai integralizar o domínio do seu próprio corpo, concebido como totalidade. É pelo domínio imaginário de um corpo total que vai poder alcançar o domínio do real. Esta antecipação é dada pelo imaginário, antes mesmo que seu domínio psicológico esteja completado. ... "A forma total do corpo, graças a qual o sujei

to se adianta numa miragem a maturação de seu poder, não lhe é dada senão como uma Gestalt, quer dizer, numa exterioridade, de onde, sem dúvida, esta forma é mais constituinte que constituída, mas que, onde sobretudo aparece um relêvo de estatura que a coagula e sob uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que se exprime a si mesmo animando-a"(59).

Em seu artigo "Le stade du Miroir comme formateur de la fonction du je" (XVI^e Congrès International du Psychanalyse, Zurich, 17 Juillet 1949). Lacan trata dos aspectos comportamentais de uma criança de um ano, comparada a um chipanzé, que a ultrapassa em inteligência, em poder reconhecer sua imagem num espelho, reconhecimento este, assinalado por uma mímica especial "ouï: pour Köhler s'exprime l'aperception situationnelle, temps essentiel de l'acte d'intelligence" (60). Baldwin diz que este acontecimento pode-se produzir desde os seis meses, estando o bebê suspenso ao colo, ou sendo conduzido num carrinho. A criança faz um movimento de pender-se para a frente em direção ao espelho e num ato jubilatório fixa atentamente a imagem aí reproduzida. Até a idade de 18 meses, esta atividade conserva o sentido que

(59) Lacan, J. - Écrits. p.91

(60) op. cit. p.89

lhe dá Lacan - "et qui n'est pas moins révélateur d'un dynamisme libidinal, resté problématique, jusqu'alors, que d'une structure ontologique de monde humain qui s'insere dans nos reflexions sur la connaissance paranóiaque"(61)

Há uma necessidade de manter a união daquilo que está disperso, restaurar a unidade, acatar uma ilusão de individualidade naquilo que aparece como imago da espécie. "O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao Ich-Ideal"(62).

A realidade de uma imagem unitária, tal como é antecipada para o indivíduo, tem para ele um valor sedutor, tal qual a imagem de Narciso. Há aí um narcisismo relacionado à imagem corporal, situado ao nível da imagem real.

Esta captação do outro é promovida pela função escópica que é uma pulsão. O olhar tem uma prematuração em relação às outras funções privilegiadas, recortando a imagem do outro que retorna sobre o sujeito numa "imago de um corpo próprio".

Este reconhecimento de um corpo próprio integrado, ou seja, o reconhecimento de si mesmo pela criança se dá gradativamente. Num primeiro momento, a criança confunde o reflexo com a realidade, confunde-se com a imagem que tenta pegar e procura comparar a imagem de si mesma, no espelho, com a do adulto que a segura. Num segundo momento forma-se a noção de imagem e existe um conhecimento de que o reflexo não é um ser real. Num tercei

(61) op. cit. p. 90

(62) Lacan, J. O Seminário, p.148

ro momento pode verificar a diferença de sua imagem da do outro, e procura notar seus movimentos no reflexo do espelho, as-sim como o faz observando outras crianças. A criança no início não tem uma representação de seu corpo como um todo, impedido que está pela falta de maturação neurológica e psicomotora⁽⁶³⁾. A representação de seu corpo é de um corpo despedaçado, o que se pode verificar nos relatos de sonhos de esquizofrênicos, nos fantasmas de mutilação, deslocação, devoração e nas pinturas de Jerome Bosch, ou dos espasmos e da histeria.

Há um compromisso libidinal caracterizado pela função do olhar, deste "outro-objeto" que prefigura ao infans uma imagem unitária, contrapondo-se à fantasia de um corpo fragmentado. "É este momento de apreensão de uma unidade frente ao disperso de sua própria existência, aquilo que porá em movimento a dialética do estágio do espelho"⁽⁶⁴⁾, da alienação e da subjetivação.

O outro que é representado pelo "a" pequeno é quem instaura o infans como um proto-sujeito, através de um compromisso libidinal proveniente de seu olhar, que vai posteriormente impulsionar o desejo do outro. O sujeito será num tempo futuro o desejo do desejo do outro, o que impulsionará e criará seu próprio desejo numa dialética com o outro.

Existe um paradoxo fundamental: se por um lado as funções do eu estruturam para o homem uma realidade, por outro, lhe indicam sua alienação de si próprio, neste primeiro tempo que

(63) cf. Rifflet Lemaire, A. - Jacques Lacan, uma introdução. p. 23.

(64) Vallejo, A. - Topologia de J. Lacan. Del Narcisismo. p.50.

constitui a imagem de si mesmo refletida no espelho, que segundo Lacan é o Ur-ich, a forma original do Ich-ideal; seu protótipo, a relação com o outro.

O sujeito se instaura nesta relação com o outro e buscará sempre o objeto faltante. Esta busca funcionará como motor do desejo e nunca será completada.

O espelho estabelece a diferença que prossegue como uma característica imposta, principalmente pela forma de ser de cada um dos espaços, e o proto-sujeito desta reconstituição unitária é o sujeito do desconhecimento-conhecimento, desconhecendo ainda a mediação dada pelo signo. É, portanto, um "moi", ainda como um proto-sujeito, sabedor apenas da diferença dada pela antecipação da imagem unificada. O filho será o objeto que suprirá a carência materna, identificando ao falo, o que lhe preenche a falta. Assim sendo, filho e mãe se constituem no binômio "mãe-fálica-narcisismo". Há uma necessidade de perpetuar uma ligação com o outro-mãe, representante do real. Na representão originária, simbolizada pela barra no algoritmo saussuriano, vai-se constituir o simbólico através da introjeção das primitivas catexis de objeto, o que não se dá na "forclusion" (verwerfung) onde o real se torna ininteligível e os delírios e alucinações serão uma tentativa de superar esta falha. A "forclusion" se define pelo fracasso na entrada do simbólico ou da linguagem. O sujeito permanece preso ao imaginário, submetido ao real, não podendo estabelecer a distinção entre significante e significado; só o símbolo permanece, mas por não estabelecer relação com o significante, é privilegiado e é tomado no sentido literal.

"O recalque é a interdição feita a um certo conteúdo de aparecer na consciência. Esta interdição não o destrói, de maneira que seu investimento é muito forte ou as forças interditivas muito fracas, ele se manifestará sob um disfarce ou sob uma camuflagem que constitui o sintoma"(65).

O neurótico faz uma ocultação do signo da linguagem que já adquiriu, tendo portanto acesso ao simbólico. Tem pois a possibilidade de um retorno do recalcado, substituindo um significante por outro significante, ou mesmo pelo sintoma que fala pelo reprimido. Distancia-se assim do real pela mediação do simbólico. Utiliza da metáfora e da metonímia na substituição um significante por outro.

Na teoria lacaniana, a imagem do corpo aparece como uma forma primária que permite ao sujeito situar o que é e o que não é do eu. Anika Lemaire propõe que a fase do espelho solda-se num ganho - a representação total do corpo próprio. É nesta fase também que se estabelece um limite entre o imaginário e o simbólico, e mostra o ponto de ficção onde o sujeito se constrói e se livra do perigo inicial que já estrutura o sujeito numa linha de alienação. O sujeito não é um significante, é antes uma falta, um nada.

Toda a filosofia dá a estes conceitos um lugar fundamental. O homem se articula entre um "ser" e um "não ser". "É pelo não

que a criança marca sua autoconsciência nascente na dialética que a expõe e a opõe ao seu imediato. (Naves, José Otávio V., citando Shotte, J VCL - Bélgica), C'est...comme désir de l'Autre que le

(65) Anika Lemaire, p. 284. citando A.D.Waelhens -

désir de l'homme trouve forme, mais d'abord à ne garder qu'une opérativité subjective pour y représenter le besoin"(66).

Lacan usa o modelo da ótica onde as imagens podem ser subjetivas ou virtuais e reais. Existem fenômenos na natureza como o arco-íris, e fenômenos da ótica que são reais mas que podem ser vistos de maneira subjetiva. Há o exemplo do arco-íris: ele não está lá, mas pode ser fotografado, constituindo assim um fenômeno subjetivo. Lacan propõe um modelo na ótica com o espelho esférico. A imagem que se obtém no interior deste espelho é uma imagem real, onde quase todos os pontos de um raio luminoso, retornam de forma convergente e, nos pontos onde os raios se cruzam, aí se forma a imagem, diante do espelho: portanto, essa imagem é real, porque se localiza no campo real, enquanto que as imagens no espelho plano se formam atrás de espelho e são subjetivas. A figura refletida no espelho côncavo é invertida. Fazendo uma analogia com o plano psicológico verifica-se que o lugar psíquico corresponderá a um ponto deste aparelho onde se forma a imagem. As imagens óticas são subjetivas, virtuais, enquanto as outras são reais - objetos, cuja imagem real, pode ser virtual. "Para que haja uma ótica é preciso que haja um ponto, e só em um outro espaço, que é o espaço imaginário. É a hipótese estrutural e fundamental"(67)

O experimento que propõe Lacan, e que chama de truque, é colocar dentro de um suporte ôco um ramo de flores e uma jarra

(66) Naves, J.O.V., citando Shotte, J. VCL - Bélgica

(67) Lacan, J. - Écrits II. 1971. p.174

de flores vazia sobre o suporte. O que ocorre é que o jarro reflete-se vazio no espelho, imagem real. Colocando-se porém um espelho plano no sentido paralelo ao espelho côncavo, este espelho fornecerá, no virtual, o que está no campo do real e o que aparece aí será o jarro de flores. "É sua imagem lá, que o olha do virtual, a que possibilita seu controle sobre o real!"⁽⁶⁸⁾.

O suporte, explica Lacan, é o nosso próprio corpo, o buquê os instintos e os desejos, e os objetos dos desejos que passem, e o espelho poderia ser o córtex.

Neste ponto podemos lembrar o mito de Narciso seduzido por sua própria imagem que o tentaculiza como um polvo. Só que a imagem é a do outro que, seduzindo Narciso, faz encurtar a distância que o levará a identificar-se com o outro especular, onde encontra a morte, no triunfo do outro especular. Para que viva um, tem de morrer o outro. No fundo de toda identificação opera a morte. Lacan chama de "tendência agressiva originária". O outro que seduz Narciso é o Outro, aquele que possui a palavra.

É o estágio do espelho que Lacan define como essência do imaginário, como relação dual num desdobramento em espelho, que a consciência vai se estabelecer através de uma procura de si mesma se perdendo, ao mesmo tempo, naquilo que não é ela. É a própria dissimulação, o sujeito do desconhecimento.

(68) Vallejo, p. 72

"O discurso falado diferencia: o si e o outro geralmente o interior e o exterior; no interior do si diferencia também nossa individualidade psíquica e a manifestação desta individualidade pelo discurso; e, em 3º lugar diferencia discurso em sua autonomia e a realidade. De outro lado, o simbolismo sócio cultural exerce uma ação paralela"(69).

O início da vida humana se caracteriza por uma falta de ser, "Manque a être". O espelho são os olhos da mãe que refletem, reflexo do outro alienado de si mesmo. O momento constituinte do sujeito é marcado por uma grande fenda - ser o desejo do outro. Somos colocados diante de um postulado de denegação, isto é: da idéia reprimida que só pode ter acesso ao consciente no momento em que o indivíduo possa negá-la.

"Auphebung" para Hegel "palavra que vai designar a operação central do espírito no seu progresso em direção a si mesmo", significa negar, suprimir e conservar e, por outro lado, é esta aceitação do reprimido que vai aparecer sob uma forma linguística que o representa. É a divisão que existe entre a carga afetiva dissociada do processo intelectual, este mascarado como resultado de supressão o que indica consciência, e é mediado pela representação e inserido numa cadeia de significantes, significantes, estes que não podem ser assimilados em nossa linguagem verbal por serem elementos pertencentes ao imaginário. Do lado do recalcado está o essencial da personalidade, a parte mais verdadeira do sujeito, enquanto que ao lado do discurso do consciente, portanto do ego e do social, o sujeito a

(69) Lemaire, A. p.101.

ge segundo formas que se dá de si mesmo ou lhe são impostas pelos outros.

A carga afetiva, dissociada, vai para uma "outra cena", levada pelos processos da repressão ainda não levantados pela análise, com a ajuda de um lugar vazio, ocupado pelo analista. O conteúdo dessa primeira negação seria aceito pelo analisando e a repressão persiste, e a afirmação permanece como uma nova forma de negar a negação.

A "Verneinung" de Freud é definida como: "um conteúdo re

calcado, de representação ou de pensamento, pode introduzir-se na consciência sob a condição de fazer-se negar. A negação é uma maneira de tomar consciência do recalco, e mesmo uma supressão do recalco, mas que, nem por isso, é uma admissão intelectual, subsistindo, contudo o essencial do recalco, sob forma de resistência em se identificar com esse conteúdo. Existe uma separação do intelectual em relação ao afetivo"(70).

O não é que faz a liberação do pensamento das malhas da repressão, e vai colocá-lo em atividade, fazendo aparecer uma função intelectual. É pela Verneinung que o ego detém o inconsciente, recusando, e esta constitui uma forma manifesta da função do desconhecimento do ego, e de sua inserção no Imaginário.

Lacan parte de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, e dele deduz-se a topologia da constituição do sujeito.

A constituição desse sujeito pela entrada na Ordem Incons

(70) cf. Anika cita Freud. p.120

ciente implica, a um tempo, dois campos complementares: o do sujeito constituinte e o do Outro, lugar da Ordem constituída. É do lado do sujeito que se manifesta a pulsão - através da subjetividade. Toda pulsão é uma pulsão parcial e nenhuma delas representa a tendência sexual total que no psiquismo se representa pela reprodução.

O representante biológico da pulsão no psiquismo é a atividade e a passividade, polaridade macho-fêmea - atividade - passividade. É através do outro que o ser humano é ensinado como deve comportar-se como Homem e como Mulher. Lacan evoca a fábula de Dafnis e Cloé, que representa o desconhecimento da realização sexual⁽⁷¹⁾.

É a pulsão parcial que representa no psiquismo a sexualidade com suas consequências, e funciona como signo da sexualidade que se dá ao psiquismo como resultado da própria sexualidade do sujeito. É pela carência que ela se instala no indivíduo. Esta carência é uma dialética do sujeito consigo mesmo e com o Outro. O ser significante está no Outro. Esta carência vem substituir outra carência real, situada no advento do sujeito como ser vivo, isto é, na reprodução sexuada e portanto sujeito à morte, e é pela reprodução que vai buscar no outro sua metade sexual (mito de Aristófanes). Portanto, a pulsão parcial é fundamentalmente pulsão de morte. No mito, Platão concede a Aristófanes aquilo que representa a parte faltante ou seja, o "mito da laminazinha".⁽⁷²⁾

(71) cf. Lacan. Seminário 11)

(72) cf. pp.210-11).

A libido não é um campo de força, mas um órgão essencial para se compreender a natureza da pulsão. É um órgão irreal, o que não quer dizer imaginário; articula-se com o real de modo a necessitar de uma representação mítica. É pela incisão, tatuagem, escarificação que se representa no corpo o lugar que deste órgão irreal, assinalando, situando o sujeito no campo das relações com o outro de um mesmo grupo.

A pulsão, como mostra Lacan, está sempre governada para um outro, e se volta para o sujeito. O perverso logra seu objetivo integrando função de sujeito com existência de desejo.

"Tudo surge da estrutura do significante. Esta estrutura se fundamenta no que primeiramente chamei de função do corte e que agora se articula no desenvolvimento do meu discurso como função topológica do "borde".

"A relação do sujeito com o Outro se engendra toda num processo de hiância", em relações inversamente recíprocas, em "processos circulares entre o sujeito e o Outro, num processo assimétrico".

"A ambiguidade do signo se deve a que representa algo para alguém". Lacan declara que esse alguém pode ser muita coisa, "até o universo, o significante é o que representa um sujeito para outro significante, e surgindo do campo do outro faz surgir o sujeito da significação"(73).

O "vel" da alienação para Lacan é o que em lógica matemática se chama de união. De um lado, o sentido produzido por um significante e, de outro, "afanisis". É neste "vel" que se funda o sujeito. O "vel" da alienação consiste em estar o ser do sujeito submetido ao sentido que lhe dá o outro, estando o su

(73) Lacan, J., - Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. pp.210-211.

jeito eclipsado no campo do outro pela função do significante .

"Se escolhemos o ser, o sujeito desaparece, nos es-
capa, cai no sem sentido - se escolhemos o sentido
o sentido aí subsiste não mais que mesclado desta par-
te do sem sentido que é o que constitui, na reali-
zação do sujeito, o inconsciente"(74)

É em Hegel que Lacan fundamenta a denominação de "vel" alie-
nante, na entrada do homem pelo caminho da escravidão "Liberda-
de ou a vida" - se escolhe a liberdade, perde as duas - se es-
colhe a vida não a tem na liberdade.

Lacan introduz um segundo termo para designar o campo da
transferência - a separação. Separar-se se parere - "se parer",
são variações que designam engendrar-se em latim. É deste ter-
mo que vem parturição - pôr no mundo. Da partição o sujito
procede à parturição. Parece também designar prover no estado
civil, procurar pares. A metonímia está no lugar onde se repe-
te, o intervalo, o desejo, a falta, onde o sujeito vai colocar
a sua carência na mediatização do desejo do Outro⁽⁷⁵⁾.

"Nos intervalos do discurso do outro, surge na experiência
da criança algo que é radicalmente assinalado, que diz isto, mas
o que é que queres ?"(76).

O ponto de carência é percebido no Outro. As crianças tem
fantasias de morte nas suas relações de amor com os seus, o que
vem denunciar o objeto desconhecido que é sua própria perda .

(74) Lacan, J. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanali-
sis - El campo del Otro y retorno de la transferencia. p.217

(75) cf. Lacan op. cit. p. 219

(76) . Lacan op. cit. p.220

"Uma carência engendrada no tempo precedente serve para responder à carência suscitada no tempo seguinte"(77)

Assim como o sujeito se perde para se referenciar no discurso do outro, assim ocorre com a palavra engendra a morte da coisa que se perde ao ser por ela representada.

CONCEITO DE FALO EM FREUD E LACAN - Freud fala pela primeira vez em 1915 do instinto do saber (Wiesstrieb) em crianças de 3 a 5 anos, como sendo um modo sublimado do domínio da energia de escopofilia, motivado pela curiosidade infantil a respeito do sexo. O primeiro enigma se refere à origem dos bebês e é o mesmo da efígie tebana.

As teorias sobre o nascimento na imaginação infantil falam dos bebês vindos dos seios ou dos que são tirados do corpo, através de uma abertura do umbigo, para deixá-los sair. Há ainda a lenda de que as pessoas têm bebês comendo determinada coisa (como acontece nos contos de fada) e os bebês nascem através dos intestinos, como uma descarga de fezes.

Há uma teoria sexual infantil segundo a qual todos os seres têm pênis - o que constitui uma premissa universal do falo. Freud leva em conta esta ordem da representação da subjetividade: "os substitutos deste pênis que eles acham que falta nas mulheres desempenham um grande papel na determinação da forma assumida por muitas perversões"(78)

(77) cf. Lacan. op. cit. p. 220

(78) Freud, S. Teoria da Sexualidade Infantil. p.201

Freud, em nota posterior, acrescentada em 1920, propõe inicialmente a idéia de que todos os seres tinham pênis, tanto homens quanto mulheres, mas estas o perderam. A convicção de que as mulheres não têm pênis porque os perderam, dá origem à depreciação das mulheres, que invejam o pênis com o desejo de serem meninos. Associa-se assim o complexo da castração à inveja do pênis, e nasce o conceito da falta.

Em 1923 em "Algumas Considerações psíquicas sobre a Anatomia dos Sexos", Freud diz: "para ambos os sexos um genital, o masculino, é considerado o que está presente. Portanto, não é uma primazia dos genitais, mas uma primazia do falo".

Há dois momentos da subjetividade da criança em relação ao falo: Primeiro momento - todos têm pênis, não só as pessoas, como os objetos animados. O pequeno Hans diz: "Um cahorro e um cavalo têm pipi; a mesa e a cadeira não", e o relato diz que "assim tomou consciência de uma característica essencial em objetos animados e inanimados". E Freud prossegue em nota - "Estamos cientes de que em um processo de indução meticulosa ele chegará à proposição geral de que todo objeto animado, em contraste com objeto inanimado, possui um pipi".

Segundo momento - Existe um pênis mas pode-se perdê-lo. Ao ver a menina, constata a perda que supõe haver ocorrido nela porque deu-o à mãe. Este fato vai gerar no menino a angústia de castração: também ele pode perder o pênis. "O penis é então uma presença que se define em relação a uma ausência possível e uma ausência que se faz possível em relação a uma presen

ça suposta". É a primeira oposição entre presença/ausência de pênis e fálico/castrado.

O falo é, então, em Freud aquilo que completa o narcisismo satisfeito e o EU ideal. No Homem, a angústia de castração. Na mulher a inveja do pênis. "Depois que a mulher tomou conhecimento da ferida a seu narcisismo, ela desenvolveu como uma ciatriz, um sentimento de inferioridade".(79). Por não ter pênis se acha inferior ao homem.

O FALO NA TEORIA LACANIANA - O Falo é um tema teórico, ambíguo, propositadamente ambíguo. Embora todos falem dele, não se sabe bem o que é. Funciona na teoria tanto quanto na realidade de psíquica.

Culturalmente, o falo é um ente cultural, mitológico, símbolo de poder, de criatividade. Nas civilizações paternalistas a parece como representações de pênis; exemplo: monumentos fálicos, obelisco. O pênis figurando o órgão reprodutivo é forma representativa, nas várias sociedades patriarcais, de quem tem o poder. Não é a única representação, mas uma das representações possíveis do falo.

O falo tanto pode ser símbolo como objeto concreto. Para Lacan, o "falo é o significante da diferença e símbolo da reunião".

O significante é impensável fora de um conjunto de significantes em seu relacionamento com outros significantes pelo lu

(79)

Freud S. Algumas Considerações Psíquicas sobre Anatomia dos Sexos. p. 309 a 320. Vol. XIX. St. Bras.

gar que ocupa junto a outros significantes. Temos como exemplo o sistema numérico ordinal, o abecedário.

Define-se pela relatividade e negatividade, pelo que não é, mais do que pelo que é.

A teoria lacaniana considera que o psiquismo é um conjunto de significantes entre os quais um se define em relação aos outros como significante primordial e é o centro do sistema, análogo ao zero, no sistema numérico. As outras são só quantidades por sua relação com o zero, que é não-quantidade. Todas as operações têm valor por sua relação como zero, a falta. Este significante privilegiado, que é ausência de quantidade e que também significa a falta de significante, é o falo.

Lacan define-o. "o falo é aqui esclarecido em sua função.

O falo na doutrina freudiana não é uma fantasia: deve-se entender isto em efeito imaginário. Tampouco é como tal um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc). No que esse termo tende a apreciar a realidade interessada numa relação.

Ele é menos ainda o órgão, pênis, ou clitóris, que ele simboliza. E não é sem razão que Freud tomou sua referência no simulacro que ele constituía para os antigos"(80).

O falo é, pois, significante cuja função na economia intra e subjetiva da análise, levanta talvez o véu daquela que ele mantém nos mistérios. Pois é, o significante destinado a designar no seu conjunto, os efeitos do significado, no que o significante os condiciona por sua presença de significante.

(80)

Lacan, J. *Écrits*. p.267

Na teoria de Lacan - falo não é a imagem sensível, é a falta com respeito a uma presença ilusória, pois o conceito de falta surge de algo que se crê presente. O falo é portanto o ponto central do sistema significante, ao qual todo o sistema está referido.

Para Lacan, há dois modos de organização: o imaginário e o simbólico. Um elemento pertence ao imaginário quando é algo em si mesmo, e ao simbólico quando adquire valor em relação a outros elementos. Um elemento não é em si simbólico ou imaginário, senão em função da articulação em que se encontra. A articulação não é privilégio do simbólico e se nos caracteriza por oposição de uma posição articulada e uma não articulada. As imagens do sonho para o sonhador são sistema de diferenças, oposições de imagens, são exemplo de articulação.

O imaginário em Lacan tem como exemplo a fase do espelho com a imagem no espelho, articulada com a percepção da criança de sua incordenação sensório-motora, em oposição à imagem especular completa, corpo fragmentado, em oposição à gestalt total do corpo. Esta articulação de oposições é condição da possibilidade de se existir.

CAPÍTULO II

FREUD E O DISCURSO DA PULSÃO

Os conceitos freudianos norteiam nosso estudo e servirão de base ao desenvolvimento teórico. Para este fim, selecionamos conceitos essenciais, recolhidos dos textos de Freud que estão relacionadas com nosso tema.

Tendo em vista o nosso tema, a relação mãe-bebê na fase pré-verbal, iniciamos com a análise do conceito de inconsciente, pois estamos referidos ao início do "percurso" da subjetividade da criança na relação com a mãe.

Sabe-se que Freud chegou à hipótese sobre o inconsciente através de lacunas que se apresentavam nos dados da consciência, dos atos psíquicos como parapraxias, e dos sonhos que nos levam a pressupor outros atos os quais a consciência não pode explicar, dos sintomas nas pessoas doentes, dos atos falhos ou "lapsus linguae", dos chistes, esquecimentos de nomes, extravios, perdas e a sugestão pós-hipnótica. Todos esses fenômenos foram pouco estudados fora da Psicanálise. Uma concepção presente na consciência pode ausentar-se e tornar-se novamente presente, após um intervalo de tempo, permanecendo num estado de latência. "Denominamos inconsciente um processo cuja existência somos obrigados a supor, devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos - mas do qual nada sabemos". Freud

fala de um processo "ativado num momento embora no momento não saibamos na da a seu respeito"⁽¹⁾. "Idéias que assomam a nossa mente, vindas não sabemos de onde e com conclusões intelectuais que alcançamos, não sabemos como"⁽²⁾. Não temos meios de saber como essas idéias estão presentes na mente e latentes na consciência, algo que permaneceu temporariamente inconsciente; grande parte do conteúdo da consciência permanece em estado de latência. Freud fez, então, uma distinção entre duas espécies de inconsciente. Um inconsciente que pode se tornar consciente, pois está num estado de latência, denominado portanto pré-consciente, e outro inconsciente que pode através de grande esforço se tornar consciente ou permanecer inconsciente, num sentido dinâmico, ou seja, "se comporta dinamicamente como o inconsciente reprimido"⁽³⁾. O inconsciente dinâmico se define pela inaccessibilidade à consciência. Propõe para descrever os fenômenos mentais três denominações: consciente, pré-consciente e inconsciente.

Na sugestão pós-hipnótica pode-se observar a diferença entre uma visão descritiva e uma visão dinâmica. Uma ordem dada a um sujeito enquanto hipnotizado é executada ao despertar num impulso para a ação. A ordem permaneceu na mente em estado de latência e se tornou consciente pela ação. É uma visão dinâmica do fenômeno: a idéia da ação tornou-se objeto de consciência de maneira ativa e foi traduzida em ação. O estímulo real à ação

(1) Conferência XXXI - Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. p. 90-1

(2) 90 - St. Brasileira. O Inconsciente p.192.vol.XIV.

(3) O Ego e o Id. p.14. Introdução - Editor Inglês St.Bras.

é a ordem médica, porém a idéia dela tornou-se ativa também, só que não se revelou à consciência como idéia da ação. Permaneceu ativa e inconsciente ao mesmo tempo.

Utilizamos para estas idéias que se "mantêm à parte da consciência apesar de sua intensidade e atividade", o atributo dinâmico. Há portanto, uma "atividade pré-consciente" que facilmente vem à consciência, e uma "atividade inconsciente" que por estar isolada da consciência, assim permanece, reprimida.

Considerando-se as lembranças latentes, não se pode negar a existência do inconsciente. Surgem objeções filosóficas que dizem que essas lembranças latentes são frutos de uma disposição física e são "resíduos de processos somáticos a partir do qual o psíquico pode aflorar"⁽⁴⁾. Freud contudo assevera que são resíduos de processo psíquico.

Dizer que tudo que é psíquico é necessariamente consciente constitui, segundo Freud, um "petitio principii" ou "conveção de nomenclatura" e diz que "a equivalência convencional entre psíquico e o consciente é totalmente inadequada"⁽⁵⁾. Estados latentes não têm características físicas mas tem pontos de contato com os processos mentais conscientes, embora diferindo deles em suas características. "Consciência é um dado da experiência individual que se oferece à intuição imediata e não renova a sua descrição"⁽⁶⁾. É através da consciência que podemos chegar

(4) O Ego e o Id. Introdução. Editor Inglês St. Bras. p.192

(5) O inconsciente (1915) p.193. St. Brasileira

(6) Laplanche e Pontalis. Vocabulário de psicanálise. Martins Fontes p. 136.

aos processos psíquicos podemos verificar por meios dos nossos atos, que são análogos às demais pessoas. São nossas percepções, "idéias, propósitos e resoluções"⁽⁷⁾. O que diferencia os processos latentes dos processos conscientes é o fato de não estarmos cômnicos deles, como no exemplo da ordem pós-hipnótica, dado anteriormente.

Em "Algumas Lições Elementares de Psicanálise" (1940(1938)) Freud diz que "não se pode igualar o que é psíquico com o que é consciente; ser consciente é apenas uma qualidade do que é psíquico, qualidade que está mais ausente do que presente, portanto é inconstante".

Uma crítica a este respeito é que esta proposição pode nos levar a supor não a existência de um inconsciente, mas de uma segunda consciência, consciência dupla, dividida, onde certos atos e idéias constituiriam uma consciência separada. Ora, não existe consciência da qual não estamos conscientes e que difere da consciência de outra pessoa. A idéia de consciência dupla é ainda mais objetável para os filósofos. Há exemplos de casos patológicos de personalidade dupla, onde há uma divisão da consciência, "função, ou o que quer que seja que oscila entre dois complexos psíquicos diferentes que se tornaram conscientes e inconscientes alternadamente"⁽⁸⁾.

A segunda argumentação de Freud é que admitindo-se a inde

(7) Laplanche e Pontalis vocabulário de Psicanálise. Martins Fontes. p.194

(8) Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise p.331.Vol.XII. Standart Brasileira.

pendência dos fenômenos mentais latentes, teríamos de admitir várias consciências desconhecidas e sem comunicação entre si.

O terceiro argumento é baseado na investigação psicanalítica, onde se constata processos que diferem, basicamente dos processos conscientes. Esses processos nos chegam à consciência, assim como os órgãos sensoriais nos levam à percepção do mundo.

Outra fonte de pesquisa são as teorias dos fenômenos históricos, de Breuer. A mente histórica, por exemplo, contém idéias ativas e inconscientes e daí provém os sintomas. A observação analítica constata que o doente reproduz dramaticamente algo que ocorreu em sua vida pregressa cuja lembrança, durante a crise, está inconscientemente ativa. Em todos os fenômenos neuróticos preponderam, também, idéias inconscientemente ativas.

A psicanálise explica da seguinte maneira a diferenciação das idéias pré-conscientes e inconscientes:

A Atividade pré-consciente pode penetrar facilmente na consciência, enquanto que a atividade inconsciente não está no alcance da consciência. É possível seu acesso à consciência mas se tentarmos fazê-lo, por nós mesmos, sentimos uma "repulsão" e no paciente em análise é o que vai constituir a resistência. Verifica-se que a idéia inconsciente assim permaneceu devido a forças que se opõem a seu aparecimento na consciência, o que não aconteceu com as idéias vindas do pré-consciente. "A inconsciência é uma fa

se regular e inevitável nos processos que constituem nossa atividade psíquica; todo ato psíquico começa com um ato inconsciente e pode permanecer as sim ou continuar a evoluir para a consciência, se gundo encontra resistência ou não"(9)

Dizemos então, que um ato psíquico é na primeira fase inconsciente, pertencendo ao sistema Ics (Ubw - abreviatura de Unbewusst). Caso sofra censura será reprimido e permanece inconsciente. Podendo ultrapassar a censura terá a capacidade de se tornar consciente, será pré-consciente e permanecerá ao sistema Pcs-Cs. O interjogo de forças entre os sistemas psíquicos é que caracteriza o ponto de vista dinâmico, onde a psicanálise se desliga da psicologia clássica da consciência.

A comunicação entre os sistemas Pcs-Cs e Ics não é totalmente impedida pela repressão. Os sistemas estão se influenciando mutuamente, já que é o Pcs-Cs que estabelece ligação com as percepções do mundo. Da percepção ao Ics a trajetória é livre, mas se for oriunda do Ics pode ser bloqueada pela repressão. O Ics coopera e mantém relações com o Pcs-Cs. Ele também capta o mundo por meio de sua atividade pulsional. Os derivados desses impulsos podem ter dois tipos de características: organizados e sem auto-contradição, podendo parecer com elementos do sistema Pcs-Cs; "tendo assim qualidades do Pcs, ou

factualmente pertencente ao Ics. São dessa natureza as fantasias de normais ou de neuróticos, etapas preliminares dos sonhos e dos sintomas, altamente organizados mas reprimidos e as formações substitutivas. Estas tem características de organização semelhante, podendo aparecer na consciência, se favorecidas com uma anticatexia do Pcs"(10).

(9) Uma nota sobre o Inconsciente na Psicanálise. p.332.VolXII.St.Bras.

(10) cf. Comunicação entre os dois sistemas.Vol.XIV.pp.218-219.

O ato psíquico pode ser transposto de um sistema para outro constituindo um novo registro de idéias em outro lugar e ao mesmo tempo continuar existindo em mais de um registro. Duas hipóteses surgem deste fato: a primeira é a hipótese topográfica que diz respeito à separação de localidade entre o sistema Ics e Cs e da possibilidade de uma idéia, se não censurada, (reprimida) mobilizar-se de um sistema para outro sem perder seu primeiro registro. A segunda hipótese seria a de uma mudança funcional, que fica excluída pela aceitação da hipótese topográfica.

Explicitemos as idéias de Freud sobre o conceito de repressão (Verdrängung), que constitui "a pedra angular sobre a qual repou-se toda a estrutura da Psicanálise⁽¹¹⁾, para o autor"... Constitui essencialmente um processo que afeta as idéias na fronteira entre os sistemas Ics e Pcs-Cs" não permitindo facilmente a mobilização de uma idéia de um registro para o outro. A idéia reprimida conserva sua catexia no inconsciente já que a satisfação de uma pulsão ameaça provocar desprazer no lugar de prazer devido a exigências contraditórias. O representante afetivo da pulsão deve ligar-se a outra idéia de forma qualitativamente diferente ou é inibido pela repressão em seu desenvolvimento. A experiência clínica leva Freud a concluir que a pulsão reprimida seria agradável em si mesma, embora irreconciliável com outras reivindicações, tornando-se, portanto, desprazerosa.

Segundo Freud, uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, e sim apenas seus representantes ideativo ou afeti

(11) História do movimento psicanalítico (1914). p. 26.

vo. Quando a satisfação de uma pulsão não pode ser conseguida e a tensão alcança um determinado nível, surge a repressão, que tem como condição de existência que seja "a força motora do desprazer mais vigorosa do que o prazer obtido na satisfação"⁽¹²⁾.

Constitui portanto, um mecanismo defensivo operando entre a atividade Pcs (Cs) e Ics não permitindo a tradução em palavras ficando esta ligado ao objeto . Há dois registros da pulsão no psiquismo, o representante afetivo (quantum de afeto) e o representante ideativo (idéia) sendo este último distinguido entre representação de coisa e representação de palavra. (Idéias que desenvolveremos mais pormenorizadamente nas páginas à frente). O que foi reprimido, o foi, por não ter uma representação verbal pois não pertence ao Pcs-Cs e sim ao Ics, conserva contudo um traço mnêmico inconsciente. Não possui qualidade, pois os processos de pensamento só tem a qualidade das excitações agradáveis e desagradáveis (Princípio do Prazer - Desprazer) que perturbam o pensamento, pois são representantes do afeto. Se o desprazer predomina em sua realização aí atua o que se considera a "essência da repressão" que é a transformação do afeto. A repressão impede que a representação de coisas se transforme em representação de palavra e passe para o Pcs. Não podendo utilizar a palavra e possuindo uma catexia procura uma saída, que é impedida por uma antecatexia vinda do Pcs.

As percepções captadas pelo Pcs só podem ser objeto da Cs

(12) Repressão. Vol. XIV. p. 170. St. Brasileira

quando possuem qualidade que só é conseguida ligando o Pcs ao sistema mnênico de símbolos da linguagem pela vinculação do prazer-desprazer à percepção, e é este processo (Princípio de Desprazer) que regula o curso das catexias. O primeiro sistema regulando o processo excitatório não permite um acúmulo de excitação e o aparelho psíquico é acionado para repetir uma experiência prazerosa.

A corrente que começa no desprazer e vai até o prazer é chamada desejo que, movimentando o aparelho psíquico, regula a homeostase do mecanismo prazer-desprazer. Como o primeiro desejo, referido a lembrança alucinatória da satisfação, não faz cessar a necessidade, surge a atividade do segundo sistema que já utiliza o material mnênico para evitar que o desprazer seja liberado e mantém "as catexias de energia num estado de quiescência"⁽¹³⁾ e utiliza pequena parte no deslocamento, dirige a descarga da excitação e pode inibi-la "pode transformar a catexia em catexia quiescente"⁽¹⁴⁾. E alerta-nos Freud: "Mantenha

mos isto firmemente no espírito porque é a chave de toda a teoria da repressão: o segundo sistema só pode catexiar uma idéia se encontrar-se em posição de inibir o desenvolvimento do desprazer que dele pode advir"⁽¹⁵⁾.

No aparelho psíquico, formado por sistemas, toda ação se inicia por estímulos internos e externos. O processo psíquico vai de uma extremidade sensória, recebendo as percepções, à a

(13) Interpretação dos Sonhos. Vol. V. p. 637

(14) Op. cit. p. 638

(15) op. cit. p. 539.

tividade motora, como um modelo de arco-reflexo. O sistema perceptual capta tanto as impressões internas, conteúdo valorado das percepções, quanto as externas que se ligam em associações que o sistema mnêmico guarda a partir da intensidade ou qualidade de uma excitação. O sistema perceptual (Pcpt) não tem memória mas capta as impressões de qualidade sensorial. As lembranças inconscientes são produzidas pelos acontecimentos da primeira infância, de maior impacto. Em relação aos sonhos, extraímos outras informações sobre o aparelho psíquico. Existe uma instância (ou sistema) crítico relacionada à consciência e uma instância (ou sistema) criticada. O sistema, localizado na extremidade motora, é o Pcs, e o outro subjacente a ele, o Ics.

"A idéia inconsciente é como tal inteiramente incapaz de ingressar no pré-consciente e só pode exercer ali algum efeito através da ligação com uma idéia que já pertence ao último, transferindo sua intensidade para ela e ficando "coberta" pela mesma"(16).

É o inconsciente que motiva e produz a formação e o desejo onírico.

No sonho há um "caráter regressivo" no sentido da extremidade sensória ao sistema percetivo: "chamamo-lo de regressão quando num sonho uma idéia é novamente transformada na imagem sensorial de que originalmente se derivou"(17). Este processo é também comum às patologias, onde os pensamentos são transformados em imagens, nas alucinações histéricas e psicóticas, quando estão ligadas a imagens inconscientes (suprimidas). Freud lembra

(16) A interpretação dos Sonhos. Vol. V. p. 599

(17) Ibid. p.577

a força das impressões visuais e sensoriais de seus próprios sonhos infantis, o que confirma a hipótese de Sherner (1861) (18) do apareciemnto de um estado de estimulação visual no sonhos.

O surgimento no Pcs de uma idéia com catexia de um desejo inconsciente leva o pensamento a efetuar transformações que se identificam mais com processos patológicos do que com os normais. As idéias, por possuírem certa intensidade, passam de um elemento a outro, produzindo "compressão", "condensação" - "No processo da condensação ... toda interligação psíquica é transformada numa intensificação de seu conteúdo ideacional" (19) . Elas se relacionam nos pensamentos oníricos com lembranças inconscientes e abrem caminho em direção ao sistema perceptivo . Há intervenção também de idéias intermediárias que pela "formação de compromisso", aparecem na fala como "lapsus de linguagem". Associações por homonímia ou semelhança, pensamentos contraditórios podem se unir se condensado sem que as contradições se jam notadas pela consciência.

Os processos oníricos nos permitem antever as característi-cas dos sistemas Ics e Pcs.

Descrevamo-las:

O núcleo do inconsciente é formada pelas pulsões, isto é ,

(18) cf. As características especiais do sistema Ics. p.213.
Vol. XIV.

(19) Ibid. p. 633

"impulsos carregados de desejos"⁽²⁰⁾, que procuram descarregar suas catexias. Nesses impulsos não há contradição; as catexias passam de uma representação para outra, sem barreiras, através dos mecanismos de deslocamento e condensação. Não há negação, não há dúvidas, nem graus de certeza, o que só aparece com a censura entre o Pcs e Ics. Só há diferenças de intensidade entre as catexias (aspecto, quantitativo). São atemporais, o que significa que não tem ordenação nem alterância no tempo. Não se ligam à realidade, por estarem sujeitos ao Princípio de Prazer e sua atuação depende do grau de sua força e do fato de atender ao equilíbrio exigido pela regulação prazer-desprazer.

Todas essas características constituem o Processo Primário. Nas neuroses e nos sonhos esses processos se tornam mais claros ao nosso conhecimento, já que pela repressão, os processos do sistema Pcs sobrecarregam o sistema Ics, "A descarga do sistema Ics passa à inervação somática que leva ao desenvolvimento do afeto; mas mesmo esse caminho da descarga é ... contestado pelo Pcs"⁽²¹⁾. Só pode realizar atos reflexos e nunca atos musculares voluntários.

Os processos do sistema Pcs tendem a inibir a descarga das idéias catexizadas. Quando um ato psíquico inconsciente transforma-se em idéia pré-consciente, ou seja, quando ganha um segundo registro, mesmo assim, conserva uma parte da sua catexia original, pois só uma pequena parte submete-se ao deslocamento.

(20) Interpretação dos Sonhos. Vol. 5. p. 636

(21) Ibid. p. 599.

Se ocorre este fenômeno, segundo Breuer, é porque existem dois estágios diferentes de energia catexial, a energia que se acha tunicamente vinculada e outro no qual a energia é livremente móvel e pressiona no sentido da descarga.

A comunicação entre os conteúdos ideacionais é feita pelo Pcs e também a ele cabe a censura, o estabelecimento do Princípio de Realidade, e teste da realidade.

O Pcs funciona segundo o processo psíquico secundário. Do ponto de vista econômico dinâmico refere-se à mobilização ou vinculação das catexias, do ponto de vista estrutural corresponde ao Ego.

Freud afirmou em "Além do Princípio do Prazer"(1920), que o Ego possui uma parte inconsciente e uma pequena parte pré-consciente. Esta constatação, aliada à impossibilidade da primeira Tópica, (ou seja, divisão da mente em Ics, Pcs e Cs) dar conta da explicação dos fenômenos clínicos, contribui para uma nova organização, a de uma segunda Tópica, a chamada Teoria Estrutural que foi desenvolvida mais pormenorizadamente no trabalho o Ego e o Id (1923). A teoria estrutural considera o fato de que o Ics não coincide com o reprimido: embora tudo que é reprimido seja inconsciente, nem tudo o que é Ics é reprimido. O ego também tem uma parte inconsciente, "que não é latente como o Pcs pois, se fosse, não poderia ser ativado sem se tornar Cs e o processo de torná-lo consciente não encontraria tais e tão grandes dificuldades"⁽²²⁾.

(22) O Ego e o Id. Vol. XIX

Há duas hipóteses sobre a vida mental:

- a primeira diz respeito à localização e, por um critério cronológico, a mais antiga recebe o nome de Id. Ao Id pertence o que é herdado; o que é da constituição do sujeito, os instintos originários da organização somática que se exprimem psicologicamente. O Id, devido a ação do mundo externo, desenvolveu uma região com características especiais que se denominou Ego. Estão sob o comando do Ego o movimento voluntário, a auto preservação, armazenar experiências provindas dos estímulos, adaptando-se ou fugindo deles, atuar sobre o mundo externo modificando-o, controlando as exigências dos instintos do Id, adiar satisfações, sinalizando pela ansiedade um aumento de tensão do mecanismo prazer-desprazer, atuando no sono, distribuindo energia mental (23).

O Ego tem de harmonizar as exigências de "três severos senhores": mundo externo, superego e Id, e por eles se sente ameaçado, reagindo com ansiedade a manifestação de perigo.

Originando-se no sistema perceptual, é através do Ego que o mundo externo se representa: estabelece relações com o Id e dele atraindo a libido. Sendo mediador entre o Id e a realidade, através de "racionalizações" o Ego procura dissimular os conflitos e reconhece a realidade, apesar da intolerância do Id. Também sobre o ego atua o superego que estabelece padrões de conduta que deverá seguir sob pena de sentimentos de culpa

(23) cf. Esboço de Psicanálise (1940(1938)). cap. I. pp.169,170 e 171.

e inferioridade. "Assim, o ego pressionado pelo Id, confinado pelo superego, repellido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam sobre ele" (24).

O Superego é o prolongamento da influência parental que, diferenciando-se do ego, constitui a terceira instância psíquica. O Ego oscila entre as exigências do Id e do Superego.

A segunda hipótese sobre a vida mental é a que fala das qualidades do processo psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente tema desenvolvido em (1940(1938))⁽²⁵⁾ onde constata a qualidade do id de ser apenas inconsciente do ego de ser pré-consciente e de apresentar também parte inconsciente podendo se comportar como se fosse o id.

A topografia refere-se aos diferentes pontos onde os processos ocorrem num sistema ou entre sistemas. O ponto de vista topográfico já vinha sendo delineado desde a "Interpretação dos Sonhos"(Cap. VIII-1905) e nos Artigos metapsicologia de 1915, as considerações dinâmicas começam a ser formuladas nos Estudos sobre a Histeria (1893-1895-Vol. II), onde Freud cita um fator econômico ao falar das quantidades de energia transformadas originando sistemas. A teoria estrutural foi útil para explicar o "conflito subjacente" que é característica de alguns processos patológicos...ora como um conflito inter-sistêmico, ora como um intra-sistêmico⁽²⁶⁾, e a divisão entre neuroses de transferência, que delineia um conflito entre ego e o Id e as neuroses narcísicas, um conflito entre o ego e o superego e

(24) cf. Novas conferências Introdutórias sobre Psicanálise.Vol.XXII-p.99

(25) cf. Esboço de Psicanálise. Vol. XXIII. pp. 185/7

(26) cf. Inibições, Conflitos e Ansiedades, p. 31. Vol. XX

as psicoses, um conflito entre o ego e o mundo externo⁽²⁷⁾.

O id, ego e superego vieram de histórias diferentes. O termo, "das Es" derivou-se de Grodeck e seguramente remonta a Nietzsche. Veio substituir os termos o Inconsciente, Ics e Inconsciente sistemático. "Das Ich", que significa "o eu", é às vezes usado ou como um todo, unidade psico-física, e outras como partes específicas da mente. Tem uma ampla referência a um "eu" fenomenológico e ao eu topológico e estrutural. Foi in troduzido no "Projeto" (1895). Foi desenvolvido em diversos ar tigos a partir de 1889 que tratavam instintos do ego, ego e suas funções, sistemas e funções, censura e teste de realidade função crítica, ideal do ego, superego e ego ideal, censura oní rica, estados patológicos e identificação, complexo de Édipo , sentimento de culpa, punição e remorso, etc., até 1930.

O Ego e o Id é uma obra que continua o desenvolvimento do "Além do Princípio do Prazer" (1920). Comentaremos alguns con ceitos relativos ao texto agora e outros serão comentados duran te o desenvolvimento de nosso trabalho.

O Ego consciente está ligado a uma organização coerente dos processos mentais, controla a descarga de excitação e a censura que é feita sobre os sonhos. Parte dele é inconsciente, res ponsável pela ação dinamicamente defensiva e que não tem, como o Pcs, capacidade de se tornar consciente.

(27) cf. Neurose e psicose. (cf.vol. XIX. p.192)

Já abordamos anteriormente o sistema Pcpt-Cs que capta pela superfície perceptiva aspectos sensoriais do mundo exterior . Não se podem desprezar as percepções internas, entre as quais as sensações e os sentimentos, sendo os mais conhecidos os que se referem ao mecanismo prazer-desprazer, que será desenvolvido nas páginas seguintes. Essas sensações e sentimentos não tem distinção entre Cs e Pcs pois só se tornam conscientes se atingem o sistema Pcpt; se barradas, já não corresponde a sensações, mas a sentimentos inconscientes, só aparecendo sob forma excitação.

Freud fala a respeito do Ego "que ele é primeiro e acima de tudo um ego corporal"⁽²⁸⁾. O corpo é a sede das sensações internas e externas:

"O ego, em última análise, deriva das sensações corporais principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo além de... representar as superfícies de aparelho mental"⁽²⁹⁾.

Esta afirmativa de Freud é básica para o nosso desenvolvimento futuro e as idéias de Piera Aulagnier se fundamentam nesse postulado.

Os quadros patológicos nos levam a verificar a importância que o corpo adquire nas enfermidades e de como o doente fala através do corpo - "a linguagem hipocondríaca dos órgãos".

(28) O Ego e o Id. (1923) vol. XIX. p.33. St.Bras.

(29) Ibid. nota de tradução inglesa. 1927. autorizada por Freud.

Julgamos, assim, necessário uma explicação mais detalhada sobre os conceitos freudianos da representação de coisa e representação de palavra. Ricardo Bernardi⁽³⁰⁾, nos fornece esses conceitos com maior precisão e nele nos inspiramos para reconhecer a diferenciação de representação consciente e representação inconsciente. A primeira corresponde à representação de coisa mais a representação de palavra, enquanto a segunda consiste somente na representação de coisa. O ponto de vista do autor diz respeito à diferenciação do objeto do conhecimento consciente de 1889 ("Afasia") do objeto pulsional do inconsciente de 1915.

A representação da palavra (Wortvorstellung) e as representações de coisa (Dingvorstellung ou Sachvorstellung) são representações (Vorstellung) que atuam como representantes- representativo (Vorstellungsgreasantanz) psíquico da pulsão (Trieb representanz) e nos fornecem inferências sobre ela.

A representação de coisa diz respeito a uma recordação da experiência de satisfação da pulsão através do objeto, impressa nos traços mnêmicos, registrando algumas características do objeto. Este primeiro momento de satisfação pulsional é que vai determinar quais os objetos que, no futuro, irão desencadear resposta pulsional, afim de que esta experiência favorável seja repetida. No homem, ela tem o apoio (Anlehnung) das pulsões de auto-preservação já que o mesmo objeto de amor é o

(30) Bernardi, R. - "Representacion de Palabra y Representación de Cosa", in Revista Uruguaya de Psicoanálisis - 1977 - pp.111-122.

da satisfação das necessidades básicas e é a própria pulsão sexual que vai determinar os objetos e os fins, o que ocorre na situação chamada anaclítica.

O mundo externo é representado psiquicamente sob a regência do princípio da realidade, na mente "normal", enquanto que o mundo interno é regido pelo valor das imagens reconhecidas pela pulsão, como seus objetos. Na esquizofrenia perde-se a carga dos traços e a semelhança entre coisas é substituída pelas palavras. Estudando a esquizofrenia, Freud observa uma antítese do ego e do objeto. Ocorre, em função da repressão, uma retirada da catexa de objeto, sendo que a libido, subtraída do objeto, retorna ao ego, como no narcisismo primário.

A representação da coisa se faz através de uma percepção da qual deriva o traço mnêmico por meio de um estímulo -signo. Não se relaciona com a coisa diretamente, mas com a pulsão. Ela expressa a pulsão reprimida. "Enquanto representação da coisa

não tem caráter de signo ou símbolo, similar aos da linguagem, e portanto, não corresponde a falar nem de significados nem de significantes no sentido de Saussure, mas de um traço ("huella") psíquico e uma coisa exterior". (p 115)

A inscrição do objeto na situação que provoca satisfação da pulsão é feita através de traços, correspondentes a algumas de suas características, objeto das pulsões parciais infantis e não como uma representação coerente, tal como ocorre no pensamento.

Pelos mecanismos de deslocamento e condensação, as representações de coisa entram em uma trama de relações, desviando o processo de descarga, através de associações, construindo uma

é o núcleo da representação da coisa, com carga libidinal dirigida ao objeto externo, mundo e a direcionalidade do Inconsciente para esse outro, objeto infantil inalcançável, busca de unidade, nunca conseguida.

O "complexo-atributo", lembranças de traços visuais e auditivos, relaciona-se à identificação com o sujeito.

Enquanto a representação da coisa consiste em investir um objeto externo, ou aluciná-lo na sua ausência, a identificação com um objeto é investir um estado, que pode corresponder a um conflito na relação libido objetal e libido do ego.

A substituição do amor objeto por identificação constitui um mecanismo narcisista. Na identificação narcisista, a carga do objeto é abandonada, enquanto que, nas neuroses de transferência é mantida. Na esquizofrenia a carga da representação da coisa é perdida junto com o objeto infantil e, numa tentativa de recuperá-lo, há um superinvestimento sobre as palavras, remetendo-as ao próprio corpo, onde os atributos da coisa são assimilados. É a linguagem dos órgãos.

Na "fala hipocôndríaca" ou "fala do órgão", as palavras podem sofrer condensações ou deslocamentos, o que caracteriza o processo primário. A relação da coisa predomina sobre a relação da palavra.

Nas psicoses alucinatórias do desejo, amência, a carga Cs é subtraída e, na esquizofrenia, a carga Ics. "Enquanto que a

palavra é, como dizemos, uma presença portadora de ausência e portanto atenua esta última, no inconsciente, a oposição presença-ausência tem um carãter radical e irreduzível: a carga da representação de coisa exige a presença real ou alucinada do objeto. (p.119). Na amência, o eu, não podendo suportar uma perda confirmada pela realidade, nega-o".

"Na representação da palavra encontramos o traço mnêmico de uma palavra ouvida"⁽³¹⁾. Para que haja um pensamento é preciso que algo que seja inconsciente, conquanto não seja sentimento, algo que se distancie das percepções, adquira uma qualidade, torne-se pré-consciente independentizando-se do princípio de Prazer e haja enlace verbal. A qualidade de pensar permite "a passagem da identidade de percepção à do pensamento" (p. 119). Para existir a palavra, na satisfação é preciso que haja um enlace verbal (representação-coisa mais representação-palavra) à consciência, ambas formando uma só unidade com o afeto, e o objeto real externo substitua o objeto infantil reprimido, e que o dizer, o sentir, o fazer, sejam coincidentes.

A palavra enquanto signo linguístico:

- a - é perceptível (traço amístico ou significante).
- b - Define-se dentro de um sistema, a língua, por relações de diferenças e oposições.
- c - é produto social.

Enquanto processo secundário, também pode tolerar a ausência do objeto, reconhecer a exterioridade do objeto e, estabelecer relações fixas e discriminadas com ele. "O processo secundário visa reproduzir a identidade de pensamentos, mas é o processo primário que propõe as regras do objeto de desejo"⁽³²⁾.

A repressão neurótica, conservando a catexia no inconscien

(31) op. cit. p. 119

(32) Fantasma, Linguagem, natureza em psicanálise e linguagem - Gibello, Bernard. p. 53.

te, impede a tradução em palavras e, por meio de formações substitutivas, pode ser deslocada em objetos reais, levando representações e palavras a diferentes destinos, "O recalçamento e

xerce-se com economia e eficácia pela simples separação dos representantes de palavra e dos seus representantes de coisa e de transformação"(33). "O representante da coisa investido pela energia do desejo, atualiza o fim a atingir"(34).

A representação de palavra conserva tênue relação libidinal com os objetos. Fala e vida não se conectam a não ser quando, vencida a resistência, a representação consciente entre em contato com o traço mnêmico e o afeto reprimido .

Freud diz que as representações de palavras permitem conhecer os processos interiores, como se fossem percepções exteriores sem que consciência e inconsciente abandonem seus lugares (35). Não existe separação esquemática entre os sistemas, uma representação pode pertencer qualitativamente a um sistema e efetivamente a outro. Alguns sonhos nos mostram: palavras extraídas de imagens não são tratadas como tal, mas como resíduos de percepção. Não como representação de palavra, mas de coisa. "A elaboração do sonho obedece à representação de palavra e uma palavra pode ser trocada por outra até aparecer a que melhor se adapte"(36). É o que se dá quando a repressão não

(33) Fantasma, Linguagem, natureza em psicanálise e linguagem - Gilbello, Bernard. p.53

(34) Ibid. p.53

(35) cf. o Ego e o Id. Vol. XIX . p.33.

(36) cf. suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos. Vol.14 p. 260.

atua de modo a subtrair a carga do pré-consciente que permite o enlace verbal.

Fantasias que foram originariamente conscientes ao sofrerem repressão conservam enlaces de representação de coisa no inconsciente.

A complexidade dos conceitos de Freud sobre representação coisa, representação palavra, diz Bernardi, fazem Laplanche e Pontalis questionarem o "escasso lugar que Freud concede ao imaginário entre a esquizofrenia interior e alucinação"(p. 122).

O conceito de pulsão (Trieb) é um conceito ambíguo dentro da psicanálise. Freud utiliza os termos Trieb e Triebreprezentanz (representante pulsional) sem caracterizar muito as diferenças entre os dois termos. Na sequência de seus trabalhos o termo sofreu modificações acentuadas.

Do ponto de vista de sua natureza, pulsão é um "conceito situado na fronteira entre o mental e o somático"⁽³⁷⁾. Do ponto de vista fisiológico há um estímulo que vem a partir de fora, com movimento de descarga para fora. Existem estímulos especificamente fisiológicos que não podem ser confundidos com outros de natureza pulsional. Este não surge de fora, mas de dentro do organismo, como uma força de impacto constante, atuando em forma de uma pressão. No caso do estímulo ser fisiológico, pode-se removê-lo pela fuga motora; já no caso de um estímulo pulsional, existem variadas ações com o intuito de removê-lo, mas a fuga é inútil, pois ele se apresenta em forma de necessi-

(37) O instinto e suas vicissitudes. p. 142.

dade, que só pode ser eliminada pela satisfação.

As pulsões, quando representados mentalmente, estão energizadas; possuem uma quantidade de catexia e, em função desta, o a parelho psíquico tem como objetivo dificultar o acúmulo energético, para manter tão baixa quanto possível, a soma total de excitação ao qual é submetido.

O ponto de vista econômico tem esta finalidade: avaliar as vicissitudes das quantidades de excitação, visando manter uma constância de sua magnitude.

Descritos os pontos de vista topográfico e dinâmico, aprofundaremos, agora, o ponto de vista econômico que, com os anteriores, constitui a Metapsicologia freudiana. Enfatizaremos mais esse tópico pois Piera Aulagnier, autora da teoria que examinaremos num capítulo posterior, utiliza-o como ponto básico no deseenvolvimento de seus conceitos.

"Os processos mentais inconscientes são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase do desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental"⁽³⁸⁾. Seu propósito dominante é buscar o prazer (Princípio de Prazer-Desprazer), e afastar qualquer ocasião precipitante do desprazer. Pela observa

(38) Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental. Vol. XXIV. p. 278. St. Brasileira.

vação sobre a neurose, verificou-se que esta tendia a tirar o paciente da realidade, alienando-o. Pierre Janet relata a perda da "fonction du réel". Este afastamento tanto pode ser de maneira extrema, como no caso da psicose, ou de parte da realidade considerada insuportável, na neurose. Esta pesquisa conduz-nos ao conceito de repressão. O Princípio Econômico é essencial para o entendimento da repressão que implica, segundo Freud, em "uma inibição simultânea da descarga de excitação"⁽³⁹⁾, isto é, "quando a força motivadora do desprazer é mais forte do que a motivadora do prazer"⁽⁴⁰⁾. Sendo intensa a força para manter reprimidos os impulsos que pressionam insistentemente, em direção à consciência e à descarga, a repressão não é um processo economicamente eficiente, porque tem de haver uma contra-pressão mantenedora do reprimido, e esta provoca um maior dispêndio de energia.

A consecução do prazer encontra vicissitudes proporcionadas pelo mundo externo que impedem seu objetivo. O estado de repouso também se acha perturbado pelas necessidades internas, em forma de excesso de estimulação, provindo das pulsões internas. Parte dessas pulsões podem ser satisfeitas por um atendimento vindo do exterior, satisfazendo as necessidades fisiológicas de fome, dor, incômodos corporais e o registro dessas necessidades, internamente sentido como urgência, é aliviado, cau

(39) Interpretação dos Sonhos. Vol. V. p. 601. Seg.

(40) Repressão, vol. XIV. p. 170. St. Bras.

sando prazer. "Estímulos resultantes das contrações musculares dos movimentos dos corpos e da audição dos gritos pelo próprio bebê constituem ... uma fonte complementar de estimulações que vai reforçar o efeito dos estímulos externos ou internos"(41).

Alguma vez a mente já experimentou um estado que lhe proporcionou prazer, "um estado de quietude num nível de atividade mínima, depois de satisfeita a necessidade"(42), um estado de consciência, de remoção da tensão interna, que constitui o Princípio do Nirvana (Bárbara Low 1920 - citada por Freud) estado de não precisar desejar pois já existe uma completude de necessidade. A psique anseia pela volta da satisfação da necessidade e desencadeia também um "movimento psíquico" que visa realizar uma identidade de percepção, investindo a imagem mnêmica, trazendo de volta a condição da satisfação da necessidade primeira. É este movimento psíquico que é chamado desejo. Vai recriar o estado de satisfação alucinatoriamente, visando uma identidade das percepções que surgem da experiência de satisfação. É o processo primário.

Como a tentativa alucinatória de realização dos desejos não traz toda a satisfação esperada, ou seja, quando há o malogro do processo primário, surge para o aparelho psíquico a necessidade de dar início à busca de conhecimento da realidade externa e de tentar alterá-la de acordo com o desejo. Assim, o indivíduo vai desenvolvendo o Princípio da Realidade, situação em

(41) Fantasmas, Linguagem, Natureza em Psicanálise e Linguagem. Gibello, Bernard. p. 51. Morais Editores - 1977.

(42) Ibid. p. 51

que "o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável"⁽⁴³⁾. Este princípio permite o adiamento temporário do prazer pela aceitação da realidade externa e dos sentimentos de desprazer, que dela possa advir; e a procurar no "mundo exterior a "coisa" cujo modelo o representante fornece". É o processo secundário.

O funcionamento mental do bebê é de um tipo que busca, embora sem plena consecução, negligenciar a realidade o que consegue, provavelmente, através da alucinação da satisfação das necessidades internas. Esta estimulação vem em forma de desprazer, portanto de ansiedade, que deverá ser eliminada. A criança consegue a alteração da tensão interna por meio de uma descarga motora, gritos e movimentação de braços e pernas, denotando afeto de desprazer. É no "Projeto para uma Psicologia Científica" de 1895 que Freud fala dessas funções que considera "não verbais". Refere-se a esta urgência liberada pela via motora. Assim diz o texto:

"A experiência demonstra aqui que a primeira via a ser seguida é a que conduz a alteração interna (expressão das emoções, grito e inervação vascular...) nenhuma descarga desta espécie pode produzir resultado de alívio, uma vez que o estímulo endógeno continua a ser recebido, e restabelecer a tensão. Neste caso, a estimulação só é capaz de ser abolida, por meio de uma intervenção que suspenda, provisoriamente, a descarga de Q'n no interior do corpo e uma intervenção desta ordem, requer uma alteração do mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual) que, como a ação específica, só pode ser conseguida de determinada maneira. O organismo humano é, a princípio, incapaz de levar a cabo esta ação específica. Ela se efe

(43)

Fantasma, Linguagem, Natureza em psicanálise e Linguagem. Gibello, Bernard. p.51, Macus Editores

tiva por meio da assistência alheia quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, mediante a condição da descarga, pela via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o de sampoaro inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais"(44)

Freud fala também, neste texto que:

" a inervação verbal é a princípio uma via de descarga que atua como válvula de segurança para ψ , servindo para regular as oscilações de Q'n; é uma parte da via que conduz à mudança interna, que representa o único meio de descarga que conduz à mudança interna, que representa o único meio de descarga enquanto não se haja descoberto a ação específica ... Esta via, adquire uma função secundária ao atrair a atenção da pessoa auxiliar, (geralmente o próprio objeto do desejo), para o estado de necessidade e aflição da criança; e desde então, servirá ao propósito da comunicação, incluída, assim, a ação específica"(45).

Numa nota de rodapé no artigo "Formulações sobre os Dois Princípios de Funcionamento Mental" (1911b), Freud volta a falar de algo muito importante dentro do nosso tema: Faz alusão à aprendizagem que a criança faz, ao atrair a ação do meio, mais especialmente da mãe, por intermédio da intencionalidade destas manifestações de descarga motora, como método de expressar suas emoções. Antes, sem muito sentido, pela atenção externa que provoca, inicia uma função secundária, "servindo ao propósito da comunicação", e vai reforçar o predomínio do processo primário, pois ele também faz parte da experiência de satis

(44) Projeto. Vol. I. St. Bras. p. 480 . 421

(45) Ibid. p. 480

fação, constituindo outro aspecto da realização dos desejos, portanto da identidade das percepções que o processo primário busca. Na medida em que a presença e a atenção de uma mãe, ("suficientemente boa", no dizer de Winnicott (1974)) possa lhe dispensar cuidados necessários, o Bebê descobre a "função secundária" de sua descarga motora, como um meio de realização dos seus desejos e sua atitude, mesmo depois de adulto, terá marcas deste comportamento arcaico infantil. Freud exemplifica com uma analogia com o ovo de pássaro, com provisão de alimento encerrando na casca; este "sistema psíquico que pretende isolar-se dos estímulos externos e satisfazer-se autisticamente, (Bleuler, 1912) mesmo suas exigências de nutrição". No caso do ovo, o cuidado proporcionado pela mãe limita-se ao fornecimento de calor. Ampliando as idéias expostas, explica o correlativo de repressão, que coloca no exterior os estímulos desagradáveis internos, tratando-os, assim, como externos. Se o "sistema vive de acordo com o Princípio de Prazer deve possuir dispositivos capazes de afastar-se dos estímulos da realidade".(46)

Segundo o próprio Freud, nesta época se instalam os primórdios da comunicação e esta é ouvida e respondida pela mãe, ou pela pessoa que cuida da criança. Pensando, então, no exemplo do ovo de pássaro, com provisão de alimentos na casca, e que mesmo assim, necessita do cuidado materno para chocá-lo, o que não se dirá, então, sobre a criança humana, o mais desvalido de todos os animais ao nascer, se esta resposta iniciadora da comu

(46) cf. p. 279. op. cit. Formulação sobre dois princípios de funcionamento mental. vol. XII.

nicação não for adicionada do calor da voz, da presença perceptiva e provedora, do calor do corpo, dos toques, do cheiro, em fim, de prazer.

Já que a ação da criança é de alívio da tensão por meio de um "processo reflexo"⁽⁴⁷⁾ com ação motora e contrações musculares, não havendo um acolhimento favorável pela mãe ou substituta, o que a criança experimentará será um desprazer motivado pela própria tensão.

A criança necessita de uma contra-partida de atenção e a tendimento para que o sofrimento causado pelo desprazer não seja reconfirmado pela realidade de externa. Nesta época, segundo Piera Aulagnier, a representação que a criança possui é unicamente seu próprio corpo-psyque, numa representação "originária", onde o sujeito não dispõe senão de imagens de objetos corporais. Não havendo algo que acolha seu desprazer, no exterior, a causa do mesmo será atribuída ao próprio corpo. O início da comunicação, terá, portanto, a marca desfavorável do auto-aniquilamento. Esta tensão gera ansiedade que, quando intensa, não pode ser psiquicamente controlada, acarretando um acúmulo de tensão que precisa ser eliminada. O objeto externo é quem pode propiciar este alívio depois que a criança aprendeu o procedimento de atrair os cuidados do meio. A ausência da mãe é que vai constituir então o sinal de perigo ao qual o bebê responde pela ansiedade. O perigo é representado pela não satisfação imediata da necessidade, portanto, de acúmulo de estímulo

(47)

Fantasmas, linguagem, natureza in psicanálise e linguagem. Gibello, Bernard. Morais Editora. p.50.

desagradável. A ansiedade aparece como uma reação à perda sen
tida do objeto, "e lembramo-nos de imediato do fato de que tamam
bém a ansiedade de castração constitui um medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e do que a mais antiga ansiedade, a ansiedade pri
meira do nascimento - ocorre por ocasião de uma se
separação da mãe"(48) o perigo é deslocado da si
tuação econômica da manutenção homeostática para a perda do ob
jeto.

"A ansiedade, portanto, é um estado especial de desprazer com atos de descarga d ao longo de trilhas específicas"(49) .
A criança aprende um caminho de auto-preservação desenvolvendo, futuramente à qualquer sinal de perigo, um aparecimento automáti
tico e "involuntário" da ansiedade.

Pela existência de um mundo externo, a forma inicial que pos
sui a criança para lidar com ele é através dos órgãos senso
riais e da percepção das qualidades sensoriais do que forneça
prazer ou desprazer, que são imprimidas nos traços mnêmicos, que constituem as primeiras representações de coisas. Estes são
constituídos de "percepções extero, próprio e interoceptivas,

registradas por ocasião da experiência que fixa a percepção sensorial do meio: o odor, a voz, a vis
ta da mãe, o gosto do leite a pressão exercida sô
bre o corpo da criança pelos braços maternos, a postura
postura e a repartição tônica do corpo, as sensa
ções viscerais; todas essas sensações podem ser
memorizadas"(50).

A função da atenção e da memória é que observam e registram es

(48) Inibições, Sintomas e Ansiedade. p. 161. Vol. XX. St. Bras.

(49) Ibid. pp. 156-161-162. Vol. XX. St. Bras.

(50) Fantasma, Linguagem, Natureza in psicanálise e Linguagem. Gibello, Bernard. p. 52

ses sinais. "O tornar-se consciente acha-se ligado a aplicação de uma função psíquica especial da atenção". "O sistema Pcs não apenas barra o acesso à consciência mas também tem a sua disposição, para distribuição, uma energia catexial móvel, parte da qual nós é familiar são a forma de atenção"(51).

Gibello distingue dois tipos de traços mnêmicos: os sensitivos-sensoriais da experiência de satisfação, o representante de coisa, propriamente dito. Outros advindos de percepção da criança de sua atividade motora, categoria distinta dos primeiros, para os quais o autor propõe o nome de "representantes de transformação", resultantes da própria ação da criança por transformar uma situação de desprazer em situação agradável, ou pelo menos tentar transformá-la.(52).

Se os traços são comparados com os dados da realidade surge o que se chama "passagem de julgamento imparcial" que tem como efeito confirmar a veracidade ou falsidade de uma idéia. O indivíduo desenvolve assim sua capacidade de julgar e agir.

Há uma hipótese sobre a dominância do Princípio de Prazer :

"O aparelho mental se esforça para manter a quantidade de excitação nele existente tão baixa quanto possível, ou pelo menos por mantê-la constante, para não ser sentida como desagradável, adversa ao funcionamento deste. O princípio da Constância ou homeostase é decorrente ou inferido do princípio de prazer. É a tendência descrita por Fechner à estabilidade. Na mente existe uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, contrariada por forças e circunstâncias nem sempre harmônicas com o prazer". Observa ele (1873 - 1890)

(51)

A interpretação dos Sonhos, Vol. V. p.631. St.Bras.

(52)

cf. ibid. 3. pp.52-53.

"Visto porêm que uma tendência no sentido de um objetivo não implica em que este seja atingido desde que, em geral, o objetivo é atingível apenas por aproximações"...(53).

Fechner fala, ainda, dos impulsos conscientes relacionados com o prazer-desprazer que também possuem uma relação psicofísica com a estabilidade e instabilidade. Estabelece limiares qualitativos de prazer-desprazer. A medida em que se aproxima de uma estabilidade obtêm-se prazer, do movimento psicofísico acima do limiar da consciência, assim como se obtêm desprazer desviando-se desta estabilidade. (54).

Para impedir a descarga motora, de forma a que o aparelho mental pudesse tolerar um aumento de estímulos, enquanto a descarga era adiada, surge o processo de pensamento, onde há o deslocamento de pequenas quantidades de energia, enquanto mantêm a maior parte num estado de quiescência.

Consideramos o Princípio do Prazer um conceito de extrema importância nos trabalhos de Freud e enfatizamos sua utilidade para o desenvolvimento de nossas formulações num último capítulo.

Freud, na interpretação dos sonhos (1905), ao analisar os desejos oníricos e suas relações com os resíduos diversos, sua origem que remonta à região do Ics, verificou a possibilidade desses desejos serem resquícios de desejos infantis reprimidos,

(53) Além do princípio do prazer. p.20. Vol. XVII.

(54) cf. Além do princípio do prazer. pp.18.19. vol. XVIII. St, Bras.

onde também a atividade do Pcs é invocada, participando através das idéias latentes. "O inconsciente não tem mais nada a oferecer durante o sono à exceção da força motivadora para a realização de um desejo"⁽⁵⁵⁾. Tentando responder a esta questão, Freud propõe um quadro esquemático do aparelho psíquico, que, para atingir o estado atual, precisou de um período de aperfeiçoamento. Evoca assim, o já descrito princípio da constância, que procura manter o aparelho mental livre do excesso de estimulação sensorial, já que as exigências internas somáticas e as necessidades básicas de fome, sede, calor e ar a confrontam com a realidade externa. Esta mudança, como foi dito, só pode surgir com o auxílio externo, "pode ser atingido por uma experiência de satisfação que põe fim ao estímulo interno"⁽⁵⁶⁾, buscando um prazer que não cessasse. A satisfação fica registrada por uma imagem mnêmica, que se liga a outros traços de memória da excitação à que a necessidade conduziu, a busca de algo que fosse perceptivamente idêntico a esta primeira experiência de satisfação.

Um caminho fica assim estabelecido: excitação por necessidade interna (pulsão) - mudança - auxílio externo - experiências de satisfação com restabelecimento do prazer - imagem mnêmica ligada ao traço da memória da excitação.

Observando o caminho da realização de desejos nos sonhos po

(55) Interpretação dos Sonhos. p. 601

(56) Ibid. p. 602

demos verificar que existe aí também uma semelhança de funcionamento psíquico infantil arcaico. É a força motivadora do desejo fornecida pelo Ics que é ponto de partida da formação onírica. Já que o caminho por onde esta força tenta penetrar no Pcs é barrado em seu acesso à consciência pela censura imposta pela resistência, eles se transformam em pensamentos oníricos, juntando-se aos restos diurnos. Durante o dia existe uma força que flui do sistema Pcs. em direção à atividade motora. A noite esta atividade é cessada e há portanto uma baixa de resistência entre o Pcs e o Ics "A excitação se movimenta numa di

reção para trás "da extremidade sensória para o sistema perceptivo até a motora". "Este é o carácter regressivo do sonho". Freud acrescenta em 1914: sobre Alberto Magnus, estolástico do século XIII, "A imaginatio constrói sonhos a partir de imagens arzenadas de objetos sensoriais e o processo é realizado numa direção inversa à da atividade de vigília (citado por Diepgem - 1912 - 14). (57).

Esta regressão não é característica apenas do processo de sonhar. Também a lembrança intencional e outros processos de pensamento apresentam um movimento retrogressivo em direção à matéria prima dos traços de memória de um ato ideacional complexo. Na vigília, protegida pela atividade do Pcs. este movimento não transcende às imagens mnemônicas. Nos sonhos, através do deslocamento e da condensação, são transferidos de uma idéia para outra, utilizando a catexia de sistema Perceptivo, inversamente, dos pensamentos à vividez sensorial. A regressão é, pois, a "idéia transformada na imagem sensorial de que origi

(57) Interpretação dos Sonhos. p.573/578.

nalmente derivou"(58).

O processo onírico registra, assim, algo de análogo aos processos psíquicos dos primeiros sistemas mnêmicos, ou seja, das relações lógicas que pertencem ao pensamento onírico desaparecerem ou se expressarem mal durante os sonhos, e, pela regressão se expressarem por imagens perceptivas. As regressões patológicas no estado de vigília são também pensamentos transformados em imagens ligadas as lembranças inconscientes suprimidas.

O sonho permite a transformação regressiva de pensamentos, sob influência de lembranças infantis inconscientes reprimidas pela censura. Nos estudos de Breuer sobre a Histeria, quando cenas infantis vinham à mente, fossem lembranças ou fantasias, eram encaradas como alucinação e apenas ao serem comunicadas havia remissão do sintoma. Existe uma qualidade sensorial vívida, não só visual, que as recordações infantis permitem que se mantenha durante a vida. Freud relata também suas próprias experiências neste sentido.

O sonho substituirá, portanto, para uma experiência recente, uma infantil; os pensamentos se transformam em imagens visuais, lembranças visuais que por estarem desligadas da consciência querem surgir, aproveitando a via do pensamento do sonho. A regressão se daria, por uma oposição ao curso normal de um pensamento porque lembranças com grande força sensorial oferecem resistência à sua passagem sofrendo influência dos dois

(58) Interpretação dos Sonhos. p. 603. vol. V. cap. VLL. St.Bras. e seg.

fatores "empurrado pela censura do Cs. e puxado pelo Inc.". Sua importância não se resume aos sonhos mas também na origem dos sintomas neuróticos. Temporal, topográfica e formal, todas essas formas se resumem em uma "o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e na topografia psíquica fica mais perto da extremidade perceptiva"(59).

Os sonhos podem resultar de impulsos infantis primitivos e da expressão pela qual os mesmos poderiam ser representados naquela época e podem rememorar também traumas infantis. Assim como nas psicoses, os sonhos, ao serem analisados em seu aspecto regressivo, podem reconstituir um caminho dos impulsos instintivos do indivíduo e talvez nos levem, segundo Freud, "à herança arcaica do homem, herança filogenética". No dizer de Nietzsche, "nos sonhos acha-se em ação uma relíquia primitiva da humanidade a que hoje podemos chegar por um caminho direto"(60).

Os desejos dos sonhos que remontam à infância ficaram reprimidos, e se ligam a desejos não realizados e não reprimidos da vida de vigília, pois, para a criança, não há censura entre o Pcs e o Ics.

O Princípio de prazer é, como vimos, um método primário do funcionamento mental, influenciado a princípio pela pulsão de

(59) Interpretação dos Sonhos. Vol. V. St. Bras. cap. VII. p.584

(60) Ibid. p.585

auto-preservação do ego, que, aos poucos, vai integrando o Princípio de Realidade, já que o organismo tem de se adaptar ao mundo externo.

O princípio de realidade facilita a postergação do prazer, com a tolerância do desprazer, mas nem todas as experiências de desagráveis são afastadas pelo Princípio de Prazer. Existe uma energia dos impulsos instintuais (pulsões) inatos do aparelho mental que os incompatibiliza quanto ao alcance do objetivo de satisfação. Alguns instintos colidentes quanto aos objetivos, para conseguirem alcançar êxito, tem de usar outros caminhos substitutivos da satisfação, uma via indireta, que o ego sente como desprazer. A repressão afasta o instinto da obtenção do prazer, o mantém em níveis psíquicos inferiores (Ics) e a obtenção do prazer por via indireta é desprazerosa. Freud até 1920 não sabe como a repressão transforma uma possibilidade de prazer, pois não estão claramente representados, mas afirma que "o desprazer neurótico é um prazer que não pode ser sentido como tal"⁽⁶¹⁾. É a percepção de um perigo externo iminente, ou a pressão de instintos insatisfeitos que causam desprazer. O instinto reage ao perigo, porque é presidido pelo Princípio de Prazer e pelo Princípio de Realidade, que modifica e limita o primeiro. Esta observação leva Freud a um questionamento quanto às neuroses traumáticas. Relacionou seus sintomas aos da histeria "quanto aos aspectos motores" e com os da Hipocondria

(61) Além do Princípio do Prazer. Standart Bras. p.21 Vol. XVIII.

e Melancolia quanto à "indisposição subjetiva", observou características do susto, medos e ansiedades. Na neurose traumática, o estímulo, por ser muito grande, rompe a barreira de um "escudo protetor contra estímulos". A psicanálise estuda os efeitos produzidos na mente por causa desta ruptura, ao observar os efeitos da ansiedade.

A ansiedade é um estado afetivo que resulta do ponto de vista econômico, das relações prazer-desprazer, e, do ponto de vista dinâmico, do conflito entre forças pulsionais e defensivas (busca de prazer, evitação do desprazer). Em Freud, verificamos que a ansiedade tanto pode preceder a repressão do impulso emergente como constituir-se na consequência da impossibilidade de satisfação do impulso; como sinal que antecede a repressão, a ansiedade estaria topograficamente ligado ao ego; como resultado da transformação do impulso reprimido, estaria ligada topograficamente ao Id.

Há dois tipos de ansiedades: Ansiedade Realística, quando há aumento de tensão provocada pela atenção sensorial e motora com dois resultados decorrentes: quando é gerada pela repetição das experiências traumáticas, com adaptação ou fuga a elas, ou quando há uma maior ansiedade que aumenta o estado afetivo, decorrente da tentativa de manter o domínio da situação ansigênica.

Ansiedade Neurótica, quando um perigo é desconhecido, e que segue três formas: uma flutuante e difusa, a ansiedade expectante, que caracteriza a neurose de angústia, com falta de objeto, as fobias, relacionada com um medo exagerado de um perigo

externo e a ansiedade da histeria, sem relação com o perigo visível, externo, ou a ansiedade que acompanha os sintomas obsessivos.

Freud faz observações complementares a este respeito. Embora no caso da ansiedade realística o perigo seja real, conhecido, e na ansiedade neurótica não o seja, ainda é instintual, as características de ambos se misturam pois uma é a "reação afetiva com irrupção da ansiedade e a outra uma ação protetora" (62).

Freud observa, também, que existem dois traços que diferem quanto à expectativa do perigo: podendo prevê-lo e quanto à indefinição, desamparo frente a uma situação traumática e falta de objeto. Neste caso, o ego, que passou pelo trauma de forma passiva, pretende agora atuar ativamente sobre ele, tentando domínio psíquico. O primeiro deslocamento da ansiedade inicia uma primitiva situação de desamparo que adverte o ego para o perigo iminente que é a perda do objeto.

Esta situação é mais fortemente enfatizada no caso de crianças expostas a situações de doenças físicas, onde há um exacerbação com catexias narcísicas da parte afetada pela doença, que tendem a esvaziar o ego. A parte dolorosa, que emite dor, faz com que haja uma representação mental deste órgão hipercatexizado. Freud extrapola deste exemplo para a situação do anseio que se tem pelo objeto faltante ou perdido que, economicamen

(62) Inibições, Sintomas e Ansiedades. p. 190. Vol. XX. St. Bras.

te, equivale às condições de aumento de catexia do órgão enfermo. Diz ele:

"A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia do objeto. Uma representação de objeto, que esteja altamente catexizado, pela necessidade de instintual, desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo. A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental"(63).

O desprazer que ocorre não tem características de ansiedade, mas de dor, e Freud atribui, provavelmente ao "alto nível de catexia e ligação" predominantes durante situações desprazerosas.

Pudemos observar, em nossa experiência clínica com crianças gravemente enfermas, portadoras de câncer, uma situação desta natureza, onde havia uma hipercatexia em relação ao objeto mãe - e, em um trabalho, aconselhamos a permanência materna junto à crianças hospitalizadas, afin de evitar uma situação regressiva, a nível do narcisismo primário, facilitada por uma hipercatexia hipocondríaca do órgão enfermo e pela situação traumática provocada pela doença orgânica (64).

Já que a criança, em idade muito tenra, não diferencia totalmente uma separação da mãe - a pessoa que pode satisfazê-la da perda da percepção do objeto, que equivale à própria perda do objeto, a presença da mãe pode impedi-la de equacionar a ansiedade com perda de objeto. Estabelecida a catexia de an

(63) Inibições, Sintomas e Ansiedade. p. 197. Vol. XX. St. Bras.

(64) Trabalho apresentado na semana de Psicologia da Universidade Santa Ursula, 1981 e no IV Simpósio de Psicologia Clínica. CPS-Rio 1982-Mello, Maria Beatriz.

seio por esse objeto - mãe, criada pela repetição de experiências de satisfação anteriores, a falta deste objeto, numa situação real, pode exarcerbar a idéia de perda do próprio objeto como também, a perda do próprio objeto como perda de amor. "A dor

é assim, uma reação real a perda do objeto, enquanto que a ansiedade é a reação ao perigo que esta perda acarreta e por um deslocamento ulterior, uma reação do perigo da perda do próprio objeto"(65)

A diferença proposta por Freud para a ansiedade realística e neurótica é que na primeira há uma ameaça de perigo provinda de um objeto externo e na segunda provinda de uma exigência pulsional que só se torna um perigo (interno) quando a satisfação se torna obstaculizada por uma ameaça de perigo externo. O que é realmente temido é a libído, vivida como um perigo interno e não externo.

A ansiedade serve à auto-preservação enquanto previne contra as ameaças exteriores do ego. Os pulsões autopreservativas da espécie lutam contra os perigos que ameaçam a vida opondo "esforços instintuais e esforços inteligentes"(66).

A ansiedade reproduz o afeto de um evento antigo. Surge da repressão, acarretando sua substituição por sintomas, o que foi observado nas fobias de crianças (vide caso do Pequeno Hans e do Homem dos Lobos, como se os sintomas fossem criados para evitar a irrupção de um estado de ansiedade).

(65) Inibições Sintomas e Ansiedade. p. 197

(66) Além do Princípio do Prazer. p. 57. St. Bras.

Freud modificou muitas vezes a idéia sobre as relações entre ansiedade e repressão. Nas conferências introdutórias. Conf. XXXII. (1933.a) já não sustenta que é a libido que se transforma em ansiedade nas situações traumáticas mas que é uma reação à própria situação. Corrobora seus achados de 1926 e acrescenta, sobre ansiedade e repressão: "A ansiedade faz a repressão e não conforme costumávamos pensar, o oposto... que a situação reunida remonta basicamente a uma situação de perigo externo (p. 112).

Numa primeira concepção, Freud considera que a idéia submetida à repressão pode sofrer deslocamentos que a transformam de modo a ficar quase imperceptível e a quota de afeto de natura amorosa ou agressiva se transforma em ansiedade. Para ser mantida, a repressão precisa de uma energia constante que mantém o reprimido e, na análise, é observada como a resistência que atua como anticatexia.

Posteriormente Freud propõe que o ego é a sede da ansiedade e a produz quando for necessário. Deseja a satisfação da pulsão instintual mas a lembrança do perigo o ameaça. Quando o impulso do id encontra um ego fraco, este, prevendo o desprazer, desperta o mecanismo automático prazer-desprazer, por meio de um sinal de ansiedade que reprime a excitação provocada pela pulsão tida como perigosa, por meio de uma anticatexia que, mesclada ao impulso reprimido, origina o sintoma.

Na ausência da mãe, a incerteza sobre satisfação das necessidades pressentida como perda de amor e a tensão daí oriunda

reproduz a ansiedade original (Para Lacan é o "caput mortuum", mundo vazio-zero - ausência da mãe, mundo pleno presença da mãe).

"O temor de castração é um dos caminhos mais fortes e mais comuns para a repressão"(67). Ferenczi iguala temor de castração à incapacidade de unir-se de novo à mãe no ato sexual. A fantasia de volta do útero tem como corolário o desejo de "copular". Diz Freud "Seguindo a linha do pensamento de

Ferenczi podemos dizer que o homem em causa, havendo tentado provocar seu retorno ao ventre da mãe, utilizando o órgão sexual dele para representá-lo, está agora (em sua fantasia) substituindo regressivamente aquele órgão por toda a sua própria pessoa"(68).

Otto Rank dá extrema importância ao ato de separação da mãe no nascimento que considera um momento traumático (teoria que tem apoio, hoje, nas idéias do método Leboyer, onde a separação da mãe no parto, deve ser gradativa e sem violência para não ocasionar o trauma), Freud critica-lhe a posição extremada de colocar a ansiedade de nascimento como modelo de todas as situações de perigo futuras. Tanto o nascimento, como as situações de perigo, apresentam danos com uma excitação intensa, não descarregável, que pode ser sentida como desprazer, quando malogra o Princípio de Prazer. É o momento traumático.

Nem mesmo o fortalecimento do ego que tem lugar no decorrer

(67) Inibições, sintomas e ansiedade. p. 110

(68) Ibid. p. 163

do desenvolvimento da criança pode tornar menor a ansiedade ao perigo. A vida adulta terá sempre reproduções destas primeiras carências e desamparo infantil. Para as relações sociais se desenvolverem também se necessita da manutenção do temor do superego, na forma de uma ansiedade moral.

É ao ego que se atribui a melhor forma de obter satisfação do mundo protegendo-se contra os perigos por meio da ansiedade, enquanto o id procura a satisfação pulsional inata, com o objetivo de preservar a vida.

A realização do desejo no sonho é uma forma alucinatória em função e sob o domínio do Princípio de Prazer. Mas o sonhar com o trauma constitui uma tentativa do dominar o estímulo de forma retroativa, como a favorecer a liberação da ansiedade gerada pelo trauma. Esta é a única exceção onde o sonho não realiza um desejo. Os sonhos de punição exercem substituição do desejo pela culpa, repudiando algum impulso indesejável.

Freud observa também, nas brincadeiras de crianças, um motivo econômico de produzir prazer. O célebre "jogo do carretel", onde a criança encena o aparecimento e desaparecimento da mãe, repetidas vezes, vocalizando "Fort-da" respectivamente ao aparecimento e desaparecimento do carretel. Ao encenar o seu desaparecimento desagradável, desprazeroso, passa de uma situação passiva, de ser abandonado, a uma ativa, e repete o que foi desagradável. Brincando a criança ab-reage experiências que causaram grande impressão. Busca também repetir o desejo, a

experiência agradável de modo idêntico"⁽⁶⁹⁾. Este traço infantil vai aparecer na experiência analítica na transferência com o analista, onde o paciente é compelido à repetição, cuja compulsão situa-se para "além" do Princípio de Prazer, constituindo-se naquilo que se chama "resistência do id".

A vida sexual das crianças é pontilhada de desejos que não podem ser atendidos, pela inadequação maturacional, acarretando frustrações. A análise mostra que, na transferência, o adulto repete as experiências compulsivamente. Freud supõe a existência na mente de uma "compulsão à repetição que sobrepuja o Princípio de Prazer, como pretende relacionar a compulsão dos sonhos que ocorre, nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar"⁽⁷⁰⁾.

Freud conclui que não existem provas suficientes para suportar tendências "além" do Princípio de Prazer, anteriores e independentes dele. A mesma coisa que causa desprazer pode se transformar em prazer, sob a dominância do Princípio de Prazer, o que é desagradável pode ser reelaborado mentalmente. Supõe então a existência de um sistema de percepção das sensações utilizando a economia psíquica para produzir prazer.

O princípio de Prazer, evitando o desprazer, evita que o reprimido será liberado favorecendo assim a resistência do ego

(69) Além do Princípio de prazer. pp.27-28. Vol. XVIII

(70) Ibid. p. 36.

consciente e inconsciente. Repetindo compulsivamente, repetem-se experiências passadas, reprimidas, que nunca foram prazerosas portanto obtêm-se prazer, mas também causam desprazer por exporem os impulsos instintuais reprimidos.

Freud diz que a percepção para o Ego tem o mesmo significado que tem o instinto para o Id. As percepções também são influenciadas pelos instintos. Supõe duas classes de instintos; os instintos sexuais ou de Eros, e os de auto-preservação que contrastam com os sexuais. Apoiado na biologia constata também instintos de morte. "O objetivo de toda a vida é a morte"⁽⁷¹⁾ historicamente as coisas inanimadas precederam as vivas. Há uma tendência orgânica de volta ao inanimado, mas Eros visa preservar a vida unindo e combinando partículas cada vez mais amplas. Nestes sentindo ambos os instintos são conservadores já que visam restabelecer um estado que foi perturbado pela continuação da vida. A vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências ⁽⁷²⁾. A vida, evitando a morte, estaria a serviço de Eros, pois colocaria para fora os impulsos destrutivos por meio de uma ação muscular, dirigida contra o mundo externo.

Da mesma forma que há uma "fusão" pulsional há também uma "desfusão". No sadismo temos o exemplo do instinto sexual que se desfunde ocasionando a preservação, que também pode ser observado em certos tipos de neurose. A ambivalência também con

(71) Além do princípio do prazer. p. 56

(72) cf. o Ego e o Id. p. 56. cf.

siste na retirada da energia de um impulso erótico para um hostil, ou seja, há uma transformação de amor em ódio.

Inicialmente a oposição instinto do ego e instinto sexual era a base de toda a teoria da libido, alterada pela concepção sobre o narcisismo. No Narcisismo primário toda quota de libido estaria armazenada no ego e perdura até o ego recatexizar os objetos com a libido "Durante toda a vida do indivíduo seu ego

permanece sendo o grande reservatório da libido da qual as catexias de objeto são enviadas e para a qual a libido pode correr novamente de volta dos objetos "A maior parte da libido pode ocorrer novamente de volta dos objetos". Parte da libido mantém-se no ego, inicialmente se encontra no Id, enquanto o ego é fraco"(1)

Quando Freud escreve seu artigo sobre o narcisismo tem em vista pesquisar o lugar que ocupa no desenvolvimento sexual a relação entre o ego e os objetos externos procurando distinguir libido do ego de libido objetal, e o conceito de ideal do ego, que mais tarde veio a ser o superego, agente auto-observador com ele relacionado.

Este artigo tem também a função de elucidar a controvérsia de Jung sobre introversão da libido. É Jung quem identifica libido com interesse psíquico geral. Freud corrobora a crítica de Ferenczi (1913) dizendo que não há este tipo de retração da libido e que também a retirada da libido não é a responsável pela perda da realidade. Na histeria ou na neurose obsessiva há uma perda da relação com a realidade, permanecendo a relação erótica com as pessoas e objetos ainda que na fantasia, podendo misturar imaginário com real, renunciar até à atividade mo

(1) op. cit. nota 71-72

tora para estar em contato apenas com objetos imaginários. Só neste caso é válido empregar o termo introversão do libido, de Jung. Nas parafrenias há uma evasão maior da realidade com retirada da libido das pessoas e das coisas sem que as substitua por fantasias. Na esquizofrenia há uma retirada da libido objetal que se volta para o ego. É o que se dá na megalomania e foi esta atitude que inspirou o que se chamou de Narcisismo. Verificou-se que a libido retirada do objeto volta ao ego com o nome de libido narcisista. Esta fase é a intermediária entre o auto erotismo e o amor objetal.

"Conceitua-se por narcisismo primário o estado comum a todo o ser humano onde há uma preocupação afetiva com referência ao próprio corpo, com atenção e carinho voltados especialmente para ele, com a fixação da energia libidinal ao corpo e à personalidade do indivíduo, servindo como um complemento libidinal do instinto de auto-preservação"(73).

Esta energia é usada de forma auto-erótica no lugar de se dirigir para um objeto. O auto-erotismo, amor de si mesmo prepara o indivíduo para o alo-erotismo, amor ao próximo.

No início é no Id que se acumula a libido que é enviada, em parte, para as catexias objetais eróticas, das quais o ego posteriormente se apoderará impondo-se ao Id como objeto de amor constituindo o narcisismo secundário, com a libido dos objetos fluindo para o ego resultante da identificação com os objetos abandonados. "Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual - a libido - de uma

(73)

cf. Teoria da Libido e o Narcisismo-Conf. Introdutórias sobre Psicanálise III - Conf. XXVI. p. 485.

energia dos instintos do ego" (73.a) . Essas catexias objetais se superpõem a um narcisismo primário que sofre influências diversas. Foi observada uma unidade econômica entre a libido objetal e a libido do ego; quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. Freud exemplifica com o apaixonamento onde o indivíduo se entrega a favor da catexia do objeto de seu amor.

Na hipocondria, ou na doença orgânica, há uma retirada da libido objetal, investida no próprio órgão doente ou nas sensações aflitivas. Ocorre também nas neuroses de angústia e na histeria. "Um egoísmo forte constitui uma fonte proteção

contra o adoecer, mas num último recurso devemos começar a amar não adoecer e estamos destinados a cair doentes se em consequência da frustração, formos incapazes de amar"(74)

"Todo indivíduo tem uma existência dúplice, uma a serviço de sua própria vontade e outra a serviço da vontade que ele serve". A sexualidade para seus próprios fins e de outro lado, a energia para trocas. Esta duplicidade de funções do indivíduo é um apoio para a hipótese sobre a separação entre pulsões sexuais e pulsões do Ego e que também tem o apoio biolôgico e do que foi observado na análise da transferência.

Freud vê diferenças entre a escolha objetal masculina, que é mais caracterizada pelo tipo de ligação, reminiscências da

(73.a) O Ego e o Id. cap. IV

(74) Sobre o narcisismo, uma Intr. p. 100. vol. XIV - 1914.

transferência do narcisismo para o objeto sexual. Na mulher há uma intensificação do narcisismo original, o que desfavorece a escolha objetal e a valorização sexual. As mulheres muito narcisistas tem atitude fria para com os homens e, quando geram seus filhos, sentem-nos como um objeto estranho confrontado a seu próprio corpo ao qual podem dar um amor objetal completo. (desenvolveremos este tema no capítulo final).

Em "Além do Princípio de Prazer"(1920) Freud vê como inoperante a oposição entre instintos do Ego e instintos sexuais pois parte dos instintos do Ego é também libidinal e no ego também existem instintos sexuais. A divisão entre instintos do ego e instintos sexuais (1923) permanece já que são esses os conflitos básicos das psico-neuroses. No início Freud dizia que o... ego era o verdadeiro reservatório da libido, conceito mudado para o id é o verdadeiro reservatório da libido (75)

Finalmente Freud chega à oposição básica: Pulsões de vida (Eros), opondo-se às pulsões de morte (Thanatos) e assegura que sua posição é dualista opondo-se à monista de Jung.

Essas pulsões se combinam e se opõem uma à outra em suas funções biológicas. Como na física, operam em forças de atração e repulsão, assim como no mundo inorgânico. Ao comer destrói-se uma substância para incorporá-la e no ato sexual a agressão leva à união íntima. É a quantidade maior ou menor de

(75) cf. AP.B. p.80 - O Ego e o Id. e Além do Princípio de Prazer. p. 74. vol. XVIII.

agressão que leva a resultados diferentes. Exemplo: quando maior levará ao criminoso sexual, quando menor, impotência se xual.

As pulsões de morte tem um caráter conservador, retrógrado, de repetição, e pressionam no sentido da morte. As pulsões se xuais tem sentido de vida, função sexual de prolongar a vida da célula germinal dando-lhe aparência de imortalidade. Weisman (1882 - 84 - 92), divide a substância viva em "soma", parte mortal e "células germinais" do plasma germinal, potencialmente imortais, por acarretarem a sobrevivência da herança da espécie. A bilogia não contradiz, pois, o reconhecimento da pulsão de morte: "a notável semelhança entre a distinção Weismanniana de

soma e plasma germinal e nossa separação dos ins tintos de morte e dos instintos de vida, persiste e mantém sua significância"(76).

"A substância viva tem ação assimilatória e a des trutiva desassimilatória"(E.Rering)(77).

As vicissitudes da pulsão de morte não são tão facilmente observados quanto as de Eros. A energia da pulsão destrutiva é colocada para fora pelo aparelho muscular mas parte dela per manece no interior, em silêncio, trabalhando e auto-destrutivamente. Por exemplo, o componente sádico da pulsão sexual, deri vado da pulsão de morte, é expulso do ego e dirigido ao obje to, em forma de sadismo, mas pode voltar ao ego, constituindo o masoquismo. Tornando-se independente, pode dominar a ativida

(76) cf. Além do Princípio de prazer. p. 69. Vol. XVIII

(77) Ibid. p. 69

de sexual em forma de perversão.

Em 1896 Freud faz a primeira menção a respeito das zonas erógenas passíveis de estimulação na infância e estuda "as forças repressivas da repugnância vergonha e moralidade" (78).

É indiscutível a fluência da libido oriunda das fontes somáticas de diversos órgãos e de partes do corpo conhecidas como "zonas erógenas", ocasionando a excitação sexual. Esta porção da libido é instintiva. Este instinto básico no ser humano desenvolveu-se de instintos componentes das zonas erógenas.

Define-se como zona erógena: "uma parte da pele ou da mem

brana mucosa em que os estímulos de determinadas espécies evocam uma sensação de prazer, possuidora de uma qualidade particular...um caráter rítmico deve desempenhar um papel entre elas e a analogia da cegueira, nos vem à mente ... Há zonas erógenas predestinadas conforme mostra o exemplo de chupar. Entretanto, o mesmo exemplo, também nos mostra que qualquer parte da pele ou membrana mucosa pode assumir as funções de uma zona erógena e deve, portanto, ter alguma aptidão neste sentido. Assim a qualidade do estímulo tem mais a ver com a sensação de prazer do órgão que a natureza da parte do corpo em questão" (79).

Mais tarde Freud afirma que todas as partes do corpo de todos os órgãos internos tem erogenicidade e essas partes são importantes na aquisição do prazer sexual. O conhecimento sobre as zonas erógenas veio da experiência clínica sobre a histeria, (a princípio chamadas zonas histerógenas hister, útero) perversões e sexualidade infantil.

(78) cf. Três Ensaios (1905). Vol. VII. p. 125 . e seg.

(79) ibid. p. 177 e seq.

Foi nos Três Ensaios (1905) que Freud primeiro falou das zonas erógenas, conceito desenvolvido em 1896 e 1905 como conceito básico que estabelece um elo entre a biologia, a libido e as teorias instintuais da psicologia psicanalítica⁽⁸⁰⁾.

Existem zonas predestinadas no corpo para receber estímulos, que tem relação com os órgãos vitais. As pulsões ligadas às necessidades orgânicas tem efeito de estimulação dessas zonas. São elas:

- a) zona oral, libidal, também vinculada à nutrição. Durante a primeira fase da criança é a zona que produz maior satisfação, sugar, chupar. Pelo prazer obtido tenderá a repetição através de um impulso excitatório periférico. Ao chupar o polegar inicia um processo exploratório do próprio corpo, abrindo caminho ao erotismo.
- b) zona anal, ligada aos processos excretórios e eliminatórios, cuja significação erógena é bem grande nos processos de retenção ou soltura das fezes.
- c) zona fâlica, ligada à glânde e ao clitóris, e à micção, terá maior expressão na sexualidade adulta mas a criança desde cedo pode manipulá-la pela masturbação⁽⁸¹⁾

Os instintos componentes relacionam-se com as zonas eróge

(80) Três Ensaios. Vol. VII. p. 125- Nota do Ed. inglês (James Strachey).

(81) cf. Nagera, Humberto - Teoria da Libido. pp.25-26. Cultrix SP.

nas e originam-se de fontes internas, (processos internos) de onde emanam a excitação sexual das zonas erógenas, cujas sensações se mesclam a essas fontes. A finalidade do instinto componente é auto-erótica e "seu objetivo é insignificante em comparação com o órgão que lhe serve de fonte via de regra, coincidindo com este órgão"

A distinção entre os instintos e sua especificidade e objetivo depende de suas relações com as fontes somáticas.

A vida sexual infantil está sob a dominância das zonas erógenas e do objeto sexual, pessoa da qual procede a atração sexual e o objetivo sexual, fim ao qual o instinto ou a libido conduz. Os instintos parciais de escopofila, exibicionismo e crueldade são de certa maneira independentes das zonas crógenas. Esses instintos que terão preponderância, mais tarde, na vida genital adulta, já podem ser encontrados nas crianças desde muito cedo. Depois do "narcisismo" Freud modifica sua opinião ao falar sobre o instinto escopofílico que no início da vida é auto-erótico. Possuir um objeto que faz parte do próprio corpo. Por um processo de comparação é que, mais tarde, a pulsão é levada a trocar de objeto e passar para uma parte análoga do corpo de outra pessoa.

Pressão (Ding) de uma pulsão é a força; seu trabalho de impulsionar no sentido de descarga.

A fonte (Quelle) de uma pulsão é o próprio corpo ou parte do corpo onde ocorre um estímulo que se apresenta à psique pe

da pulsão. Na vida mental sō conhecemos os instintos através de suas finalidades (Ziel) das quais se infere a fonte. Assemelham-se em qualidade e seu efeito é variável quanto à quantidade de excitação que comportam e suas funções.

O objeto (objekt) da pulsão caracteriza-se por sua plasticidade, mutabilidade, enquanto instrumento (meio) da satisfação (que é o objetivo). É pelo fato do objeto ser mutável (e não pré-fixado hereditariamente, como nos instintos animais) que a libido adquire seu caráter criativo, sublimável, essencialmente humano. Daí provém igualmente sua dupla dimensão - energia vital básica e fonte de produções psíquicas as mais complexas.

As principais vicissitudes de uma pulsão são:

- a) Reversão a seu oposto. Este processo inclui dois outros: mudança da atividade para a passividade no que se refere à finalidade instintual. É encontrado nos dois pares de opostos sadismo-masoquismo, escopofilia-exibicionismo. Reversão ao conteúdo, refere-se à transformação de amor em ôdio.
- b) Retorno ao próprio ego. O par de opostos sadismo-masoquismo não pode ser estudado separadamente, pois ambos são "vertentes de uma mesma perversão, cuja forma ativa e a forma passiva se encontram em proporções variáveis no mesmo indivíduo"⁽⁸²⁾.

(82)

Vocabulário de Psicanálise. Laplanche-Pontalis. pp.646-1967
Martins Santos. Fontes Brasileiras.

O masoquismo é um sadismo que volta ao ego do indivíduo produzindo prazer. Da mesma forma, o exibicionista obtém prazer em sua própria exibição e em ver o objeto (escopofilia). O retorno ao self é convergente, portanto, com a atividade e passividade.

O sadismo corresponde ao domínio e poder sobre um objeto. "A voz ativa passa antes pela voz reflexiva média". Num terceiro caso o "ego passivo coloca-se fantasmaticamente no seu lugar agora cedido ao indivíduo estranho"⁽⁸³⁾ e ao provocar sofrimento frui-se dele por identificação com o objeto que sofre. Freud, exemplificando: a criança sádica não tem pretensão e nem intenção de provocar dor mas ao se transformar em masoquismo (finalidade passiva) as sensações são semelhantes ao efeito da excitação sexual o que fará a pessoa experimentar prazer, com o desprazer da dor. A finalidade masoquista existe em alguém que anteriormente era sádico.

Tanto o sadismo-masoquismo quanto a escopofolia-exibicionismos são pares do oposto que aparecem de forma ambivalente e intercambiantes, na transformação de um instinto em seu componente; temos o exemplo mais comum que é a transformação do amor em ódio, onde há a ambivalência de sentimentos em relação a um mesmo objeto. Há três polaridades nas formas opostas de amar; amar/odiar - como antítese refere-se ao movimento muscular com que o organismo consegue, em parte, silenciar os estímulos ex

(83) Voc. de Psic. Laplanche-Pontalis. p.608. Martins Santos.

ternos mas não tem ação sobre as pulsões instintuais. prazer/
desprazer - polaridade ligada aos sentimentos à vontade ativo/
passivo - ligada à relação do ego sobre o mundo atuando ou
recebendo sua atração.

A atividade vai originar a masculinidade e a passividade, a feminilidade, outra antítese. As três polaridades se entrelaçam significativamente. Na situação de narcisismo primordial dois deles estão presentes quando as pulsões catexiam o ego e de certa forma o satisfazem de modo auto-erótico. O ego recebendo essas catexias não tem necessidade do mundo, que nesta época lhe é indiferente, até mesmo desagradável, fonte de tensão. Este é o primeiro par de opostos. Ego-mundo.

Na "Introdução sobre o Narcisismo" (1914) Freud fala de uma terceira abordagem do narcisismo, referente à vida erótica dos seres humanos e a diferenciação homem-mulher. A libido do ego oculta inicialmente a libido sexual; nas crianças a libido sexual também deriva dos primeiros objetos sexuais que são os mesmos das primeiras experiências de satisfação. "As primeiras satisfações auto-eróticas são experimentadas em relação as funções vitais que servem a finalidade de auto-preservação. Os instintos sexuais estão de início ligados aos instintos do ego e somente depois é que vão se tornar independentes" (84). Vamos encontrar, mais tarde, indicação da influência deste primeiro vínculo nos tipos de escolha objetal. Os primeiros obje

(84) Introdução ao Narcisismo. (1914). Vol. XIV. p. 103. St. Bras.

tos sexuais da criança são as pessoas que a protegem, alimen
tam e lhe dispensam primeiros cuidados, em geral a mãe, even
tualmente sua substituta. Este tipo de relação vai constituir
a base para dois tipos de escolha narcísica: analítica ou de
ligação. Ao lado do tipo e fonte de escolha "anaclítico" ou
de "ligação" existe outro tipo de desenvolvimento libidinal dos
prevertidos e homossexuais que não tem como modelo a mãe mas
seus próprios "eus", tipo narcisista de escolha objetal. Isto
vem reforçar a hipótese sobre o narcisismo.

Em nota no "Instinto e suas vicissitudes"(1915) diz que al
guns instintos sexuais satisfazem-se auto-eroticamente desen
volvendo o Princípio de Prazer ("do ego da realidade original pa
ra o ego de prazer"), mas esses mesmos instintos exigem um ob
jeto, já que as necessidades egóicas, não podendo ser totalmen
te satisfeitas, perturbam o estado narcísico primordial. Mas
o caminho além do narcisismo primário não seria efetuado se não
fosse a ajuda externa.

Freud achava que houve um ego realidade original mais anti
go do que o ego prazer (do princípio de prazer) no seu caminho
para o ego realidade final. Há fatores resultantes da
libido auto-erótica que favorecem, estimulando este Ego prazer,
enquanto que a libido não erótica desvia a libido para este
Ego realidade original, desfavorecendo a manutenção deste Ego
prazer, favorecendo a transição para o Ego realidade final. Os
cuidados dos pais, por outro lado, estimulam o prolongamento des
te ego prazer, portanto do narcisismo primário, já que contri

buem para mudar o ego prazer (85).

Como as necessidades são supridas por um objeto externo, gerando prazer, o ego as introjeta (Ferenczi (1909)) expulsando o que gera desprazer. Este é o reforço que o ego da realidade recebe do ego prazer. Surge mais uma oposição no mundo do ego prazer, uma parte agradável, incorporada por ele e uma projetada no mundo externo. E a oposição fica assim constituída: amor-prazer ódio - desprazer; O ódio (ou pelo menos a indiferença) , é a primeira característica da relação ego-mundo. Mundo, objetos e o que é odiado são idênticos.

Na fase narcisista então teremos como resultado da afirmação acima: amor ou indiferença se igualam a mundo externo, assim como, prazer-desprazer é igual a amor-ódio.

Na fase objetal o desprazer e o prazer significam relações entre ego e o objeto. Quanto a este, de acordo com o prazer que oferece ao ego há uma ânsia (urge) de atraí-lo ou repeli-lo, fugindo aos estímulos que este lhe impõe; odeia, sente repulsão e deseja destruí-lo. Diz Freud que "as atitudes de amor e ódio não podem ser utilizadas para as relações entre os instintos e seus objetos mas estão reservadas para as relações entre o ego total e os objetos"⁽⁸⁶⁾. A palavra amor dentro do próprio uso linguístico tem este significado. Só dizemos que amamos quando há amor entre o ego e o seu objeto sexual, depois

(85) cf. o Instinto e suas vicissitudes. pp.156-57.

(86) ibid. p. 159

que os instintos componentes sexuais foram sintetizados à serviço da genitalidade. Antes podemos dizer que gostamos, necesitamos do objeto de auto-preservação, somos afeiçãoados a eles, ou nos agrada. O que Freud quer ressaltar é que o instinto sexual isolado não ama seu objeto mas o ego, sim, este ama seu objeto sexual.

É diferente a relação no ódio. O ódio origina-se do desprazer e na intenção presente no instinto de morte de destruir a fonte de desprazer, aquilo que lhe causa um aumento de tensão. Na sua função preservativa e no esforço para manter a estabilidade e a constância, não leva em conta a frustração da satisfação sexual que o objeto pode lhe proporcionar e nem as funções auto-preservativas. Freud afirma, pois, que "ódio na relação de objeto é mais antigo que o amor"⁽⁸⁷⁾. Esta análise vai nos despertar para o instinto destrutivo, ou instinto de morte, hipótese apoiada na biologia. Enquanto Eros tem a finalidade de unir, de auto-preservação, de sexualizar os instintos, o instinto de morte visa reconduzir a vida a um estado primitivo, inanimado. Viver, então, seria uma forma conciliatória da ação dos instintos. Ambos visam "restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida"⁽⁸⁸⁾, preservando a vida através da libido unificadora de Eros ou seja, através da proteção contra estímulos inerente ao próprio estado de es

(87) cf. O Instinto e Suas Vicissitudes. p .161.

(88) cf. o Ego e o Id. Cap. IV. XIX. pp.55-56-57. St. Bras.

tar vivo numa tentativa de dirigir "o instinto de destruição contra o mundo externo e outros organismos".

É a relação prazer-desprazer que transforma ódio e amor em opostos. Desenvolveram-se separados e não de uma mesma fonte.

O amor proporciona o narcisismo do ego na capacidade auto-erótica da pulsão instintual e atrai os objetos fontes de prazer a si, incorporando-os preliminarmente, com finalidades sexuais provisórias até a síntese dos instintos sexuais desenvolvidos posteriormente. Como não pode existir separado do objeto manifesta uma ambivalência em relação a ele; ódio e amor. Nesta fase, não podendo existir separado incorpora o objeto, devora-o. Abraham (1924) descreve esta fase como "fase oral canibalística". Na fase seguinte, anal sádica, amor e ódio são indistinguíveis e si na fase genital o amor se opõe ao ódio por que:

1. o ego narcisista repudia o mundo externo
2. as pulsões auto-eróticas que buscam o prazer contrastam com o desprazer que os objetos do mundo externo, fonte de estímulos, lhe propiciam, acarretando:
3. as pulsões sexuais e do ego desenvolvem antítese que repete a do amor e ódio.
4. na fase sádico anal, as pulsões do ego já dominando a função sexual, portanto estabelecendo conflito de interesses, imprimem ódio à finalidade pulsional.

Esta organização modela as futuras relações amorosas e cada vez que o ego perde o objeto, o amor pode dar lugar ao ódio

afim de preservar a continuidade da relação de amor, numa vol
ta à fase sádica preliminar.

As três grandes polaridades dos instintos em suas vicissit
tudes são: a biológica correspondente à atividade e passividade,
a real, correspondendo à dualidade, ego-mundo, externo e a
econômica com desprazer-prazer.

CAPÍTULO III

PIERA AULAGNIER E O DISCURSO DO PRAZER

Piera Aulagnier desenvolve uma teoria da constituição do su jeito baseada em Lacan, retomando o princípio da economia libi dinal de Freud que não foi exaustivamente enfatizado pela esco la lacaniana.

Desde que a nossa busca tinha como meta a forma pela qual se daria a representação na mente infantil a partir de um sig no numa situação de encontro do bebê com sua mãe, nosso inte resse por seus ensinamentos se tornou relevante, já que Piera vai falar deste encontro com o Outro no início da vida humana, focalizando o discurso materno.

Tendo em vista que, segundo a teoria lacaniana, a criança é falada, queremos nos questionar de que maneira isso se dá, quais as diferenças significativas a nível do discurso daquele que fala a criança, e de que forma a psique infantil recebe e integra este discurso, e como representa sua primeira relação com o mundo que tem como primeiro representante a figura mater na.

Esta autora foi quem mais se aproximou daquilo que gostaríamos de analisar: a primeira situação de encontro o encontro mãe-bebê, o encontro de dois corpos e duas psiques uma já formada e a outra em desenvolvimento, o encontro boca-seio, com todo o significado daí resultante, o encontro com a voz que transmi

te o mundo à criança. A interação dos dois corpos num encontro íntimo, o prazer fruído através deste encontro com tudo o que ele possa trazer de gozo e de desprazer, de vida ou de aniquilamento, de constituinte do sujeito ou de sua permanência numa relação dual, eternizada, simbiotizada, assujeitada.

Nossa indagação tem por objeto a importância da interação mãe-bebê quando este adquirir a linguagem e do quanto este par, através de uma vivência de prazer, pudesse fazer com que esta relação fosse um início de comunicação consciente e inconsciente.

Piera Aulagnier veio ao nosso encontro favorecendo respostas ao nosso questionamento e suscitando novas dúvidas e indações que nunca poderão ser completamente respondidas, senão apenas inferidas de uma observação deste encontro dual mãe-bebê , numa relação dita normal, não patologizada. Pensamos que, ao poder atentar para os pontos favoráveis que tornam esta relação mais saudável e menos iatrogenizada, poderíamos estar contribuindo para o conhecimento de uma prevenção primária, tornando as mães mais cõscias de seu papel-função materno e do que evitar para não adoecer seus filhos.

Para a criança chegar até a linguagem um longo caminho foi percorrido, no qual ocorrem, fenômenos que variam de indivíduo para indivíduo, de par mãe-bebê para par mãe-bebê, da influência das psiques materna e paterna sobre a criança, das "sombras faladas" que estas psiques projetam sobre a psique do infans e no dizer da própria autora do efeito da onipotência do desejo do Outro, da transmissão do discurso do ambiente que é o que

faz a mãe à criança de "forma pré-dirigida e pré moldada pela sua própria psique"(1).

"A ordem que rege os enunciados da voz materna na da tem de aleatório e revela a sujeição do Eu que fala a três condições:

- o sistema de parentesco
- a estrutura linguística
- e os efeitos que estes exercem sobre o discurso operando sobre a outra cena"(2).

Para Lacan, "o inconsciente se estrutura como uma linguagem". Partindo deste princípio e dos conceitos que Piera Aulagnier nos propõe, acreditamos que, sendo a mãe a transmissora desta linguagem, a constituição do sujeito nesta relação com a mãe seria uma forma que propiciaria, também, estar aí se estruturando uma linguagem. Os primeiros sons ouvidos pela criança se acompanham de uma voz que emite, de um corpo que o infans sente vibrar, de toques que sente em sua pele, enfim, de cada sentido por onde o bebê recebe e percebe o mundo, mundo este, que para ele, tem em primeiro lugar um habitante, a mãe.

A experiência afetiva, antecipada pelo desejo da mãe quando não atingida por uma violência, violência definida por Piera como "a diferença que separa o espaço psíquico da mãe, onde já houve a ação da repressão e a organização psíquica do infans"(3), quando esta não atinge um excesso prejudicial à constituição do Eu, acreditamos que este espaço afetivo de prazer seria também

(1) A violência da Interpretação. p.35. Piera Aulagnier

(2) Ibid. p.37

(3) Ibid. p.36

o espaço favorecedor da comunicação. Cada gesto da mãe está passando para a criança uma experiência de afeto com prazer ou desprazer que será armazenada num traço mnêmico, uma letra.

Anika Rifflet Lemaire diz que "Lacan vê com a "absorção" u ma introjeção originária de um significante, a inscrição de um traço unário. É sempre uma palavra ou significante que a criança absorve" (Écrits. Ed. du Seuil - Lacan).

A atividade de representação, para Piera, consiste "numa me tabolização pela psique (com o mesmo significado de metabolização orgânica) de uma informação, elemento heterogêneo, transformado em homogêneo à estrutura do sistema psíquico" (4).

Esta representação envolve dois aspectos: "conformidade da relação imposta aos elementos constitutivos do objeto repre sentado... e conformidade da relação presente entre o repre sentante e o representado" (5).

Com essas observações verificamos que tanto para Lacan, quanto para Piera, é na relação com o outro que o sujeito se constitui. Para Lacan, através de uma relação imaginária com um significante primordial, o fãlus; para Piera, numa relação psico-corporal metabolizada em representação psique-mundo, o Eu se forja através da realidade do mundo e para isto o Eu deve relacionar os elementos que pertencem a este mundo de forma a estabelecer uma identidade estrutural de representação que seja

(4) A violência da Interpretação. p.27. Piera Aulagnier

(5) Ibid. p. 29.

conforme a uma representação da instância que o representa. Ha veria portanto um eu identificante e um eu identificado, e um reconhecimento feito por esta própria instância reconhecendo-se e representando o objeto para si próprio.

Para ambos é na relação especular com o outro, a mãe, que o sujeito pode se constituir como um Eu, "pela sedução do lugar daquele que fala e que deixa sempre atrás de si a falta"(6).

São os fenômenos psicopatológicos que causam os conflitos no investimento do Eu e na economia identificatória. Piera sugere, portanto, que se repense o discurso do psicótico afim de elaborar novos modelos do funcionamento psíquico e de identificação do eu que pudessem explicar aquilo que o modelo de Freud não conseguiu elucidar de maneira abrangente. O discurso do psicótico nos leva a contradições quando comparado com aquele de que partilhamos, por não se encontrar conforme a uma linguagem culturalmente estabelecida e nos soa como algo destituído de fundamento, algo que nos afasta de uma certeza imediata daquilo que o pensamento estabeleceu como verdade. Piera nos suscita a pensar na ação deste discurso sobre a psique dos que não se julgam psicóticos, do analista, por exemplo. Na transferência que ocorre na análise de um neurótico não há apenas investimento libidinal de uma imagem projetada no analista, mas uma demanda feita ao Outro, numa relação sujeito-discurso. Ora, no psicótico, o mecanismo não pode ser o mesmo, pois analista e analisando não estão utilizando um código comum. No psicótico não existe uma relação Eu-discurso, pois, nele, a instância

(6) Les Destins du Plaisir. p.40

Eu ainda não foi constituída, segundo a autora.

Se utilizarmos o modelo atual que se tem de uma relação su jeito-discurso, a fala do psicótico não atinge o analista, pois tanto pode estar além como aquém deste discurso. Se o analis ta puder decifrar parte deste discurso ainda lhe restará aquilo que está além dele; a construção elaborada pelo psicótico so bre o próprio discurso leva muitas vezes um processo analítico ao fracasso, pela ineficácia interpretativa, que segue um mode lo apropriado apenas para a transferência neurótica.

Piera apresenta como solução uma reelaboração das "diferentes construções explicativas da constituição do sujeito" e a re lação do Eu no registro da significação. Ressalta, porém que seu modelo é uma tentativa de ampliação do modelo da psique e não é definitivo. Visa, no entanto, privilegiar os pontos aci ma descritos.

Lança uma hipótese sobre o modo de representação que defi ne como o pictograma que, ignorando a imagem da "palavra", se representa exclusivamente pela imagem da "coisa" corporal.

Para um melhor entendimento da teoria de Aulagnier passamos agora a definir seus principais conceitos:

CORPO - As funções sensoriais tem como objetivo levar uma in formação à psique, continuamente. Esta informação tem duas fun ções: é necessária à sobrevivência somática em sua busca de sa tisfação das necessidades quanto o é, também, para investir li bidinamente o informante, em geral a mãe, e o informado, o in fans. A psique vai fazer um empréstimo às funções sensoriais e

vai metabolizar esta informação transformando-a, de material totalmente heterogêneo, em material homogêneo à estrutura de cada sistema.

Esta atividade vai integrar também as funções das zonas erógenas e o prazer advindo delas, ficando assim o corpo erogenizado, investido pela libido narcísica através da "representação de uma dualidade com o objeto causa da excitação por uma imagem que os figura como uma entidade que chamaremos imagem-da-coisa-corporal, ou preferivelmente "imagem do objeto-zona complementar"⁽⁷⁾. Este prazer advindo tanto de uma percepção sensível como de um ruído, toques, odor, gosto acompanhado da excitação da zona oral no ato da satisfação da necessidade de alimentar vai ser informante à psique de um prazer que faz desaparecer a necessidade.

O encontro boca-seio é, para Piera, o ponto de partida para a sua construção teórica. A separação dos dois espaços psíquicos - um correspondente ao da mãe ou "o enunciante" e outro correspondente ao da criança "o representante" - tem apenas uma função didática, pois na realidade existe uma interação constante desses dois espaços psíquicos e o psiquismo materno teria um papel de prótese para o psiquismo infantil, o qual, para entrar em ação, necessita acrescentar ao seu próprio trabalho este empréstimo feito à psique materna. Diz a autora: "a próte

se do psiquismo materno comparável à prótese que representa o seio enquanto extensão do próprio corpo, objeto cuja junção com a boca é não só uma necessidade vital, como também objeto de um prazer erógeno indispensável para o funcionamento psíquico"⁽⁸⁾

(7) Violência da Interpretação. p.51

(8) Ibid. p. 39

A experiência de amamentação, transmissora do desejo materno em relação à criança, da aparente manifestação da qualidade deste desejo que veicula todo o sentimento do eu da mãe pelo bebê, seu desejo de lhe dar vida ou de evitar sua morte, significa para a criança uma vivência de prazer corporal. A junção dessas experiências sensoriais vão constituir um momento em que a oferta alimentar (física) vai se acompanhar de uma oferta de sentido: "no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve o primeiro gole de mundo. Afeto, sentido, cultura estão co-representados e são responsáveis pelas primeiras gotas de leite que o infans toma"(9).

A cultura estabeleceu através dos tempos um modelo de função materna e os hábitos para a amamentação são por ela codificados e transmitidos.

REPRESENTAÇÃO - Representação é para a psique um registro feito a partir do afeto, constituindo condição necessária para seu auto-investimento. Piera define a "atividade de representação

como o trabalho mediante o qual a psique, desde o seu "surgimento", metaboliza em representações psíquicas esse grupo de fenômenos (quaisquer que sejam a natureza, a ação e as consequências, surjam eles no espaço corporal ou no espaço exterior) sobre os quais ela deve ser informada. É pela mediação de seu representante psíquico que essas coisas que chamamos mundo, corpo, sujeito podem adquirir um status de existente para a psique e deste modo existir para o ser humano que somos nós"(10).

(9) Violência da Interpretação. p. 40

(10) As causas Ocultas da Nossa história (trabalho apresentado no Simpósio Internacional de Indagações sobre o Inconsciente. Rio. 1981)

"No início era o Verbo". Também no início do eu existiu um verbo que o antecipou e que o projetou, permitindo-lhe o advento. Este verbo se mantém depois do nascimento pelo discurso da mãe. Existe um eu, e um tu que falam de um ele. Para que o infans possa pensar e investir ele necessita de um discurso que lhe possa tornar o afeto pensável e investível. Assim como a mãe alimenta seu corpo ela tem de investir-lhe a psique com uma quota de amor necessária à sua constituição e preservação do Eu do infans. A mãe, através de desejos, anseios e projetos sobre o Eu do filho, tendo a mediação de um discurso que fala sobre ele, fornece-lhe possibilidade de acesso a temporalidade. É por meio de uma percepção (informação) investida e mediada pela antecipação de um desejo materno que o Eu se forjará. Haverá uma metabolização deste espaço heterogêneo, transformado em homogêneo, espaço este que corresponde à representação originária que não dispõe "senão de imagens de objetos-cor-

porais e uma representação pensada - falada que deverá levar em conta não a sujeição desse mundo e dos objetos que o habitam ao simples desejo do representante e, portanto, levar em consideração os conceitos de separação, alteração, mudança e diferenciação"(11)

Este investimento não se faz senão por um conflito, o conflito identificatório entre um identificante e identificado à custa de uma violência que se exerce a partir de um espaço psíquico, o da mãe, já marcado pela repressão, ou seja, onde já deverá ter ocorrido a proibição do incesto e a organização própria do infans, que ainda não a sofreu.

(11) Les Destins du Plaisir

A mãe é aquela que diz "eu falo" e seu discurso se dirige ao infans numa época onde o escutado não poderá senão ser metabolizado num material homogêneo à estrutura pictográfica. A mãe estará antecipando suas possibilidades de respostas de duas formas que terão papel principal no registro da significação e é isto que Piera chama de linguagem fundamental, o que "no campo semântico nomeia os afetos transformados em sentimentos" e os termos que designam elementos e funções de parentesco que a cultura fornece e que a mãe, na posição de enunciador - o eu identificante -, tem a função de mediar para a criança, transformando-o em "enunciados identificatórios". "O discurso materno

é portanto o agente responsável pelo efeito de antecição imposto àquele de quem se espera uma resposta que ele é incapaz de fornecer"... e ilustra de maneira exemplar o que designamos como conceito de violência primária"(12) ... "que designa o que no campo psíquico se impõe do exterior ao preço de uma primeira violação de um espaço e de uma atividade que obedece a leis heterogêneas ao Eu e ao discurso; e uma violência secundária que abre seu caminho apoiando-se sobre a violência primária da qual ela representa um excesso, excesso esse quase sempre nocivo e desnecessário ao funcionamento do Eu, apesar de sua frequência"(13)

Enquanto a violência primária constitui uma ação necessária à construção do Eu, através de agenciamento de um outro Eu o do identificador, na violência secundária vai ser estabelecido um conflito entre dois Eus, onde um deles se apropria dos qualificativos necessários à sua identificação simbólica, abole a temporalidade necessária à historicidade do Eu, desintegra a

(12) Les Destins du Plaisir . p.35

(13) *ibid.* p. 36

projeção de um Eu num tempo futuro. Esta violência pode vir também em forma de conflito com um "diktat" social que estabelece os parâmetros para a fixidez de seus modelos sob a forma de um poder. O discurso da mãe é aquele que estrutura a psique por meio de seus desejos identificatórios que Piera denomina o porta-voz (porte-parole) e que tanto inclui o infans no seu discurso como também é "o representante de uma ordem exterior, cujo discurso enuncia ao infans suas leis e exigências". São as palavras do porta-voz que durante a primeira fase da vida projetam o eu num tempo futuro, permitindo-lhe um acesso à temporalidade. O quando tu cresceres precede o quando eu crescer "C'est la mère qui lui raconte la manière dont elle rêve son avenir (de l'enfant): - quand tu seras grand - précède le plus souvent - Quand je serai grand⁽¹⁴⁾.

É a mãe quem pode mostrar à criança pelo seu próprio reconhecimento a separação de seu corpo do corpo da criança e a dualidade do casal parental e serão os precedentes de uma diferença temporal que se inscreve no Eu. Seu próprio reconhecimento no presente lhe assegurará um re-conhecimento no futuro, se o outro Eu não se apropria de seu tempo convertendo-o numa "mesmidade atual". Não se pode faltar ao eu um "esperar tornar-se". É porque um presente se diferencia de um passado que se poderá pre-nunciar um futuro onde o Eu terá oportunidade de "tornar-se idêntico a si mesmo, um estado, um momento e um prazer passados"⁽¹⁵⁾. "C'est au savoir imputé à la parole maternelle que le

(14) Les Destins du Plaisir. p.24

(15) cf. Ibid. p.24

je commence par demander ce qu'il deviendra" (16) perguntando-se pelas suas origens e seus fins "o Eu só abre um primeiro acesso ao futuro porque pode projetar nele um encontro com um estado e um sendo passados" (17).

A história do Eu é balizada por histórias de conflitos.

1. O primeiro deles é o que se estabelece entre dois objetivos pulsionais básicos: o desejo de amor, de prazer, de fusão ao objeto que pode proporcioná-lo; seria então, a pulsão de vida, Eros. Outro, o impulso de ódio, de destruição do que pode ser a causa do desprazer, de carência, de sofrimento, do que causa a necessidade; seria a pulsão de morte, Thanatos.
2. Conflito entre os 2 tipos de representação: originária, a aquela que só dispõe de imagens de objetos corporais pelos quais a psique se auto-engendra, e representação "pensada-falada" que já leva em conta a diferença entre desejos, alteração mudança e diferença, a autonomia de desejos.
3. Conflito entre um desejo de alguém para quem ainda não houve a proibição do incesto e o desejo de uma mãe que já sofreu a repressão. Situações psíquicas portanto, diferentes propiciando um conflito potencial entre dois Eus e seus desejos de "encontro, confronto, amor e destruição".
4. Conflito encontrado na passagem do infans, aquele que não

(16) Les Destins du Plaisir. p.24

(17) Violência da Interpretação. p.155

fala mas que representa seu encontro com o mundo por meio de imagens de objetos corporais , ou seja da coisa corporal, a criança que pode ligar essas imagens de coisas às imagens das palavras.

Pela atividade de representação um elemento de informação, estranho à psique, é metabolizado pela psique num elemento homogêneo à estrutura de cada sistema. Elemento significa, nesta concepção, dois conjuntos de objetos: os que são necessários ao funcionamento do sistema e os que são impostos como presença ao sistema e sua ação é percebida por ele.

O modelo de Aulagnier admite três hipóteses de funcionamento psíquico que seguem três processos: o processo originário cuja representação é a pictográfica ou pictograma; o processo primário, cuja representação é fantasmática ou fantasma e o processo secundário cuja representação é a ideativa ou enunciado.

A existência de cada processo pressupõe que cada objeto só pode ter uma única representação em cada sistema e que uma vez instalado o processo seguinte cada processo precedente não desapareça. Eles se sucedem no tempo, de forma não mensurável, e a distância entre a entrada em ação de cada processo é reduzida. Podemos visualizá-los hipoteticamente por espaços originário , primário e secundário.

Toda informação que é dada ao psiquismo é uma informação libidinal portanto uma representação do afeto, ... "todo ato de representação é coextensivo a um ato de investimento e todo ato de investimento é movido pela tendência própria ao psiquismo de

preservar ou de encontrar uma vivência de prazer"(18)

"Prazer é a qualidade do afeto cada vez que a psique realiza uma finalidade". Para haver condição de vida é preciso que haja condição de prazer, isto é, investimento de atividade de representação. Para que haja vida é preciso uma quota de prazer mínimo, o que prova a onipotência do prazer na economia libidinal.

"A experiência de prazer ou de desprazer, presente no espaço psíquico é a única informação da qual a psique, nesta fase da vida pode e deve ser informada porque as excitações e os estados de origem corpóreo se metabolizam em afetos psíquicos"(19)

A teoria de Piera obedece a uma lei geral - a da metabolização do material heterogêneo para situá-lo numa representação do próprio postulado de cada sistema: originário que corresponde à instância do representante - do primário, do fantasiante ou "metteur en-scène" e do secundário, ou do enunciante ou do Eu (je).

O eu se forja representações de um espaço exterior a ele, ou seja, de uma extra-psique, e também de seu espaço interior ou endógeno, com igual valor de seus elementos, e com "homologia de tratamento imposto pelos três processos aos objetos pertencentes à realidade física e aos pertencentes à realidade psíquica"(20) realizando uma conformidade entre a estrutura de cada

(18) A violência da Interpretação. p.31

(19) "As Causas Ocultas da Nossa História"-Simpósio Indagações sobre o Inconsciente- RJ., 1981.

(20) Violência da Interpretação. p.29

elemento e da instância que o representa, entre o identificante e o identificado, ou o representante e o representado. É o que chama de identidade de estrutural. O Eu se representa sobre aquilo que ele conhece e naquilo que se reconhece, de modo a estabelecer uma relação coerente entre sua percepção e seu saber sobre o mundo e seu saber sobre si próprio. "O eu não é senão o saber do Eu sobre o próprio Eu"(21).

A realidade externa do Eu é modulada pelo discurso cultural, pelas relações que os elementos ocupantes deste espaço obedecem entre si, ou seja, as relações de parentesco e suas respectivas funções. É por isso que Piera diz, muito propriamente, que a "vinda do sujeito ao mundo é precedida pelo discurso que fala deste futuro nascimento"(22).

Para a autora a história do sujeito está contida dentro de um mito familiar, mito este que conferirá ao fantasma fundamental seu lugar de importância, nas "réplicas" do outro que o constituirão como sujeito. O início da ambiguidade, situa-se desde o nome pelo qual o sujeito é chamado, que figura familiar é projetada sobre ele, que tipo de desejo ele preenche, que lugar ocupa no plano relacional e por último do discurso, "como testemu -

nho da inserção daquele que é o lugar da palavra numa cadeia de significante, primeira condição a toda possibilidade para o sujeito poder, por sua vez, a si se inserir, a fim de se reconhecer outra coisa que não apenas um simples acidente biológico"(23).

(21) Violência da Interpretação. p.29

(22) Psicose, uma leitura Psicanalítica. p.110

(23) Ibid. p. 14

As entrevistas que Piera realizou com mulheres grávidas mostram como a libido materna já se inclina para o que chama "corpo imaginado", isto é, já instala com o feto uma relação imaginária com um corpo completo e unificado, o que seria a evitação da vivência do parto como um luto.

Segundo Lagache, "a relação mãe-filho não espera o nascimento para existir"(p.115). Desde o momento em que a mãe se sente grávida já se instala sua relação com o filho. No plano da economia libidinal, a identificação com um "corpo imaginado", separado da mãe, poderia ser o que lhe permite não sentir a criança como um acréscimo de seu próprio narcisismo e não viver o parto como perda, o que pode ocorrer na psicose puerperal.

Muito diversa seria a relação da mãe com o que facilitará a geração de um filho provavelmente psicótico. "Ela não é alguém que faz a lei; ela é a própria lei"⁽²⁴⁾. A revivência que o parto provoca, a volta de todo o recalçado vai acarretar um modo psicogênico de relação com a criança de uma forma pervetida ao nível da lei; a representação imaginária de um "corpo imaginado" da criança fica impossibilitada. Não há um investimento libidinal da criança, mas um super-vestimento narcísicp de "algo", como uma produção endógena do próprio corpo da mãe. É a castração maciça, onde o corpo da criança não pode lembrar o nome do pai, que é forcluído.

Nas entrevistas realizadas, essas grávidas falam do feto co

(24)

Psicose, uma leitura psicanalítica. p. 17

mo fazendo parte de seu corpo, "objeto orgânico", e é por partes que a criança é representada. Seu significante corporal não pode ser simbolizável, pois muito provavelmente para esta mãe identificada com a própria lei, o filho só poderá representar o falo, aquilo que a complementa. Por outro lado é através do corpo da criança que a mãe previne o aparecimento do recalco de sua própria vida, fato este que a experiência da gravidez faz normalmente reviver. O "corpo da criança é testemunho da existência da onipotência da função materna". Sua relação é com a criança enquanto embrião e a vivência de luto é inversa à descrita acima. Seus partos serão mais difíceis pois lhe será difícil desvencilhar-se de algo que sente como parte de seu corpo. É a volta da libido que narcisicamente reforça seu ideal de função materna e o que faz a criança ser suporte de demanda e nunca de desejo⁽²⁵⁾.

O surgimento do Ego especular estará assim precedido pelo Outro do "corpo imaginado" e é aí que o sujeito pode reconhecer no espelho seu Ego ideal, investido antecipadamente pela libido da mãe. No caso do psicótico, em lugar do "corpo imaginado", o que ele vê é um "corpo fantasmado", esfacelado, castrado, o que, "ao nível do inconsciente, é a representação corporal do Ego, ca

da vez que o sujeito, descobrindo-se suporte de um desejo, arrisca-se, se ele o assume, reencontrar o Outro que, no desejo, só pode responder como agente de castração"⁽²⁶⁾.

(25)

Psicose, uma leitura psicanalítica. p. 20

(26) *ibid.* p. 21

O psicótico não tem qualquer via de identificação não tendo portanto acesso ao desejo. Ele não se assume como sujeito, pois não tem em sua história uma relação de sujeito com a significação, com um lugar que lhe dê estatuto de humano, mediado pelo desejo muitas vezes "despótico e senhor de sua significação", ao qual o sujeito deve o dom de vida, sexo, hábitos alimentares, gritos e movimentos, que no início da vida são dotados de significação por este poder que lhe é exterior; mas que possam retornar, caso não haja abuso de poder, ao sujeito como sentido, que ele investe o do qual se apropria.

É por esta interpretação da qual a mãe é o primeiro agente, interpretação de seus gritos, de suas necessidades, de sua fome, de seus anseios, que a mãe fornece à criança muito antes de sua possibilidade do acesso a linguagem, que se torna possível que o "seu grito venha a ser um apelo e não um simples ruído, o sorriso signo de amor e não um simples jogo de músculos, a amamentação um desejo de dar vida e não pura oferta de calorias"⁽²⁷⁾. Esta interpretação, por outro lado, pode se constituir numa primeira violência da qual a mãe é o porta voz (porte-parole) e transmissora do seu desejo inconsciente em relação ao filho.

Piera nos fala de "um trinômio de uma ordem que rege

os enunciados da voz materna sujeitando o eu que fala a três condições: o sistema de parentesco, a estrutura linguística e efeitos que os fetos exercem sobre este discurso operando em outra cena"⁽²⁸⁾

(27) Psicose, uma leitura psicanalítica, p. 111

(28) Violência da interpretação. p. 36

É o que chama de violência, fenômeno pelo qual se entende a diferença entre o espaço psíquico da mãe, e suas produções, já marcado pela ação da repressão e a organização psíquica própria do "infans". Conceituando segundo a autora:

"Violência primária designa, o que, no campo psíquico, se impõe do exterior ao preço de uma primeira violação de um espaço e de uma atividade que obedece a leis heterogêneas ao Eu e ao discurso e uma violência secundária, que abre seu caminho, apoiando-se sobre uma violência primária a qual ela representa um excesso, sempre nocivo e desnecessário, ao funcionamento do Eu, apesar de sua frequência"(29).

Apesar de não falar, o bebê será obviamente falado pela mãe através de uma transação a nível corporal, da função boca-seio, da comunicação com a face da mãe, que, segundo Spitz³⁰, constitui o primeiro organizador psíquico, que recebe da criança a resposta do sorriso. Barthes ressalta que "a função penetra-se de sentido"(31).

A vida psíquica da criança é marcada no início pela dualidade pulsional prazer-desprazer. O postulado sob o qual funciona, o originário, é o auto-engendramento ou auto-causalidade segundo o qual "todo existente é auto engendrado pela atividade do sistema que o representa"(32). O ato de investimento exige que o psiquismo busque a preservação de uma vivência de prazer. O sujeito seria, assim, auto engendrante deste estado prazeroso,

(29) Violência da Interpretação. p. 36

(30) O não e o Sim. Spitz

(31) cf. Barthes, R. Semiologia p - 72

(32) Violência da interpretação. p.30

de ligação, de aproximação, de amor, de fusão com o objeto. Prazer seria o estado que a criança conseguiria através de seu encontro com o corpo da mãe e com suas produções psíquicas. Quando este estado não é possível, sendo o sujeito o auto-engendrante, corre o risco de colocar-se como causa única deste sofrimento do desprazer, do estado de carência, o que vai torná-lo um objeto de seu próprio ódio e de seu auto aniquilamento. Transforma sua psique, quando o prazer psíquico é irrealizável, na causa exclusiva de seu sofrimento.

Sendo a psique a causadora do sofrimento, este só pode ser anulado ou desinvestido se a psique não mais estiver investida, ou seja, matando a atividade psíquica; assim como existe um prazer mínimo há um desprazer mínimo simétrico a ele. Na experiência do encontro com a mãe, a psique da criança é informada de um prazer "a mais" quando suas necessidades são satisfeitas. Como pelo auto engendramento o sujeito é ao mesmo tempo sujeito e objeto, ignora que o que lhe dá prazer lhe é exterior e só surge como representação de si. Seu próprio corpo-psíque dá-se portanto na junção de dois prazeres: o do representante e o do objeto que ele representa.

O oposto se dá quando sujeito é invadido pelo desprazer. Se no exemplo anterior a atividade é de incorporação e auto investimento, neste é de rejeição e desinvestimento e auto aniquilação, pulsão de morte. A psique, tendo experimentado um "antes" de prazer, pretenderá um retorno a este estado de nirvana, "de não ter de desejar". Estando a psíque ligada ao corporal, tenderá a negar ou anular este sofrimento. É por este estado que Piera exprime a pulsão de morte, de desinvestimento de anulação

ção do que a necessidade possa trazer e do ódio que lhe é dis
pensado pois ela é a prova da existência de um corpo autônomo .
O desprazer é a auto-destruição. Quando a psique tem de infor
mar a necessidade - um estado de excitação que causa o despra
zer, está sob a submissão dos objetivos de Thanatos. Existe uma
ambivalência da psique relacionada à sua própria produção: amor
à representação do investimento do prazer e ódio à necessidade
por esta apontar um corpo autônomo. Este corpo tem um duplo
destino: fornece modelos somáticos à psique (para a representa
ção) e opõe exigência de satisfação real, pois, para a psique ,
existe a presença de um outro espaço estranho (da destruição) .
Como é este mesmo corpo que dá à psique o prazer de ver, de sen
tir, de provar, de tocar, o corpo erógeno deve ser investido
pela libido narcísica, a serviço de Eros. O corpo é ao mesmo
tempo fonte de prazer e de necessidade, parte investida pela li
bido narcisista e um "outro espaço" sobre o qual a psique não
tem poder e que atesta a inoperância da alucinação, sobre um ex
tra-psique.

Temos como atividade do originário:

apropriar (prender em soi)		rejeitar (Rejeter-Hors-soi)
incorporar		projetar
investir	ou	desinvestir
prazer		desprazer

e as atividades físicas como respirar, alimentar tem seus cor
respondentes em apropriar-se de uma informação prazerosa ou re
jeitá-la, quando desprazerosa. "Uma exceção se impõe: vomitar o
leite é possível, mas não é possível tapar o nariz ou os ouvi

dos nesta época"(33).

Qualquer excitação sensorial pode exceder os limites e se transformar em fonte de dor. As funções sensoriais carregam a informação de um visto, um sentido, um tocado, um degustado, pela voz informante e o ouvido informado constituindo-se em mensagens que veicula afeto, relacionando objeto e experiência sensorial, prazer e desprazer.

Apropriar-se de um visto, entendido, experimentado ou rejeitar um visto, um entendido, um experimentado, respectivamente, fontes de prazer ou de sofrimento auto engendrado. "A rejeição implica que a psique se auto mutila daquilo que na sua própria representação põe em cena o órgão e a zona fonte e sede de excitação"(34).

A representação do afeto é indivisível do afeto de uma representação: afeto e representação se equivalendo.

Para Freud o termo apoio (é tayage) significa astúcia da psique que, pelo caminho aberto da necessidade ou satisfação para a pulsão informar a psique das exigências vitais, atua no sentido de que o sistema nervoso elabore atividades mais complexas modificando o exterior afim de satisfazer a fonte da estimulação endógena.

Para Piera o termo empréstimo (emprunt) nasce de uma hipó

(33) Violência p. 47

(34) ibid. p. 48

tese sobre o originário, de uma interação, "fundo representativo" de atividade orgânica e psíquica, mais percebido em vivência psicótica.

A diferença do conceito do estágio do espelho de Piera para Lacan é que, antes mesmo da fase dita especular, a atividade psíquica já se oferece à psique como um reflexo de sua própria imagem, agente produtor e atividade produtora. O extra psíquico "é a superfície especular onde a psique se reflete". "Representante e representação do mundo são complementares sendo um para outro condição de existência"⁽³⁵⁾

A representação pictográfica tem sua causa de existência baseada no processo que a engendra. É pelo afeto que a psique se faz existente. A partir do empréstimo figurativo que a psique faz às funções do corpo resulta no originário, o que é figurado como reflexo especular do espaço corporal, onde o que foi representado por imagens de coisas, são exclusivamente imagens de partes, de zonas, de objetos corporais. A especularização eu-mundo corresponde a especularização espaço psíquico-espaço corporal. O afeto que acompanha o pictograma dando à psique possibilidade de existência põe em cena o auto-engendrado pela própria psique por esta atividade "representante" que sente, e que é este afeto. Aquilo que é o representado em e pela representação pictográfica é auto apresentação da atividade psíquica em sua forma originária e do espaço onde se localiza o id antes de diferenciação, que fará com que o Eu apareça.

(35) Violência. p. 50

Os elementos emprestados à representação são imagens de zonas, objetos e partes do corpo. Neste "representado" inicia-se um movimento de atração e repulsão entre zona erógena (sensorial) e o objeto que lhe complementa por trazer-lhe excitação, que pode tanto pertencer ao próprio corpo, como dedo, grito, leite vomitado, olhar, movimento, alimento ingerido, choro, gosto, etc., ou pode pertencer ao corpo da mãe, como seio, voz, toques, carícias, calor, contorno corporal, a própria mão materna. Toda esta percepção do sensível aliado à experiência de satisfação alimentar, excitação da zona oral, do ver, sentir, escutar, tocar, experiências vão constituir para a psique a imagem pictográfica, que será por ela metabolizada em representação que auto-engendra o objeto e o estado de prazer.

Piera chama de imagem do objeto-zona-complementar esta representação da dualidade zona sensorial.objeto causa de excitação por uma imagem que os figura, imagem de coisa corporal.

Piera cita Freud ao falar da existência de figurabilidade que é própria do material psíquico do sonho⁽³⁶⁾ que tece esta trama e que, por ser abstrato, exige uma linguagem pictural.

Freud postula que a representação da imagem da coisa precede a representação da imagem da palavra e torna-se o modo de representação próprio ao primário e vai impor formas e cores às construções psíquicas, próprias do secundário, que se apodera delas de modo voluntário, nos sonhos, e fantasmatisações cons

(36) Interpretação dos Sonhos. Cap. VII p 583/4

cientes e involuntárias nos fenômenos patológicos, tais como a lucinações visuais ou auditivas. Verifica-se, por este tipo de ontogênese, proposta por Freud, que a psique utiliza-se destes materiais para sua construção representativa onde o visual precede o acústico, o percebido precede o conhecido e também a possibilidade de sua nomeação; a imagem sensorial é o primeiro referente da representação que ela própria possibilita. A regressão no sonho, como vimos anteriormente, tráz-nos de volta à imagem sensorial. Duas características se fazem notar: a) a primazia da linguagem pictural, única no primário; b) e a possibilidade de retorno deste vivido sob certas condições; como lembrança visual das cenas infantis que o recalque (réfoulément) preservou. A precocidade e o excesso de emoções que essas lembranças suscitam estão ligadas à individualidade histórica de cada indivíduo, e Piera diz: "l'analyse d'un premier language

nons prouve l'universalité d'un ensemble de thèmes picturaux que chaque peintre se trouve dans l'obligation de re-produire dans et pour ses premières compositions"(37)

Em seu livro "Les Destins du Plaisir", Piera inspira-se no conceito de Freud: A pulsão não conhece uma meta senão a satisfação, e fala das duas funções antinômicas procuradas pela pulsão - estado de prazer e/ou estado de quiescência, de não necessidade, de silêncio do corpo. O mesmo objeto que a pulsão de Eros investe e cuja representação a partir da satisfação da necessidade e do prazer no corpo, vai servir à pulsão de

(37) Cf. in Du Language Pictural au Language de L'interprete. Curso apresentado no Simpósio Indagações sobre o Inconsciente. Novembro 1979. Rio de Janeiro., 1981.

Thanatos e ser rejeitado e afastado do Eu. "As zonas erógenas inauguradas pelo encontro boca-seio, vão marcar pela satisfação erógena sensorial a pulsão que visa silenciar a necessidade do prazer e da própria necessidade"⁽³⁸⁾. Ambas as pulsões, de Eros ou pulsão sexual, pulsões de vida, e Thanatos ou a pulsão de morte são representadas no inconsciente decidindo os destinos do sujeito.

A pulsão epistemofílica ou pulsão de conhecer desempenha um papel importante, podendo-se tornar uma "tendência dominadora", e graças a qual o eu pode aceder à aquisição de conhecimentos a partir de um prazer da visão de um objeto erógeno e o conhecimento sobre suas propriedades. Esta pulsão escópica que, funcionando como apoio (étayage), vai se suceder, pela pulsão epistemofílica, numa "intricação" especial de alianças e aliados que vai transformar a "demanda em conhecimento, o desejo de investigação presente no sujeito, demanda e o desejo cuja meta é inibida em uma demanda e num desejo de gôzo"⁽³⁹⁾.

"Wiesstrieb: une pulsion dont le but, l'objet, n'est rien d'autre que la connaissance"⁽⁴⁰⁾. Este conhecimento não tem outra razão senão a de estar ligado ao conhecimento daquilo que foi a causa, a fonte ou o lugar do primeiro prazer. Tanto o prazer como o desprazer teve uma representação metonímica das

(38) Les Destins du Plaisir. p.68

(39) cf. ibid. p. 13

(40) Ibid. p. 63

zonas erógenas como um desejo do outro de dar prazer de forma integradora, ou como um desejo de causar desprazer, de forma mutiladora. Não podendo coexistir oposição de uma zona para outra, pelo prazer a psique figurará, no registro do primário, fantasiante e o mundo como uma só coisa, não havendo falta. Contrariamente, pelo desprazer a psique fantasiará a mutilação de sua zona-função no registro do originário, enquanto que no primário o que será mutilado é sua própria autonomia, que fica interdita pelo objeto e pela atividade. O desprazer abole o que no mundo é sua causa, mutilando, em contrapartida, sua própria ação sobre a função, entregue a outro poder, o do desejo de um outro, "rejeitante e rejeitado".

A integração das zonas permite que um olhar veja um som, um gosto, um cheiro de uma mesma forma. Se um olhar vê um ruído, um gosto ruim, um cheiro desagradável, uma causa de desprazer o indivíduo perde sua autonomia, ficando interdita sua possibilidade de escolha apropriada por um outro corpo.

São as teorias sexuais infantis que vão dotar a criança de idéias sobre sua própria origem, através de respostas que ela mesma se dá sobre a origem de seu corpo e do seu desejo, que são figuradas sobre as marcas do prazer ou do desprazer vividos pelo corpo do outro e do desejo do outro sobre sua própria concepção e das razões que explicam essas vivências. As teorias sexuais respondem à causa originária: "quando Freud fala da pul

são epistemofílica ele entende uma pulsão de conhecimento que concerne ao tornar conhecido no registro do Eu consciente. A busca solitária da criança aplica-a ao pensamento consciente do "moi"

infantil"(41).

Mesmo que permaneçam inconsciente os motivos da figuração ou linguagem pictural, seja ela oral, anal, sado-masoquista, a "teoria" da criança satisfará uma busca consciente. Pièra se apóia em Freud que vê uma ligação entre conhecimento e pensamento consciente que responde à questão da causa. Para Pièra, teoria sexual, teoria da identificação da realidade e teoria sexual infantil são a mesma coisa. O pensamento busca sempre uma coerência, uma certeza. A criança busca sempre ter conhecimento da causa de suas origens procurando uma coerência entre o discurso de seu próprio conhecimento da atribuição de sentido que o eu se faz e sua própria realidade. Cassirer define como instinto de causalidade "a necessidade de uma explicação causal"⁽⁴²⁾. É esta teoria que torna investível por atribuição de valor de verdade aquilo que ela enuncia sobre propriedade, causa, ação e consequência do objeto investido. É para este objeto que se dirige a pulsão de demanda e o desejo e é que vai oferecer garantia para que qualquer busca futura do conhecimento, seja ele de um fenômeno natural, físico, ou de um fenômeno humano, possa ser uma busca persistente e da qual se preserva uma esperança baseada nas convicções partilháveis. Esta busca é distinta nas representações referentes ao primário, que guardam um atributo de certeza ao nível do sagrado, do mito, e as representações do secundário que colocarão um sentido (mis-en-sens) da realidade pela atividade do pensamento. É por um momento de d^u

(41) Les Destins du Plaisir. p.65

(42) ibid. p.65

vida no discurso dirigido à mãe e pela mãe, quando o princípio da realidade vem substituir parte do princípio do prazer e que este é substituído pela atividade do pensamento e a autonomia que esta atividade vai dar ao Eu poder duvidar das certezas deste discurso.

Este momento de dúvida é necessário à estruturação do eu, para que uma atividade do pensamento possa surgir no lugar de perda de parte do prazer, um ganho conquistado através da parcial autonomia de pensamento. Freud fala no texto "Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental"(1911) que "o investimento de uma idéia não é função do prazer ou do desprazer que a acompanha ...mas da verdade ou da falsidade daquilo que ela enuncia"⁽⁴³⁾. Este momento de dúvida é prova que faz parte da universalidade do funcionamento psíquico e marca o momento do julgamento do verdadeiro e do falso, que separa o enunciado da voz que anuncia o investimento do enunciado e da informação que se recebe ou que se descobre, momento onde se opera este "passo formidável" que representa para Freud o investimento de uma idéia⁽⁴⁴⁾.

Para que o julgamento possa ser garantido terá de ter um terceiro, aquele que escuta o enunciante e o terceiro (écoutant - énonçant - tiers) que permitem ao Eu se apropriar de um conhecimento transmitido na primeira infância e liberado mais tarde desta sobrecarga libidinal idealizante que no primeiro tem

(43) Les Destins du Plaisir. p.67

(44) Ibid. p. 67

po foi uma mediação necessária para que o Eu investisse o pensamento, palavra, comunicação e desejo de comunicar.

O investimento libidinal, entretanto, continua tendo sua prioridade: a voz que fala pode estar sendo percebida como o desejo de prazer ou perseguição. "O sentido libidinal prima sobre a significação"⁽⁴⁵⁾ e abre a psique para esta significação que carrega o patrimônio do porta-voz. Reconhecendo os enunciados e suas significações surge o que Freud chama de fantasias que combinam o dito e ouvido com os pensamentos conscientes e são guiadas pela onipotência do pensamento. A criança pode ao mesmo tempo reconhecer o discurso materno quanto negá-lo, anulá-lo sem que haja contradição pois o mundo deve adaptar-se ao seu desejo onipotente ou pode, as vezes, apropriar-se de um saber sobre a linguagem reconhecendo aí o discurso materno. Piera exemplifica esta tese no artigo "L'objet perdu", em *Topique*, texto consagrado a análise do livro de Louis Wolfson "Le schizo et les langues", (onde faz uma crítica a Delleuze, que prefaciou o livro), que combate o despotismo da língua materna, afim de liberar sua própria fala, para que não constituísse apenas o eco desta voz, e constrói diversas teorias sobre o discurso da loucura. A motivação primeira da obra de Wolfson é "reapropriar-se de um saber sobre si e sobre as coisas, reintroduzindo-se mundo das significações graças à aquisição autônoma de um conhecimento que se transforma em seu "bem" inalienável"⁽⁴⁶⁾.

(45) *Violência da Interpretação*. p.97

(46) *Psicose, uma leitura Psicanalítica*. p.98

Wolfson pode escrever à medida em que se liberta, em parte, de uma violência que impunha uma significação às palavras e às coisas, cujo porta-voz é o desejo materno, usando como recurso uma interpretação em negativo deste campo.

Para que o eu possa investir seus objetivos, seus bens e os outros e liberar sua libido para o gozo, para ser e ter, é necessário que possa investir seu projeto identificatório superando os fenômenos psicopatológicos que possam advir em consequência deste conflito, no investimento do eu.

As três formas descritas originário, primário e secundário vão permitir um primeiro investimento da imagem da coisa, e pelo nome que a designa pela qual ela vem existir para o Eu que deve se representar e representar o existente, e os sentimentos.

O conhecimento e a nomeação são para o Eu um pré-suposto necessário para o investimento daquilo do qual a coisa é o referente. É por este mundo pensado-falado, tornado representação, onde toda a certeza poderá ser prova de dúvida é que se sucedem as sequências de palavras de uma significação a outra, da anterior à futura e que não se fecha nunca.

Durante um certo tempo, o Eu deixa a cargo do outro eu a tarefa de investir seu futuro e de sustentar os seus desejos de mudança e de ter desejos. Mas se o eu não puder ser senão através de investimento de outros pensamentos, pensando-se enunciante, não faz mais do que repetir o discurso de um outro. Num segundo momento ele deve tomar a si o discurso do porta-voz, ap

derando-se de desejos identificatórios investindo um futuro que não seja o retorno de um mesmo pois é condição vital para seu investimento⁽⁴⁷⁾.

O identificante assegura o investimento do eu por dois suportes "o identificado atual e o futuro deste identificado"⁽⁴⁸⁾. É pelo futuro que o eu se auto-antecipa e se possibilita suas próprias transformações, e de seus objetos que sustentam seu desejo.

O conceito da identificação simbólica, para Piera, é baseado na "relação do identificante a pontos de certeza presentes no identificado "⁽⁴⁹⁾, o que também lhe permite identificar conceitos de função e valores universais, passados do particular ao geral. O sistema de parentesco estabelece uma função para o pai, mãe, filho e as relações que esses termos estabelecem um com outro, ou seja, do particular para o conjunto de identificação da função numa rede de relações e não apenas uma categoria de classe. No psicótico este acesso ao simbólico fica obstaculizado pois o conceito não remete a uma função, seja ela paterna, materna ou de ancestral. O que fica clivado para ele é a apropriação do signo como conceito da função, pois não tem uma significação numa rede de relações. A definição, que se daria no simbólico, das funções parentais e do lugar do sujeito relaciona-se "a uma coisa corporal" e tais funções ficam referidas ou "a uma extensão da relação entre ele: e este pai ou en

(47) Les Destins du Plaisir. p. 25

(48) Ibid. p. 25

(49) Ibid. p. 27

tre ele e esta ausência"⁽⁵⁰⁾ por faltar-lhe uma lei. Reconhecer a função seria reconhecer esta lei, que transcende o ocupante temporário. O que era universal torna-se-lhe singular e é identificado à categoria de classe; já que não constrói a relação entre os termos, seu lugar também não é determinado no sistema; tanto pode ocupar um lugar que não lhe pertence ou que pertença ao mesmo tempo a um avô, uma mãe. É a partir de um lugar que ele se reconhece ocupante e pelo discurso do outro identificado a um referente real, ao qual é submetido, e cuja arbitrariedade tanto pode reconhecê-lo ou anulá-lo se este reconhecimento lhe for recusado. Dependente absoluto deste discurso, cujo não reconhecimento lhe arriscaria a um conflito, conflito este, que gera risco de morte, submete-se portanto, a uma dependência da significação do outro que lhe confere essa significação.

O que para Piera fica forcluído no psicótico não é o que Lacan entende por "forclusão" da função simbólica da linguagem, mas a total "impossibilidade para o Eu de separar os enunciados que só se referem à imagem especular"⁽⁵¹⁾, da impossibilidade de acesso a um nome e a uma função de parentesco, que não arbitraria, de ser um representante de uma classe e transmissor desta para a descendência, pois ele é o próprio efeito e não o agente desta transmissão. O psicótico, por não ocupar um lugar no sistema de parentesco, por não se designar por uma função, não conseguirá delimitar este espaço do imaginário, que,

(50) Violência da Interpretação. p. 165

(51) ibid. p. 164

por instituir uma função simbólica do sistema de parentesco, coexiste com o sistema linguístico da cultura.

Pelo excesso contido na violência secundária haverá uma ausência de temporalidade, de historicidade e de "projetos identificatórios", denominação que Piera dá aos ideais do eu de Freud, que farão com que o desejo não se reduza a uma simples reprodução do originário onde o principal objetivo é tornar-se igual a si mesmo.

A condição de identificação é a conformidade entre a atividade do pensamento e a coisa pensada. É o que permite ao eu pensar-se como "eu" e obter reconhecimento de sua existência. O eu se dá a si próprio por uma imagem ideal e busca a confirmação desse reconhecimento no olhar do outro, pelo que ouve e percebe. Na origem da vida da criança o discurso do porta-voz lhe oferece uma história sobre o desejo do casal e da aceitação do nascimento da criança. Este enunciado só terá efeito caso exista um prazer vivenciado na relação criança-casal, isto é, de obter uma significação para o próprio Eu, do prazer dos pais sobre sua origem, do desejo que os une à criança.

O postulado do primário diz que "todo existente é um efeito da onipotência do desejo do outro e sua lógica é a do prazer-desprazer", obedecendo ao princípio da nãocontradição, ficará impossível para o Eu crer no amor e aceitar o desprazer. Como o desprazer ou o prazer são frutos da onipotência do desejo do casal, a causa do desprazer pode, contradizendo a lógica do pri

mário, ser separada e atribuída não só ao desejo do outro, como também ter como causa a própria realidade dos outros, "um erro e um não saber"⁽⁵²⁾.

No registro do secundário a vivência do prazer deve concordar com o sentimento que a nomeia.

O Eu, captando da realidade, que sua existência é causa de desprazer arrisca-se a interpretação fantasmática do desejo do outro de lhe causar desprazer "dos efeitos de um erro, de um não saber, de uma falta cometida"⁽⁵³⁾, invertendo, assim, as causas do prazer e desprazer, que terão efeitos antinômicos a uma causa comum a ambos. Havendo a falta de enunciado que possa falar a realidade, esta falta silencia, também os enunciados sobre o Eu não lhe permitindo uma relação Eu-mundo.

No registro do originário - o pictograma - o mundo passa a ser refletido pelo pictograma e neste reflexo o afeto será projetado sem poder ser ligado a outras representações com mudança do objetivo, e intensidade do afeto. Resultante deste fato estaria a anulação da distância que separa as três representações: pictográfica, fantasmática e ideativa.

Piera conceitua o processo primário e representação fantasmática psique-mundo da maneira equivalente aos conceitos de Freud, enfatizando apenas as diferenças entre as produções psíquicas próprias do originário, que segue o postulado do auto-

(52) Violência p. 182

(53) Ibid. p. 182

veis.

Esta realidade externa, constituída pelo corpo da mãe, im põe à psique o reconhecimento de uma cena e não mais o de um objeto complementar. Os ocupantes desta cena são o casal parental. O que infans vê é um vínculo da união da mãe com o pai, o terceiro, o que vem lhe confirmar um ato de separação e união, equivalente ao amor e ódio que também é aproximação e rejeição, o que já prefigura de certa menira o coito e o desejo do casal pelo filho, ou a falta do gozo parental e a rejeição.

Existe um princípio econômico resultante do primário:

- interpretação cênica (mis-en-scène) do mundo onde o ocorrente tem como causa o desejo do outro;
- fundamentos do masoquismo primário: sendo o desprazer inevitável, ligá-lo também ao desejo do outro, podendo ser tornado fonte de prazer enquanto conforme ao desejado pelo outro ou metabolizar um desejo de auto-destruição do próprio fantasiante de forma masoquista.

"A meta adequada ao desejo da psique é e será sempre o estado de prazer, o desejo de prazer"⁽⁵⁵⁾. "Um seio que oferece prazer ou um seio que dá desprazer não será obra do acaso", o que afirma Piera, é um conceito radicalmente estranho à psique ... conceito teórico ou racionalização secundária"⁽⁵⁶⁾. Na fantasia substitui-se pela intencionalidade o seio de não causar prazer,

(55)violência p. 73

(56)ibid. p.73

sendo este o desejo do outro, da mãe de quem o seio é o representante metonímico. Em se tratando do primário toda intencionalidade tem como causa o desejo do outro, apoiado na fantasia, de um "não-desejo", ou de "não-prazer" do outro de causar prazer.

O primário porém equivale à representação de uma cena, e nesta cena estara o casal primário: reconhecer o não-eu significa o reconhecimento de um corpo separado da mãe, espaço que possa ser fonte de prazer. O seio, como representante do mundo, quando este causa prazer, há plenitude das zonas erógenas, quando este causa desprazer, a psique nega-lhe a exigência por não poder investir e como corolário nega sua própria existência. Quando há plenitude de zonas auditivas e da visão se representam fantasmaticamente pela fusão da imagem do ouvido e do visto com a fantasia da figuração da excitação da zona correspondente. "É porque o ouvido começa a "ver" o escutado que a imagem da coisa e da palavra poderão fundir-se e o resultado é que o sujeito só poderá ver enquanto ele puder se "pensar" como aquele que vê" (57). Piera privilegia o registro do escutado, que vai do tar o visto, o experimentado, o percebido de um sentimento de que o desejo do outro vai dar significação, no nível do secundário, o que irá organizar o sistema semântico (que constitui o Eu) e são esses sinais sonoros que vão informar à psique do fantasiante o desejo da voz-seio, em relação a ele.

(57) Violência. p.88

Piera enfatiza a diferença de registro em que se encontra a voz que fala, pertencente ao secundário ou registro do enunciado e do ouvido que escuta (e vê - sente - percebe) do fantasiante, no registro do primário, que é obra da onipotência do desejo do Outro falante, de quem as mensagens significativas antecipam as respostas à necessidade em respostas aos sentimentos maternos. Prazer de ouvir, desejo de escutar e significação irão prenunciar o limite do primário-secundário.

O reconhecimento da existência de um Outro ou seja o "não-eu" resulta da projeção de um desejo sobre o outro por ação da construção fantasmática, projeção esta que o fantasiante desconhece; vai encenar dois objetos e um olhar observando a cena e admite uma causa para o afeto da relação dos dois. Serão três as articulações do proceso primário:

- Encontro entre o originário e a organização do não eu,
- Encontro entre o primário e o discurso identificatório,
- Encontro entre o Eu e o discurso identificatório⁽⁵⁸⁾.

O reconhecimento do "não eu" é que vai estabelecer a passagem do "casal parental ao casal primário". Reconhecer a exterioridade e a separação do corpo da mãe marca a passagem do estágio do infans a um de Eu, que é igual em todos os sujeitos . Esta autonomia é negada ao psicótico, seu Eu fica subordinado a um desejo materno soberano que decide seu funcionamento psíquico.

(58) cf. violência. p.88

A existência da representação da cena primária e do casal parental é semelhante à fantasia sobre a onipotência do desejo materno. É preciso que seja presenciada uma relação que possa ser percebida como de prazer projetado na cena. O que retorna, quando há desprazer é um desejo de rejeição "a fantasia não nega a existência de um não eu; ela nega a existência de um espaço que não é desejo (Horsdésir) e seu sonho não é de que o mundo se aniquile mas de que ele seja idêntico à imagem que dele ela se forja"⁽⁵⁹⁾. É o que vai marcar (ou anular) a entrada de um terceiro, um espaço distinto do materno, aquele que causa o prazer à mãe e "contemplar o prazer da mãe como aquele que se origina neste desejo que ela deseja"⁽⁶⁰⁾.

O primário teria existência a partir do encontro com os objetos investidos pela psique. Já existe desde este momento, um que olha e que é visto, renunciando um desejo que deseja outra coisa que não só o infans. Assim como, em Lacan, é a partir da percepção pelo infans de um desejo do outro (mãe) por um terceiro ocupante da cena, (o pai) que é agora o objeto de prazer do outro (mãe) e que a criança não é o único objeto do desejo da mãe, que pode haver uma rutura na díade mãe-filho, pela figuração fantasiosa do objeto que será o representante do atributo paterno.

Piera tem uma posição teórica singular ao levantar a observação da relação prazerosa da criança, a nível corporal, com a

(59) *ibid.* p. 277

(60) *violência*.p. 78

figura paterna e postular o "desejo do pai pela criança" (61)

"Nesta fase já se pode observar o precursor do Eu, que será a entrada em cena da imagem da palavra que vai dotá-lo de atributo que permitirão ao seu sucessor responder às exigências do funcionamento do secundário e constituir seu projeto identificatorio que define de maneira específica a estruturra do eu".

O desejo paterno pode ser benéfico ou constituir um abuso de poder, como ocorre na paranóia, onde este excesso na lei do pai pode ocasionar falhas no discurso materno. Uma delas é a proteção materna contra o abuso da voz do pai que estabelece para a mãe um papel de dever, de ser o homem da casa, de tudo fazer pelo "bem" do filho. Como resultado o pai ficará desvalorizado aos olhos do filho como se houvesse uma ordem recebida da mãe: "que o seu desejo jamais seja o desejo de seu pai, senão.." (62). Outra falha decorrente deste mesmo ponto é o de faltar um termo, que é o do gozo, pois nesta união, pai e mãe, não existe um desejo fonte de prazer ligando ambos. O nome do pai foi excluído da posição do significante (segundo Lacan) pois não há um meio termo em relação à sua lei: ou é má ou é um poder que a exerce. E Piera neste ponto assinala que "para a criança que

a sofreu e que assistiu a seus excessos é indiferente que a força ilegal seja exercida em nome de uma ética, de uma lei, do alcoolismo, do psicopatólógico, ou da violência exercida pela sociedade" (63).

Não podemos deixar de considerar a importância dos desejos

(61) Violência p. 79

(62) ibid. p. 241

(63) inid. p. 245

relativos aos resquícios do Édipo parental, desejos que se iniciaram no desejo da mulher de ter, ou no caso do homem, de dar uma criança à mãe e mais tarde, do mesmo modo, a mulher dar, o homem ter, um filho do pai ou da mãe; mais tarde, em relação a este filho que os substituirá. Esses desejos se projetarão na criança futura que esteve sempre presente no desejo dos progenitores, antecipada por um discurso desejante.

Piera propõe que o termo identificação não deve ser utilizado para a estrutura psíquica do primário, mas apenas para o registro do Eu. É tarefa do Eu poder pensar sua própria temporalidade, isto é, "investir um objeto e um objetivo um espaço e um tempo futuro". Poder fazer com que "possa se tornar pensável esta causa desconhecida da qual ele é parcialmente o efeito"⁽⁶⁴⁾. Para sua preservação é preciso que o identificador possa estar assegurado por dois suportes de investimento: o identificado atual e o futuro deste identificador, o que lhe garantirá sua auto-antecipação e a sua possibilidade de "tornar-se".

A problemática identificatória é o trabalho do Eu para elucidar a economia e a repartição dos investimentos que "sustentam" o processo. Os ideais do Eu, o que Piera chama projetos identificatórios, visam uma transformação de um material psíquico de uma coisa falada, da imagem da coisa corporal que será futuramente a atividade de pensar. A libido, energia psíquica ,

(64) Les Destins du Plaisir. p. 23

como que ligando todas essas construções pictográficas e i deais de um corpo falado, vai dar sentido à representação que o Eu se faz de si mesmo.

O Eu que foi idéia, palavra e pensamento de um Outro - "sombras faladas" que vão ser projetadas nele pelo porta-voz deverá tornar-se um enunciante dos próprios pensamentos a partir deste investimento de amor do identificante, e estes enunciados (pensado) do qual ele é o agente e produtor pela sua atividade de pensado, portanto existente, retornam dando-lhe uma identidade própria⁽⁶⁵⁾ (identificado) suporte de seu auto investimento. "Esta sombra, este fragmento de seu próprio discurso

representa para o Eu da mãe o que o corpo da criança representa em outra cena para seu desejo inconsciente: ela mesma desejando ter uma criança do pai, e mais arcaicamente, uma criança da mãe"⁽⁶⁶⁾.

A criança para a mãe tem um duplo papel neste sentido: aviva seus sentimentos em relação à sua própria criança, a criança que ela foi, sua própria identidade sendo confirmada, e, ao mesmo tempo, garante a permanência do recalcado, no lugar onde ele deve ficar para que não retorne, pois existe em sua relação de amor um componente sexual: a sua relação com o corpo da criança. De forma igual, é a mãe que organiza para a criança o seu recalcamento, assinalando os interditos sob três condições: o sistema de parentesco, a estrutura linguística e a presença e

(65) cf. Les Destins du Plaisir. pp.22/23

(66) O processo da constituição do sujeito de Sullivan a Aulagnier in Tempo psicanalítico. p. 64 Zalkberg, Malvine

a lei do pai. A sombra permite uma ilusão sobre o desejo in consciente ser equivalente a satisfação do desejo do Eu o que dirigirá a libido, à serviço do Eu, invertendo o desejo edipiano e mantendo o reprimido fora da ação do Eu⁽⁶⁷⁾. Transmite-se, assim, o reprimido de sujeito a sujeito, o que irá constituir uma exigência estrutural do Eu e sua ascensão como sujeito⁽⁶⁸⁾

A análise dos enunciados da sombra é importante ao levar mos em conta, principalmente, a patologia da criança, e a projeção materna sobre esta criança, sua ambivalência, seus desejos inconscientes de morte e seus sentimentos de culpa.

O sujeito do inconsciente é a figuração da relação prazer da criança - desejo da mãe. Introjeção é a percepção que a psique faz de um signo (sinal) que comprova a existência de um outro de quem pode obter tanto prazer quanto desprazer. Aquilo que está em vias de se constituir como um Eu se projeta sobre uma presença exterior, no "Outro desejante" e a psique do infans responde a este desejo introjetando a relação entre desejante e desejado que foi projetada e é introjetada. O sujeito do inconsciente é uma resposta à resposta do Outro. A fantasia da cena exterior poderá ser remodelada figurando uma "relação sujeito-desejo que se forja a partir da problemática edipiana, do conhecimento da diferença de sexos e da primazia à zona ge

(67) cf. Ibid. p. 64

(68) cf. Violência. pp.110-114

nital da hierarquia do prazer"⁽⁶⁹⁾. É o marco da entrada de um terceiro e da passagem do infans à criança.

Numa relação conflituosa do casal o espaço do Outro fica a mercê da interpretação do fantasiante sobre a cena primária, do que aí projeta a partir da interpretação dos signos percebidos: conflito, dor, ódio ou amor, luto, etc., numa disputa erotizada e conflitiva, que substitui a relação sexual. Aquele que olha-escuta tem como resultado uma erotização do escutado da cena, do qual é testemunha, por ser expectador do que ocorre entre o casal.

Freud diz que o ódio é anterior ao amor e se a criança não tem acesso ao gozo, muito precocemente o tem ao ódio, ou atenuações, raiva, rancor, etc. O que ocorre na cena exterior pode ser identificado com o ódio, estará sempre marcado por uma significação compatível dada ao escutado-olhado, por meio de uma teoria delirante sobre a origem que iguala conflito-desejo, casal-ódio, causa da origem, conflito de desejos.⁽⁷⁰⁾

O limite do primário-secundário será a junção do prazer de ouvir, desejo de escutar e a exigência de significação.

- prazer de ouvir, desejo de escutar, onde os sons emitidos por aqueles que falam à criança vão se ligar à imagem da palavra para transformá-la num signo; o ouvido, pela excitação da zo

(69) Violência p. 234

(70) cf. ibid. p. 246

na auditiva e objeto-voz vão se tornar em um signo, pelo prazer que esta função oferece, corresponde ao projetado no desejo do Outro, figurado pela fantasia de uma cena, investindo ou rejeitando a voz que fala a cena, e que fala ao fantasiante do desejo do Outro.

Na economia do primário é enorme a importância da voz, pois sendo o desprazer resultante de um desejo do Outro, a voz que veicula este desejo, pode manter com o desejante uma dialética de perseguidor-perseguido. Observa-se, especialmente na psicose, como a voz vai ser o objeto persecutório; os delírios paranóides terão essas características. O paranóico não pode se distanciar do objeto persecutório, na sua imaginação, seu perseguidor, o inveja com desejos destrutivos pelos bens que possui. Está sempre se sacrificando pelo bem do objeto persecutório, numa busca de ordem e lei.

O discurso delirante cria significações sobre as origens buscando submeter o mundo à lógica do próprio sistema delirante.

No conflito identificatório o eu deve ser capaz de pensar e tornar pensável por si próprio o seu futuro. O que de Freud chama de "ideais do eu", Piera nomeia projeto identificatório. O que foi feito a princípio com o auxílio do porta-voz terá de ser continuado pelo próprio eu, através do investimento do pensamento, função pela qual tem a garantia do porta voz, pelos enunciados identificatórios, acreditando que estes enunciados e pensamentos são conformes ao eu enunciante.

Para tal, o eu deverá atravessar, num segundo momento, a pro

va de dúvida, trocando esses primeiros investimentos e pensamentos, preservados pelos pontos de certeza que o identificante lhe forneceu, anteriormente e, assumindo a prova de dúvida, que não é de sua escolha, mas imposta por um pensado e escutado que lhe permitem agora o reconhecimento de uma realidade que não é fixa, pode trazer conflitos periodicamente, podendo ser substituídos por prazeres que os sucedam. O eu identificado investe a cada instante o identificante, através da imagem que lhe é enviada da retina dos outros e de sua própria, conjungadas com o enunciado que as liga. É ela que confirma, em alguns momentos, a realização de desejos não identificatórios, quando um luto, um sofrimento intenso, ou desprazer vem confirmar o fracasso do desejo, ou seja, a não confirmação dada pelo momento presente de uma ligação com os desejos de ontem, que não lhe garantam um desejo futuro. Para que o Eu possa suportar o fracasso do desejo é preciso que, nos momentos de dúvida, hajam referências simbólicas que possam lhe lembrar prazeres realizados.

Se essas condições não forem respeitadas a relação identificante-identificado pode ser transformada numa relação conflictual, onde tanto a imagem, como o pensamento que o Eu encontra de si mesmo, podem lhe suscitar este ódio mortal encontrado na psicose.

Piera fala da prevalência da imagem sobre a palavra no registro identificatório. Imagem do observável do mundo, do corpo, do comportamento e do desejo que responde sempre a uma questão causal, do desejo de entender as causas e consequências do visto e de ligar o visto a esta interpretação causal.

Para a saída de uma fascinação narcísica rumo à identi
ficação, é preciso que esta energia seja investida de idealiza-
ção que concerne ao tempo em que o Eu possa se pensar realiza
do e realizável num futuro. Des-idealização significa poder
abandonar os ideais do eu em proveito de ideais futuros, o que
se obtém sob as seguintes condições: Aceitar o princípio da
realidade que limita os poderes do eu e assumir a ferida narcí
sica, quando o Eu investe um Eu projetado, que leva em conta a
categoria do interdito, preparando o acesso ao conflito identi
ficatório. Se a mãe não pode agir como um porta-voz das des-
idealização, como o foi da idealização, o que poderá abrir o
caminho da realidade, ou seja, colocar-se como aliada do Eu in
fantil no que se refere à diferença de desejos, de poderes e de
aspirações, irá contribuir para a "potencialidade psicótica",
não havendo, portanto a entrada no simbólico e a aceitação da
lei.

Piera chama de estado de alienação "um destino do Eu e da
atividade de pensar que visa a volta a um estado a-conflitual en

tre identificante e identificado, mas também en
tre o Eu e seus ideais o que vem a ser esperar a
abolição de todo o conflito entre o Eu e seus de
sejos e do eu dos outros por ele investidos"(71) .

O eu infantil tanto deve des-idealizar seu Eu, quanto as imagos
parentais. Esta tarefa lhe é difícil e para realizá-la ele de
verá preservar a imago e adaptar a realidade externa e suas exi
gências valorizando narcisicamente ou super-narcisicamente o

(71) cf. Les Destins di Plaisir. p.35

pensamento do eu pensante, ou o Eu do Outro, idealizando seu poder e saber. Este processo tem como resultado a exclusão da realidade, a interpretação fantasmática da atividade de pensar o eu, tanto ^a realidade externa, quanto a realidade psíquica.

Se a alienação foi mais acentuada pode-se deixar de idealizar o percebido apelando para uma representação discursiva lógica de uma verdade comum a vários sujeitos, não podendo questioná-la, já que esta verdade possui para o eu força alienante, ou seja, o eu transfere para um discurso ou um "diktat" um poder sobre si mesmo. Este discurso pode pertencer a um sujeito, a uma idéia, a uma classe a um sistema de governo, etc... (Piera estende esta discursão para o problema da análise didática com a idealização da análise enquanto prática e do não questionamento do desejo de ser analista).

No funcionamento psíquico chamamos necessidade (bêsoin) a uma carência referente ao corpo nas suas funções orgânicas, alimentares por exemplo. Para a psique a explicação causal é para o pensamento algo que corresponde também a uma necessidade (nécessaire). As concepções do mundo através da concepção mítica e da concepção religiosa vem responder ao sujeito a essas questões causais e uma mesma causa pode responder e englobar uma totalidade de fenômenos. É por meio de uma pulsão de conhecimento (Wiesstrieb) que o sujeito se lança às descobertas. A primeira descoberta se refere ao lugar, "causa e fonte do primeiro prazer, o corpo materno". Esta pulsão de conhecimento vai ser também a responsável por uma criação de uma teo

ria sexual infantil visando um conhecimento da causa de "sua e
xistência, de seus desejos, de seu prazer e de seu sofriment
to"(72).

Essas teorias serão da tradução do dito e do pensável em
"temas picturais" (fantasma originais) que fazem com que o
observável e o conhecível não contradigam o fantasma inconscient
e é por esta qualidade de fantasmável que ela é investida .
Recusa a causalidade correta permanecendo na realidade fantasm
mática. As motivações para a construção dessas teorias são: :
dar uma resposta causal ao observável do mundo, corpo, comportam
mento e desejo, ligadas ao prazer de ver-desejo de entender as
causas e as consequências do visto, e de uma interpretação caus
sal sobre ele. Para que o sujeito possa pensar ele necessita
da garantia de um certo número de convicções partilhadas pelo
socius, que "assegurem a irreputabilidade do percebido"(73) que
julgarão as verdades do enunciados a partir das percepções sens
oriais. Para que possa se ter acesso à dimensão simbólica e
à identificação é preciso que os fenômenos observados (tenham
prova de evidência que assegurem que o conhecimento e a coisa
percebida se equivalam (seja esta coisa os semelhantes, os sent
imentos, os fenômenos psíquicos ou naturais). Pode-se lembrar
aqui a prevalência da imagem sobre o dito. São três as condiç
ões que preservam o estado de vida; sujeito e seu corpo, libid
o narcísica e libido identificatória (sinônimos para Piera)
do objeto-sujeito a ser investido que só pode ser existente psiq

(72) cf. Les Destins du plaisir. p. 64

(73) ibid. p. 93

quico em função da representação: "ato identificante e ato identificável e ato da representação", que é o investimento do pensamento.

O corpo é o primeiro bem que o indivíduo possui através do prazer garantido pelo porta voz. O seio é o primeiro eu antecipado. A criança não é confrontada à realidade, e sim à realidade do desejo do outro. O que visa é um encontro com uma realidade que torne possível o prazer de Eros, podendo investir o corpo e o objeto para seu próprio reconhecimento e reconhecimento dos outros, investimento do prazer sexual e dos objetos da realidade exterior. O infans investe este eu projetado e antecipado pela mãe, que, com a oferta do seio permite ao recém-nascido acesso ao funcionamento psíquico, possibilitando o auto engendramento, de si próprio e do mundo, e garantia que o outro lhe dá de sua própria realidade e de não poder experimentar prazer senão pela existência deste Outro.

Os "enunciados identificatórios" sinalizam para o Eu a existência de um eu exterior e de uma não-identidade com o eu materno. O eu nascente é marcado por este índice de diferença que constitui o primeiro pensamento à função identificante : da separação e da não identidade. "O encontro de um prazer e de

um desejo partilhado não comporta uma identidade que abolisse a dualidade dos eus que se encontram. O eu é co-nascente com a descoberta e o investimento do eu do outro e de um eu do qual ele reconhece o fato do índice de exterioridade"(74).

São características da realidade:

- o espaço exterior não redutível a si próprio

(74)

ibid. p. 113

- espaço que contém os objetos que o eu espera tornar suas posses (avoirs) e o que espera "ser" - "o que devem possuir, o que deve ser".

Corpo prazer - é o primeiro bem, a primeira possessão (ter) "eu sou o que possuí o corpo" passa a "ser" pela diferença sexual. A presença do corpo, assegurada pelo discurso do outro sobre seu próprio corpo, "o corpo falado", que move, que olha, que sente, que pode ser tocado, acariciado, prazer que dá enquanto fonte, lugar e instrumento de prazer, investido pelas zonas erógenas, através de um prazer narcísico e identificatório. A primeira realidade do corpo prazer é a dimensão real do existente exterior, dado pelo olhar do outro.

Corpo sofrimento - marca a presença de um objeto autônomo imposto ao eu. Corpo que sofre (seja por doença física, seja por não conseguir o prazer esperado) se impõe ao Eu como uma realidade da qual não pode fugir. "A coisa corporal se impõe neste caso como antinômica de um corpo pensado como um corpo prazer"⁽⁷⁵⁾. Existe e é uma realidade que o eu tem de investir como um objeto odiado, diferente ao olhar do outro. O corpo é a própria realidade que não pode ser redutível a um ser psíquico, pois seria investir duas qualidades: de exterioridade e de realidade. É a ambivalência entre um corpo-pensado e um corpo-real. A criança doente se descobre não podendo ser senão pelo objeto-corpo-doente. O olhar da mãe a vê como uma realidade e

(75) Les Destins du Plaisir. p. 133

não como um ser pensado, um objeto a ser cuidado, uma realidade impossível de ser superada.

O encontro com o corpo-prazer, é um encontro com uma realidade de prazer exterior, espaço psíquico exterior que reforça a atividade de pensar já que esta pode antecipar uma realidade identificada à que é aspirada pelo eu. O corpo-sofrimento faz do Eu um faltante que priva o outro do objeto suporte de investimento. O eu tem poder autonomo tanto para o prazer como para o sofrimento de uma forma consciente. Um corpo que sofre a condenação à morte priva também a mãe de ser o objeto suporte de investimento pela limitação de seu poder sobre ele, de não pode alterar a realidade presente. É de grande importância para a psique do infans que a mãe possa falar do sofrimento do corpo da criança. A presença da mãe que fala e cuida deste corpo, superinvestindo-o, vai permitir ao Eu da criança doente um superinvestimento. O perigo é colocado fora do corpo que não fica assim responsabilizado por "ele, pois a mãe o investe afetivamente.

Relação eu-corpo - momento de encontro com a imagem corporal, modificando-se através dos tempos, e que vai permitir-lhe reconhecer-se separado. Mas o eu só pode preservar a si e o seu funcionamento permanecendo existente, atribuindo qualidades aos objetos de investimento e de prazer. Esta qualidade é dada pela representação idêica, o objeto (coisa) pensado que tem como resultado a relação com o objeto (coisa) real. Só pode haver objeto pensável existindo o investimento do objeto real, do espaço exterior ao espaço psíquico do eu.

"A representação idêica é a única construção psíquica por oposição ao pictograma e ao fantasma que se dobra às leis da LINGUAGEM porque é a linguagem que forma seu material; ela é então uma construção que tem caráter de exigência da (e da sua) comunicabilidade"(76).

É por meio da representação idêica que a psique pode preservar a presença de um "suporte objeto" na ausência do objeto real, de um referente pensado do outro preservador da relação com o outro. A ligação de um eu ao outro é mediada pelo verbal presente desde o início do encontro com o corpo, olhar, toques, sorriso, cuidados maternos, pelos quais o desejo é veiculado constituindo um "desejo falado". O investimento do eu é um investimento verbal, na medida em que a psique pode reconhecer a exterioridade do mundo e do outro, que tem como corolário a exigência de comunicação, o desejo de comunicação, correspondente ao processo secundário em Freud (- o segundo princípio do funcionamento mental)

"O eu antecipado pelo discurso do outro é um sujeito suposto falante"(77) sob três condições da relação libidinal:

- . o eu que investe (investissant)
- . relação de pensamento ao eu do outro
- . a presença do outro como suporte da relação e os limites desta diferença: limite de conhecimento do outro que limita também o auto-conhecimento. Há sempre uma parte secreta do eu a ser preservada. A reconstrução que o eu se faz do pensamento

(76) Les Destins du plaisir. p. 125

(77) ibid. p. 127

do outro corresponde sempre ao que o eu pensa, de como se pensa, enquanto representante para o outro, do seu próprio lugar de amado e de si mesmo enquanto amante. Busca sempre nas relações um traço próprio da imagem pela qual capta o outro, por isto Piera enfatiza que a libido narcísica e objetal são inseparáveis.

O eu espera que o outro reconheça, através da satisfação de prazer que é a forma pela qual faz suas demandas ao outro, seu desejo de reconhecimento narcísico. Espera do objeto satisfação a nível da realidade, do corpo, através das zonas erógenas e do prazer, que lhe permite o próprio investimento. Não se pode esquecer que Freud diz que o ego é antes de tudo um ego corporal e seu investimento está ligado ao vivido por esta realidade do corpo. O eu "não pode investir a realidade e os objetos

que a habitam senão pela mediação deste ser homólogo à sua estrutura, à sua essência que é o Eu do Outro mais precisamente pelo pensamento pelo qual ele pensa este outro eu"(78)

O Eu pede ao outro eu: que lhe seja assegurado que ele é para este outro um objeto de amor, de prazer. Pede ao outro reconhecimento narcísico. Quer que este outro lhe assegure que o Eu é para ele um objeto de amor. Precisa porém que a realidade lhe forneça esta prova de verdade daquilo que o Eu pensa. Exige uma prova através do ato, gesto, sinal da realidade, para se assegurar que esta realidade corresponde àquilo que o Eu pensa e àquilo que efetivamente encontra: investimento do corpo

(78) Les Destins du Plaisir. p. 130

do amado, do outro enquanto existente real.

O eu pede ao eu do outro que o reconheça enquanto pensante -pensado por este outro. Há um eu pensado que investe um eu pensante cuja imagem volta ao primeiro eu em forma de pensamento e imagem de si mesmo (circuito libidinal psíquico que liga o eu à representação de si próprio e ao eu do outro enquanto referente real - na "cena da realidade"). "O eu só pode pensar o que crê real porque ele o crê verdade"(79). Equivale à volta da libido objetal a serviço do eu, provinda da presença do objeto real. Parte desta libido deve ser aplicada à preservação do investimento com um eu real, pois o investimento do eu pensado exige um excesso de libido de investimento e interesse.

O eu pensado precisa de ter seu ponto de referência num objeto real, entre representante psíquico e representante da "cena da realidade", "junção que pressupõe a convicção, mesmo que seja fugidia, de identidade"(80). Há um momento de junção das representações idêicas e representação da realidade que é seguida imediatamente pelo reconhecimento de uma separação, pois o objeto (o outro real) não é dispensador só de prazer, mas também de decepções, momentos esses que se forem constantes e prolongados farão com que o eu não possa perceber a autonomia existente entre prazer pensado e prazer recebido.

É a presença do outro com seu amor, que vai satisfazer as

(79) Les Destins du Plaisir. p. 133

(80) Ibid. p. 137

demandas de reconhecimento narcísico do Eu, podendo este memorizar uma representação idêica de um vivido de prazer, quando da ausência (no real) do eu do outro.

Piera observa, então, a simetria e interdependência entre dois eus, e o que ocorre também na relação mãe-bebê, relação de assimetria.

Na economia própria da relação amorosa Piera vai descrever dois tipos de relação: 1) Relação de Simetria - referente a relação de interpedência de dois eus; o que peço, espero e sou é o que espero, peço e desejo que o outro seja para mim. Não é uma relação de identidade mas de reciprocidade entre os dois eus. É possível um eu ser para o outro objeto privilegiado mas não exclusivo, e também objeto tanto de prazer como de sofrimento. 2) Relação de assimetria - própria da relação passional, levada ao extremo na alienação, na relação do psicótico ao eu do outro, que não reconhece o índice de realidade do seu eu, ou só pode reconhecê-lo como um poder causar sofrimento e, por último, a relação mãe-bebê.

Não há simetria na relação mãe-criança: 1º) em função da primeira oferta de seio que precede à demanda que a criança não está em condições de poder fazer. Assimetria do lugar da mãe e da criança para a mãe: 2º) A criança é para a mãe, objeto privilegiado sem ser exclusivo; 3º) Relação com a sombra falada, eu antecipado não é ainda o eu real, portanto não há conflito de desejos indetificatórios da mãe com os que, a criança, nesta fase, poderia fazer: 4º) a criança preenche um desejo privilegiado mas não todos os desejos da mãe.

O eu da mãe, sua presença, amor e palavra são necessidades vitais para o bebê. Nesta fase "a criança deseja aquilo de que necessita e necessita aquilo que deseja"⁽⁸¹⁾. O investimento só é possível se for valorizado, falado e investido pelo eu da mãe, que é o prolongamento da realidade familiar.

Para a criança existem limitações que a realidade oferece: - não pode modificá-la, só pela mãe; não escolhe a mãe; - não escolhe investimento. A mãe é uma escolha obrigatória e insubstituível sem a qual não pode haver investimento; - o objeto de prazer é equivalente ao objeto de necessidade cuja característica é a mesma do objeto passional: "objeto não substituível, um objeto necessário porque responde a um desejo que se tornou necessidade (b^es^oin)"⁽⁸²⁾.

O homem numa experiência posterior, quer reviver a primeira relação com a mãe como a ultrapassar o que nela constituiu um excesso de sofrimento e encontrar de novo o primeiro prazer fruído neste primeiro encontro. A relação passional pode ter seu protótipo na relação mãe-filho. O objeto, que é fonte de todo o prazer, deslocou-se para o registro da necessidade, com uma diferença: a previsão exclui uma relação partilhada ou recíproca pois o Eu do outro é aquele que pode suprir a necessidade enquanto o seu próprio eu fica destituído de todo poder que é projetado no outro. Este mecanismo é inconsciente.

(81) Ibid. p. 137 (Les Destins du Plaisir)

(82) Ibid. p. 138

Para Freud a pulsão sexual deve ter uma intrincação com a pulsão de morte. Eros toma energia de Thanatos, sexualizando-a em proveito do próprio sujeito (energia narcísica).

- Esquemmatizando -

FIM NARCISICO - INVESTIMENTO PSIQUICO - FUNÇÃO PENSAMENTO

PRAZER LIGADO AO PENSAMENTO - VIVER PSÍQUICO

Intrincação = Amor a si mesmo (Libido narcísica)

Amor ao próximo (Libido sexual)

FIM SEXUAL - INVESTIMENTO CORPORAL - FUNÇÃO CORPORAL

PRAZER LIGADO AO SEXUAL - VIVER CORPORAL

O indivíduo pode amar, investir o amado, pode usufruir o prazer, um auto-investimento de energia, que investe o corpo e a psique e o prazer advindo desses dois espaços.

No caso da patologia passional há uma clivagem desta intrincação pulsional com referência ao objeto e fins pulsionais o que equivale a uma clivagem entre o sexual e o narcísico. Há uma dependência entre o eu e o outro, e da realidade, que fica silenciada em proveito de uma relação ocorrida no passado e reconstruída nesta relação. O experimentado e o pensado também estão clivados e funcionando como adversários e um mesmo objeto visa tanto satisfazer Eros como Thanatos (a pulsão de vida e a pulsão de morte). O corpo e o pensamento, também, ficam sendo adversários o que é visado é a abolição do conflito entre Eros e Thanatos numa intrincação frágil. O sujeito não pode amar, mas ser amado, não pode possuir, mas ser possuído pelo

eu do outro, pelo prazer ou o sofrimento que este eu lhe impõe. Ficam assim aliados a recusa de desejar ou o desejo de não desejo (Thanatos) como necessidade de investir e de permanecer vivo (Eros).

Vejamos agora como se processam essas intrincações na neurose e na psicose.

NA NEUROSE - Esta problemática refere-se ao registro sexual e o registro do gozo, onde um conflito é consequência do outro, assim como é impossível separar registro narcísico e registro objetal. O que permanece recalçado é o componente sexual da demanda feita aos pais, pois a libido sexual ficou aí fixada. Procura-se, então, receber dos outros destinatários das demandas sexual, o ser protegido e amado como em outros tempos. Forma-se então um compromisso entre recusar esta diferença e preservar o recalçado. O eu "não sabendo" desta diferença quer que o amado lhe preencha tanto a satisfação narcísica quanto a sexual (que deve ser recusada pois esbarra na proibição do incesto, pois o outro não pode ser parceiro sexual e mãe (ou pai) ao mesmo tempo).

Hã também efeitos no que concerne à agressão que se volta para o eu, ou para o outro que lhe recusa o prazer impossível.

NA PSICOSE - A intrincação pulsional precisa de um suporte do outro, o do porta voz que a pense, para que o próprio eu possa investir seus próprios pensamentos e os investimentos narcísicos e identificatórios. A relação de prazer é trocada pela relação com objetos de necessidade, de um super-investimento

do prazer das zonas oral, anal genital e também do pensamento , pois se vê na contingência de investir pensamentos impostos pelo outro eu, principalmente o eu da mãe. Seu combate visa ter acesso a esta escolha o que faz através do delírio, busca de uma causalidade delirante, "afim de criar uma diferenciação nova, singular e arbitrária entre objetos, conforme à necessidade e objetos conforme a demanda de um "a-mais" de prazer"(83).

Todos esses conflitos formam a realidade e a singularidade de cada eu, que longe de ser neutra pode ser fonte de muitos conflitos e principalmente dos conflitos identificatórios ao outro eu, o eu dos outros .

E diz Piera: "O estado de encontro psique mundo é sinônimo de estado de vivente"(84).

O lactente na primeira fase da vida não diferencia seio real de alucinado, percepção real, da alucinada. Freud chama prova da realidade, conhecer as qualidades que separam o objeto real do memorizado, que exige a renúncia da onipotência do pensamento. Esta medida é também dada pela cultura, com suas leis e regras para o recalque das pulsões em prol do campo social, afim de que o sujeito possa pertencer a um grupo. E este conjunto que compõe o sistema de parentesco que faz partilhamento de parentesco que faz partilhamento de funções (poder, palavra, saber, produção) regras e leis de casamento, hierarquias de

(83) Les destins du plaisir. p. 164

(84) ibid. p. 157

classes, castas, povos, nações. Essas leis fazem parte de uma exigência universal aplicadas autoritariamente ou internalizadas pelo sujeito.

A nosso ver são também estas leis que determinam tanto as funções do corpo , como do prazer que estão sujeitos tanto a uma política quanto a uma historicidade e sofrem mutações segundo a temporalidade e vão "falar o sujeito" constituindo um discurso antecipatório e regularizador para cada indivíduo.

CAPITULO IV

AS INTRINCAÇÕES ENTRE FUNÇÃO, NARCISISMO E FASE PRÉ-EDÍPICA

"A vinda de uma criança ao mundo é precedida pelo discurso que fala deste futuro nascimento" (Piera Aulagnier).

O nascimento de um bebê nunca é um fato isolado pois trás consigo toda uma história que envolve pessoas, situações, recalques, emoções e desejos que a ela se relacionam.

Quando falamos em pessoas não nos restringimos apenas às figuras do pai e da mãe mas, também, às famílias que a circundam e às relações passadas e atuais entre elas: família-pai-mãe-bebê.

São todas essas relações que irão influenciar a representação que esta futura criança terá para o pai, a mãe e para ambos como um casal parental. Esta significação terá tantas alternativas quantas forem as formas pelas quais o bebê seja falado dentro da relação familiar e principalmente dentro da relação com a mãe. Este encontro subjetivo entre duas psiques que interagem, a relação entre dois corpos que juntam se descobrem, estará marcando para a criança, através do afeto vivenciado pela díade, a forma pela qual o espaço exterior será por ela representado e investido.

Não é necessário que haja linguagem, em seu sentido mais restrito, para que haja comunicação, e nós nos perguntamos, en

tão, se não seria esta comunicação no silêncio, perceptiva e provedora, mais eloquente e importante do que qualquer comunicação falada ?

Segundo Lacan, o inconsciente se estrutura como uma linguagem, e ainda, a criança é falada. Começamos então a nos indagar como seria este falar a criança. O que estaria sendo comunicado a ela e por ela, que trocas estariam ocorrendo dentro da relação simbiótica mãe-bebê . É com o inconsciente da mãe, a prisionado pela repressão originária, perdido na alienação do imaginário que vai se relacionar e se constituir o inconsciente do filho, através de uma vivência de presença-ausência, prazer-desprazer e é pela "via de uma hiância específica de sua relação imaginária com seu semelhante que ele pode entrar nessa ordem como sujeito"(1).

Apesar de não falar, o bebê será obviamente falado, principalmente pela mãe, dentro de uma transação a nível corporal através de trocas de experiências sensoriais que precedem a aquisição da linguagem.

Este primeiro encontro vai colocar a criança frente a uma infinidade de informações através de sinais. Um dos primeiros seria a própria imagem da face materna que, segundo Spitz, é o primeiro organizador psíquico. Sugerimos que tanto esta imagem, quanto a própria função do papel materno, ou seja, cuidados, alimentação, afeto, possam operar como signos representados

(1) Lacan, *Écrits*. p. 59

tivos pela própria função, podendo ser comunicantes antes mesmo da conjunção do simbólico, onde se instalará a linguagem.

A criança será assim falada pela presença-ausência da mãe até se constituir como um Eu na ordem do simbólico por ocasião do estágio especular.

... "la matrice symbolique où le je se précipite en une forme primordiale, avant qu'il ne s'objective dans la dialectique de l'identification à l'autre et que le langage ne lui restitue dans l'universel sa fonction de sujet"(2).

Focalizaremos os seguintes aspectos básicos: a relação mãe-bebê, sua influência no desenvolvimento psíquico da criança, seus fantasmas inconscientes originários, o lugar de uma simbólica da função e o caminho do desejo nesta trajetória que marca o início da linguagem. A vinda do bebê ao mundo é precedida pelo que Piera chama de discurso antecipatório. Este discurso contém a estória de um desejo, que pode ser traduzido de três maneiras:

- um desejo que tem como objetivo um projeto de vida;
- um desejo de que o filho seja o continuador da espécie;
- um desejo sexual vivido dentro da vida erótica do casal.

Antes de falar na criança procuraremos verificar o que estaria moldando este desejo e o que ele preside. Perguntamo-nos, então, porque, quando e em que situações uma criança vem ao mundo? O que significa psicologicamente para uma mulher ter um filho? Em que situações emocionais isto vai ocorrer?

(2) Lacan, J. Le Stade du miroir, p.90-Écrits I - Ed. Seuil-Paris, 1966.

Nossa concepção é a de que havendo uma relação favorável da mãe com a criança, relação esta, já regida pelo discurso antecipatório e que insere a criança numa relação que lhe dá um sentido, uma função simbólica no registro identificatório, a criança terá maiores probabilidades de acesso à linguagem. Qualquer desvio de uma relação "suficientemente boa", no dizer de Winnicott, terá sempre a marca de uma falha advinda desde o discurso antecipatório, o qual chamaríamos discurso do desejo, acarrentando para a criança, conseqüentemente, problemas na aquisição da linguagem ou impossibilidade de alcançar uma linguagem plena, ou seja, que o sujeito possa ser dono de seu próprio discurso e não apenas estar repetindo em eco um discurso pelo qual foi falado.

O procedimento que auxiliou nossos estudos foi o da observação de três mães (quatro a princípio, havendo desistência de uma delas) desde alguns dias que precederam a chegada do bebê ao mundo.

Procuramos acompanhá-las desde a entrada num hospital municipal, onde aguardavam, na enfermaria geral da maternidade o nascimento, no pré-parto e no parto. Nossa conversa, informal o mais possível, era gravada em fita cassete. Ligávamos o gravador e conversávamos sobre como vivenciavam este período de espera, como se sentiam (medos e ansiedades) e quais as expectativas sobre o bebê e o parto, como a família via o nascimento, relações com o marido, etc...

Quando nos foi possível, assistimos também ao parto, o que foi-nos dificultado pela impossibilidade de acesso das gestan

tes ao telefone e a falta de aviso por parte dos médicos.

Prosseguimos com visitas domiciliares, a princípio semanais (até três meses), depois quinzenalmente (até seis meses) e finalmente de três em três semanas (até um ano) e mensalmente até um ano e meio com o mesmo procedimento quanto à gravação e à informalidade. Nossa observação ainda se acha em curso, pois esperamos, num futuro, dar continuidade às idéias esboçadas neste trabalho, podendo avaliar a linguagem dessas crianças acompanhadas. Para o presente trabalho consideremos um acompanhamento de um ano e meio de duração.

Nossa proposta era observar a criança em seu ambiente natural, com a presença dos irmãos, avós, parentes ou pessoas que frequentassem a casa.

Não tivemos pretensão de fazer uma pesquisa experimental, apenas uma observação "in loco" que nos possibilitasse inferir diferenças significativas na relação mãe-bebê, que pudessem apontar para a aquisição da linguagem plena mais facilitada ou dificultada pelas vicissitudes ocorridas dentro desta interação.

Durante o desenvolvimento de nossa dissertação exemplificaremos com as falas dessas mães, nossas formulações.

Resumiremos aqui os três casos observados:

CASO 1 - A.S. foi seguida por nós em sua residência desde a semana que antecedeu ao parto, depois no pré-parto e no parto, cesárea com anestesia peri-dural. Primípara, 24 anos, classe

média, residente na zona sul, estudante. Vivia maritalmente com um homem de 37 anos, funcionário público, que possuía filhos de uniões anteriores, dois deles, um casal de pré-adolescentes, criados pelo pai e por A.S. que nunca tiveram sua individualidade preservada desde que se uniram.

Habitavam um apartamento, em condomínio, de sala e quarto sem separação, cozinha, banheiro. Tinham também uma empregada.

A criança, um menino, foi desejada, havendo preferência por menina "para poder mimar". Caso fosse menino "o pai pensava que perderia a mulher". Ter o filho foi uma resolução que coube à mãe, esquivando-se o pai da responsabilidade. Havia um desejo que se superpunha - reaproximar o casal em crise.

A mãe apresentou fortes ansiedades no pré-parto, com desejo de "agredir" o marido e ficando também "fria", ansiedades acenutuadas pela saída da filha do marido de A.S. que, tendo ido visitar a mãe, não retornou.

PAI DE A.S. - descrito como calmo, porém "acomodado", "estagnado", apoiando-se financeiramente no trabalho da mulher e filhas. Deixa a família após 25 anos de casado.

MÃE DE A.S. - pessoa à qual A.S. se diz ligada, dizendo-à "homem da casa". Tem duas filhas, A.S. e uma filha caçula, e cria um pré-adolescente por promessa a Deus de substituir um filho que abortara.

O bebê amamentado no seio teve sua amamentação dificultada pela conformação inadequada do seio materno, passando a alimen-

tação artificial por volta dos dois meses. A amamentação representou para a mãe mais um dever que um prazer, acabando o leite, segundo a mãe, devido às crises matrimoniais. Era bem ativo e chorão. Sua mãe interpretava seu choro como "queixas". Esperto, desde os quatro meses respondia às brincadeiras, destreza manual no manuseio de objetos conseguindo aos oito meses atarrachar e desatarrachar tampas. A partir de dez meses distrai-se com brinquedos, só ou solicitando atenção do adulto; após doze meses organiza jogos. Bastante afetivo e ligado ao pai. Ao dezoito meses ainda não fala, articulando poucas palavras, papã-mamã- isso, mas entende tudo e executa ordens.

LINGUAGEM NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA -- A criança é falada com prazer e muito afeto. O pai foi participante dos cuidados do bebê nos primeiros meses. A mãe procurava "sentí-lo e perceber o que queria".

RELAÇÕES FAMILIARES- Marcada pela instabilidade. Os enteados de A.S. vão e voltam à casa. Há indecisão quanto à permanência deles com o casal. O marido é sentido por A.S. ora como presente e participante, ora como ausente e frio.

CASO 2 - I.M. foi seguida por nós desde a internação na enfermaria geral. Primípara - 21 anos - classe média, residente a zona norte - contadora (não exerce) casada (1a. 5m) - Marido 24 anos - feirante (instrução 2º grau) - reside com a mãe em casa própria desta, um afilhado de 3 anos e 3 meses, uma prima de 16 anos (que casou em seguida), um irmão 23 anos e sua companheira (há 3 anos). A casa é uma só dividida em três casas independentes. A principal: sala, 3 quartos, cozinha, banheiro, peque

no quintal.

A criança, menina, foi desejada pelos dois membros do casal I.M. tinha dúvidas sobre a data da concepção. O parto, cesáreo com anestesia geral (não fomos chamados).

O bebê foi amamentado ao seio, função prazerosa para a mãe que levou-a até os vinte meses, só deixando por motivo de nova gravidez. Muito ativo, na primeira semana "despiu-se no berçário." Teve um bom desenvolvimento, bastante estimulado pelos familiares que frequentavam assiduamente a casa e pelo primo de três anos. Extrovertida, alegre, atenta e participante da vida familiar. Andou antes de um ano, iniciou a articulação das primeiras palavras aos doze meses. Bastante curiosa, aprende com facilidade, canta e dança.

MÃE DE I.M. - ativa, maternal. Relata vida difícil por incompatibilidade com o marido, recordações que lhe despertam grande emoção e crise de choro. Família da roça.

PAI DE I.M. - pai descrito como "fraco tanto como homem quanto como pai", e a mãe foi o "homem da casa".

O pai de I.M. abandonou a família após 25 anos de casado sem comunicar à I.M. e nem ao irmão. Sentiu-se pois traída por ele. Descreve-o como grosseiro, batia nos filhos até com borraça, fio de ferro, etc. Deseja que seu lar "seja para toda a vida" invejando a "boa convivência" dos sogros. Relaciona-se bem com o marido (preto, como o pai - ela é branca).

LINGUAGEM NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA - A mãe fala mais sobre a criança que sobre si mesma. I.M. é tranquila e paciente; convive com a criança com naturalidade, embora não consiga facilmente separar-se da filha, levando-a sempre ao sair. Preocupa-se também em não deixar a mãe só, por julgá-la instável e depressiva. Há história de suicídio na família materna. Quando saem convidam a mãe para distraí-la. Tanto a alimentação quanto a excreção são temas recorrentes em nossas entrevistas e faladas em associação. A primeira como prazerosa, a segunda como "suja", "porcaria" e "perigosa", problemas intestinais podendo matar. Uma menina de quem I.M. cuidava como filha morrera em decorrência de problemas intestinais (volvo).

RELAÇÕES FAMILIARES- destacada oralidade-analidade. Dos filhos, a mãe de I.M., diz terem sido amamentados ao seio até aos três anos, dormiam com os pais e "serviam-se dos seios o quanto quisessem". A casa da mãe também acolhe a todos, pois moram juntos.

CASO 3 - A.M. foi seguida por nós desde o pré-parto, na maternidade, assistimos ao parto trabalhando com ela respiração e relaxamento. Multípara - 34 anos - 8 filhos - classe pobre - zona norte - lavadeira. Marido 36 anos-biscateiro (faz também fotografias). Casa própria em favela plana, urbanizada. Sala - 2 quartos - cozinha - banheiro externo - luz - gás - quartos externos que alugam - pequeno quintal. Constroem agora o 2º andar. Instrução; A.M. - analfabeta, Marido - primária; Filhos todos estudam.

A espera do bebê foi marcada pela oposição: ter o bebê e ligar as trompas, ou, abortar. O marido de A.M. não o desejava, havia história de dois abortos anteriores por sua imposição, com ameaças de abandono. Para poder permanecer com a criança, A.M. sugere ligar as trompas após o parto. Ter a criança significava para a mãe: poder ligar as trompas e não ter de passar por experiências duras do parto, como as anteriores. A.M. porém, achava que filho era "benção de Deus" e os abortos também tinham sido más experiências, deixando-lhe culpas e medo de ser castigada por doença grave. Não ter o filho significava não ter dores do parto, mas ter as dores morais das culpas, enfrentar menos dificuldades financeiras, não ter uma "intruzinha" u ma "pedra no caminho", agradar ao marido. A.M. idealizou, en tão, uma cesariana com ligação de trompas, o que não conseguiu. (atualmente espera outro bebê). Pensava então na criança como um "anjo bom" que viria resolver todos os problemas e seria "uma benção", "o salvador".

O início da vida do bebê veio lhe confirmar as fantasias : receber coisas boas. Assistida no parto por "três anjos brancos" (as mé dicas e a psicóloga) atenção e valorização das colegas e do ma rido. Compara-o com os partos anteriores onde havia sofrimen to, inibição, vergonha, ter de conter-se para não gritar de do res durante três a sete dias, atendimento precário de partei ras, sensação de que "algo ficava dentro". A "intruzinha" tor na-se amada pelo pai, irmãos que colaboram nos cuidados.

A.M. é muito religiosa e leva o bebê semanalmente à Assem bléia de Deus onde ouve os hinos com atenção.

Amamentada ao seio que lhe é dado repetidas vezes, se chora, se tem sono, se adocece, se está inquieta, como "consolo". "É a vida dela", a mãe diz. Todos os filhos foram amamentados até 3 anos, 3 anos e meio.

MÃE DE A.M. - Após a morte do pai, A.M. foi dada a uma família que a criou. Os outros irmãos permaneceram com a mãe.

PAI DE A.M. - Morto quando ela ainda era criança, recordado com carinho. Deixou-lhe ao morrer um violão do qual a mãe se desfez, da mesma maneira que se desfez da filha.

FAMÍLIA SUBSTITUTA - Sofreu maus tratos, exclusão, discriminação pela cor e classe.

O futuro marido e a sogra acolheram-na quando necessitou de ajuda confiando nela, lá morando até juntar-se ao companheiro, constituindo família. Conscientizou-se nesta gravidez de que nada tem de seu, a não ser os filhos. Resigna-se e coloca em Deus sua fé e esperança de melhores dias.

A imagem paterna é preservada para os filhos. A.M. sabe que ele tem uma amante e o filho desta frequenta sua casa, mas nada fala. Envergonha-se por não ser casada com o mesmo.

LINGUAGEM NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA - Falando à nenê, a mãe a chama sempre por apelidos que lembram a cor: "macaquinha do Tarzã" , "Chiquinha do Tarzã". É tratada com carinho, banhada várias vezes por dia. Os irmãos ajudam nos cuidados. Nomeada em homenagem à doutora. Referia-se a nós como "meus três amores" e não podendo colocar três nomes homenageou com um nome só, as três.

RELAÇÕES FAMILIARES - São unidos e harmoniosos tem contudo um tonus emocional baixo, pouco efusivos. Vivem com grande dificuldade financeira tendo passado até fome. Os filhos relacionam-se bem, entre si e com os pais.

O bebê andou precocemente (7m) balbucia algumas palavras (12 meses). Canta, dança com ritmo, brinca com as irmãs menores, participação em tudo.

Baseados nos casos observados, analisaremos três aspectos dentro da relação dual. Procuraremos verificar suas implicações e influências recíprocas, acreditando encontrar algumas diferenças significativas nas formas de falar a criança, o que a carretaria, segundo nossa concepção, maiores ou menores dificuldades na aquisição da linguagem. São eles: a função desejante, o narcisismo e a fase pré-édipica (fase especular).

Utilizaremos o conceito de função simbólica segundo Piera Aulagnier que o define no registro identificatório como função simbólica.

Para falar em função temos de nos reportar ao discurso antecipatório que se rege pelas relações de parentesco, proibição do incesto e linguagem.

Na química, uma fórmula não define apenas um corpo, mas situa-o dentro de reações possíveis e relações causais sujeitas a leis; assim também, o corpo enunciante no setor da linguagem rege-se pelas mesmas leis universais, opostas às leis da singularidade dos elementos. É a função simbólica do signo linguístico que cria conceitos de funções relacionais emprestando-lhes valores universais. Nas relações de parentesco, os termos designam uma função e esta tem valor segundo o lugar que um elemento ocupa no sistema.

Faremos uma análise das relações inconscientes que cada ca

sal estabelece entre si procurando verificar, assim, como o desejo inconsciente veiculado pela linguagem é dirigido antecipadamente à criança é colocado em ação situando o lugar e a valência significativa da criança na rede familiar.

Como observamos, este desejo leva as marcas do narcisismo parental e principalmente do narcisismo materno, mais pregnante durante a gestação, e toda a relação corporal da criança com a mãe faz despertar um nível de erotização, que as vezes pode tocar o reprimido materno, tomando por isto outras formas, cuí dados excessivos, limpeza, ansiedade, complacência, etc. Para que a criança tenha um bom desenvolvimento psíquico, é necessário que seja investida narcisicamente pela mãe tanto quanto pelo pai e, na falta deles, que o meio possa supri-los, fornecendo à criança "emblemas identificatórios", o que para Piera constitui o "contrato narcisista", pelo qual o sujeito é validado.

A história narcísica do casal terá grande peso na estruturação da psicose, assim como toda a história emocional de todo o grupo familiar e as relações que este estabelece entre si : Desde antes do nascimento, o corpo da criança já pode ser privado do investimento libidinal, havendo uma sobrecarga narcísica agregada ao próprio corpo materno. O desejo materno pode condenar a criança a uma realidade física, concreta, um corpo feito em pedaços. Este corpo concreto, feito de órgãos disjuntos, será sentido pela mãe como complemento do seu próprio corpo. Esta mãe mostra uma perversão a nível da lei, não aceitando a castração. Ela será para o bebê a própria lei. O problema se dá como se a mãe não pudesse nem mesmo aceitar que houve part

cipação paterna, negando assim à criança um acesso à triangu
lação edípica.

O "corpo imaginado" tem uma função para a mãe na gestação
que é a prevenção do luto da perda, como a vivência de um luto
antecipatório. Certamente o parto será dificultado já que a
mãe não pode se separar de uma parte que integra seu organismo,
negando simbolicamente a castração. Irá significar, através do
corpo da criança, que seu corpo está intacto. É por ele que se
supervaloriza pela maternidade. São mães psicotizantes. Sem o
suporte da lei do incesto, que instaura o simbólico, constata-
-se que essas crianças terão existência apenas "como suporte de
demanda e nunca de desejo"⁽³⁾.

O indivíduo só pode ter acesso ao simbólico quando tem aces
so, a uma função. No psicótico este acesso fica clivado pois e
le não se apropria do signo como conceito de função. Não tem
assegurado seu próprio lugar como indivíduo no grupo familiar .
Seu lugar pode ser ora de um, ora de outro, substituto, compen
satório, complementar.

Verificamos, assim, que a psicose já está determinada des
de o início de uma relação defeituosa nos investimentos obje
tais parentais (focalizamos, aqui, especialmente os maternos,
deixando claro que os paternos também exercem influência, esp
cialmente na conjugação com os maternos, na prévia escolha do
par conjugal) e de sua transposição sobre o Eu. Qualquer falha
no desenvolvimento narcísico materno acarretará para o eu do fu

(3) cf. Aulagnier, P. - Observações sobre a Estrutura Psíquica -
in Psicose. pp.15-16-17-18-19-20.

turo bebê um destino de sujeição ao desejo narcísico todo poderoso da mãe.

É pela palavra que o indivíduo que ainda é um infans, a criança falada, vai poder se desligar da posição de sujeito do desconhecimento, de fálus imaginário da mãe e ascender ao estatuto de falante, de possuidor da palavra, da lei e da cultura, um sujeito desejante.

"L'inconscient est cette partie du discours concret en tant que transindividuel qui fait défaut à la disposition du sujet pour rétablir la continuité de son discours conscient" (Écrits p.258).

Se transindividual, este discurso do outro vai garantir a prevalência do significante sobre o significado, que é dada pelo testemunho do terceiro, o portador do fálus, a metáfora paterna que estabelece a diferença de desejos.

"Toda palavra inclui um apelo ao outro"⁽⁴⁾ uma demanda feita ao outro de ser amor. É a palavra paterna que permitirá que esta demanda se transforme em desejo e também que o desejo possa ser significado através do "desfiladeiro do significante" de uma demanda a outra, o que vai resultar em uma não closura do discurso. O desejo busca sempre encontrar seu objeto e é por ele que a vida se movimenta nesta busca ⁽⁵⁾.

A preparação para a entrada do Édipo foi outro aspecto que visamos enfocar analisando a importância do pai e o lugar

(4) De Waehlens, A. - La Psychose. p. 142

(5) cf. Ibid. p. 142

que ocupa no discurso materno, e como é apontado pela mãe para a criança. O desejo do pai pela criança já se faz sentir antes da gestação como a lhe dar um projeto de vida e ser o continua dor da espécie. Durante a gravidez haverá dificuldades que o pai terá de enfrentar, seja como o depositário das projeções ma ternas, de suas agressividade, ou seja pela sua exclusão do pro cesso gerador, ciúmes, vivência de abandono, etc.

As significações que o bebê dará aos conflitos existentes entre o casal ou às dificuldades até traumáticas com a mãe no que se refere ao desmame, controle de esfinteres, separções prolongadas ou precoces, doenças graves, etc., irão constituir para o infante signos de desprazer, de não desejo, de rejei ção, de falta.

O desejo parental veiculado pela linguagem nomeadora dos afetos, está sujeito às "sombras faladas" que garantem a perma nência do recalçado, onde estão as vivências édipicas e da cas tração de ambos os genitores, cujos efeitos já se farão notar "a priori", pela determinação da função simbólica.

No capítulo destinado à teoria de Piera Aulagnier falamos do investimento do corpo da criança pela libido materna. O psi cólogo ao acompanhar uma mulher grávida, ou quando um profissio nal da área de saúde faz uma anamnese, sua atenção deve digirir-se para o discurso materno que fala o desejo da mãe sobre a criança esperada, e que espécie de carência materna ela pode

preencher. A criança pode vir ao mundo inserida num discurso que lhe confere uma função não individual e exclusiva, mas uma função substitutiva. Pode substituir um morto, recebendo muitas vezes um nome que o homenageia sendo inconscientemente induzida a substituí-lo. Este morto pode ser mesmo um aborto anterior, esta falta que o futuro bebê deve preencher de forma a permitir à mãe se eximir de culpas, quando este aborto foi provocado.

- A.M. - "Eu pensei que ela fosse ficar no lugar do filho que abortei".

Pode também, pretensamente, recuperar um casamento falido, restabelecer uma união familiar, suprir carências das relações arcaicas que a relação com o atual cônjuge não foi capaz de preencher.

A mulher carente emocional exige do marido maiores provas de dedicação quando grávida. As "crianças" existentes em ambos, mãe e pai, nunca estão satisfeitas. Revivem as carências e podem tender a identificar o cônjuge com um dos genitores que os lesou. A.S., identifica o marido displicente com o pai, o que responde por sua história de abandono, ressaltando, apenas aquele, como "mais ligado". Fala também "conscientemente" de suas vivências infantis.

- "Uma das coisas que me passa é que eu vou... eu acho, tentar não fazer, mas está arriscado a eu fazer é uma transferência... para a criança... Eu acho que vou poder superar muita coisa... mais fácil. Transferindo todo o sentimento, quando eu

tiver de me aborrecer...contratempo, essas coisas do dia a dia que aborrecem, vou ter aquela compensação com o nenê ... aquilo que é meu e ninguém me tira mesmo"...

Como o marido já possuía outros filhos, A.S. diz não querer pensar que a gravidez teve sua participação, embora reconheça não poder negar-lhe a paternidade.

Havendo falhas na elaboração do complexo edipiano a criança poderá ocupar no imaginário da mãe (ou do pai) o lugar de seus próprios ancestrais. No caso de uma mãe que não pôde aceitar a castração, o filho terá maiores chances de constituir para a mãe o seu próprio fálus, com ela formar-se uma relação dual que tenderá a ser eternizada excluindo o outro cônjuge, e a possibilidade do corte dual.

Encontramos em nossa observação duas mães cujas histórias se assemelham. Ambas são mães pela primeira vez, ambas tem forte ligação com a figura materna e ambas tem um irmão(a). As próprias mães dos sujeitos observados são descritas como os "homens da casa", já que os pais abandonaram a família depois de vinte e cinco anos. As mães de ambas criaram outros filhos, assim como, são as que "sabem das coisas", cedem-lhe os quartos, possuem coisas melhores que elas, porém não conseguiram conservar o marido (o pai de A.S. e I.M.).

Vejamos agora as diferenças entre ambas a nível do discurso antecipatório, do narcisismo e da fase pré-edípica.

A.S. - A criança foi desejada mais pela mãe, que se responsabilizou por sua vinda ao mundo, do que pelo pai que se

esquivou. Tinha a função restauradora de reaproximar o casal. A mãe queria uma coisa dela, uma compensação para a hora de a borrecimentos (o bebê, segundo a mãe, no início, ajudou a en frentar os problemas já que ocupando-se, não pensava neles). A mãe queria alguém que a protegesse, "alguém que suplante a fal ta", a dar "aquele aconchego", que "vai ficar preso comigo para sentir a segurança e o apoio da mãe". Parece querer receber de uma "criança mágica" tudo o que não recebeu e não consegue do marido-pai-mãe.

As ansiedades pré-parto foram intensificadas, também, pela saída da enteada de A.S. em visita à mãe, não voltando à casa de A.S., o que fez lhe despertar toda a raiva pelo abandono do seu próprio pai, como também despertou fantasias agressivas ao marido, ver balizadas e conscientizadas por A.S.. "Agressão mesmo, sadismo, masoquismo, sei lá" - "quero penetrar alguma coisa nele". (nes te marido-pai pelo "roubo" da criança que corresponde à crian ça mítica que foi ela própria roubada pelo pai). Quer fazer com que o marido tenha por ela o "humanitarismo" que tem pela ex-mulher. Ansiedade também pela data (ignorava a data provável da concepção) e por querer envolver o marido nas emoções da es pera e do parto, no que não tinha muito sucesso.

É ambivalente em relação aos sentimentos para com ele. Ora quer fingir que o bebê é só seu, que não teve a participação do pai, ora ou lhe é grata por não ser impotente, podendo lhe dar um filho. Todos esses momentos são de "incertezas que consomem", "dúvidas que explodem" (tal qual as dúvidas a respeito de seu pai, "ho mem divino, maravilhoso, para quem o mundo está acabando" -

— "Calma que o mundo vai acabar melado e nós vamos morrer doces", (A.S. cita as palavras do pai) e por outro lado visto por A.S. como tendo "desconsiderações" e abuso, "acomodado" e se "estagnando". Um dia joga nele a raiva que guardou por 23 anos e culpa-se por tê-lo, (em fantasia), "expulsado de casa". (Procura através do marido re fazer uma relação edípica o que não consegue, tentando então colocar a criança inconscientemente, neste lugar.)

Identifica-se à mãe (falas da mãe no parto: "igualzinha a mim") como ela, cria filhos de outra, e também assume o lugar de "homem da casa" na relação com o marido e enteados. Sa be-se extremamente ligada à mãe que lhes cede a cama, após o parto, de quem o bebê primeiro discrimina a voz "mais forte e alta". (mostra aqui sua indiscriminação). Ouve o bebê nos primeiros sons falar "mãe ! como que pedindo aquele socorro", ou em balbucios subsequentes que interpreta como "queixas" (A.S. pronuncia mamãe com voz e entonação infantilizada).

O sentimento de preencher o bebê no início com seu leite - "parece que comeu uma feijoada, uma rabada, ou precisa totalmente de mim, é o único alimento que o sustenta" - dura pouco, as sim como seu leite. (Podemos, traduzir de duas formas - eu dou coisas fortes a ele mas temo destruí-lo. Ele só tem um lado que o sustenta, o meu. Seu peito porém tinha pouco bico e o leite, dado mais por dever que prazer, acabou. (Essas falas seguiram-se em associações feitas ao tamanho diferente dos seios.)

Quer sempre mais do marido. Mais dedicação, mais partici

pação, mais provas de amor, exigências a nível bastante narcisico. Prefiria uma menina que pode ser mimada (diz-se manhosa por ter tido dengo em casa). O marido achava que se fosse "menino perdia a mulher". É ambivalente e trata assim o marido : ama e agride. Sente-o enciumado do filho (acha que é o 5º nas preferências da mulher, 1º filho, 2º mãe, 3º, 4º irmãos) "mas está se integrando com o nenê ... brinca, pega no colo, curte até dar banho ... uma compensação boa mesmo. Está descurtindo muita coisa que de ruim tinha. Passou muita coisa. Quanto à menina (a filha não voltou) ele deve estar sentindo muita falta...o nenê está compensando...suplanta esta falta"(observar significantes possíveis).

Quanto à família: o casal não teve sua individualidade preservada nem a nível espacial (sala e quarto separados com seis pessoas habitando, eles, o casal, os dois filhos do marido, o bebê e a empregada) e nem a nível emocional.

Relação conflituada com respeito às crianças (enteados) e à ex-mulher do marido, alcôolatra, e ao próprio marido. A meni na retorna após alguns meses à casa.

A.S. preocupa-se com o filho do marido ser "mariquinha" pois se interessa demasiado pelo bebê e nos cuidados a ele. Tem também fantasias homossexuais a seu respeito.

NOTA: A.S. um tipo histeróide, sofrera perversões sexuais em idade precoce.

A criança embora bastante esperta, cujo desenvolvimento esteve sempre além da idade cronológica, ainda não fala, embora entenda e responda com atitudes e ação.

I.M. - A criança vinda de I.M. foi desejada e ansiosamente aguardada pelo casal. I.M. tem um desejo relativo à criança e espera através da criança reatar as relações com o próprio pai, descrito como "fraco tanto como homem, quanto como pai" (sic). Como este aprecia o seu marido espera chegar ao pai por seu intermédio. O marido, da mesma cor do pai (preto, pai mulato escuro) pode, em sua fantasia, ajudar a reatar o casal, o que a troca de lugar de I.M. com a mãe na casa, parece confirmar. (I.M. assume a casa; a mãe foi trabalhar com o genro).

Quer proteger a mãe, personalidade instável sujeita a depressões. Há um fantasma familiar: como esta perdera uma prima que se suicidou na frente dos filhos, I.M. teme pela saúde mental materna. Cuida assim não só da mãe, mas daqueles que ela cuida. Também cuidará do sono do bebê, certificando-se de que não morreu, mexendo-lhe nas perninhas. Identificada à mãe, teme, como teme por ela, seus impulsos destrutivos que deve reter, para não matar. Alimenta a filha ao seio dando-lhe de si, falando sempre mais dela do que de si própria, ou seja, para falar coisas boas de si própria, só pode ser através da filha. Não pode deixá-la, "poderia perder a hora da mamada". A alimentação é associada a excreção que é "suja", "porca", "feia" e pode matar (associação já mencionada à menina que morreu, segundo sua fala, por "nô nas tripas"). Deve reter, assim suas coisas más, às quais fantasia como destrutivas, (associações: parente suicici

da que ingeriu veneno na frente dos filhos; criança de quem cuidava, morre). I.M. Vê como proteção o que talvez seja o controle de seus impulsos agressivos dirigidos ao pai. Proteger da agressividade: aos outros a si própria.

Deseja para a filha, um lar como o dos sogros que tem "ótima convivência". "Sem levar problemas para a cama" (ou seja, evitar os conflitos sexuais) "sem deixar para o outro dia", ou, sem negá-los (alusão, talvez, tanto à mãe, que tudo aguentou sem procurar solucionar os conflitos e ao pai que nunca lhes comunicou a saída de casa, aproveitando uma viagem dos filhos para fugir, o que I.M. sente como traição e de quem ficou com muita raiva, sem se relacionar mais com ele, o que mudou a partir da chegada do bebê). Também deve controlar fazendo até "o impossível que deve ser feito". O desvio na construção da frase parece querer dizer que, para, ela algo também ficou impossibilitado e também outra alusão aos pais que não fizeram o que era devido aos filhos.

I.M. parece identificada à mãe (protetora) tendo de favorecerla até mesmo se sacrificando, como a mãe lhe faz ver em seu discurso. Não pode abandoná-la, no máximo morar em casas separadas, porém perto.

Embora bastante ligada à mãe, não tem consciência desta ligação no que difere do caso precedente, A.S.

Enquanto no primeiro caso a função era refazer, compensar, suprir, neste parece que o bebê deverá reatar, num sentido de incorporar, juntar, tal como seria o lar que idealiza para a filha - "um lar para sempre", sem rompimentos.

A família tem uma característica oral acentuada. A casa materna é a casa que acolhe, alimenta, onde há maternagem, onde todos se visitam, primos, tios e para onde todos voltam, I.M., o irmão e a companheira, e onde dois primos já foram criados, uma delas casara-se recentemente. Somente a cunhada não entrou no jogo familiar e a união já foi desfeita. A casa, como os peitos da mãe, está sempre à disposição dos filhos, "é só se servirem". A profissão do marido também é ligada a alimentos. Em sua família, numerosa, houve um irmão que morreu tragicamente e a caçula, nascida depois da morte deste, tem um nome semelhante, no feminino, e seu nascimento coincidiu com o dia de aniversário do falecido.

Hora do parto - Cesariana com anestesia geral.

I.M. fala sobre a doutora: "Ela também fez o meu parto naquele dia, pois eu jamais a perdoaria por ter me deixado para outro plantão." Não poderia ser abandonada e nem traída na hora do parto pela "doutora-pai", parece pensar.

A criança parece ter sido investida por uma mãe retensiva. Deste modo parece que seu discurso não se sobrepõe ao da filha. Como se ao falar da criança ela retém sua própria criança, investindo a filha, dá proteção e retém a agressão. I.M. é calma, afetiva, maternal e introvertida. A filha é extrovertida, agitada e alegre. Com apenas dias já fez o seu "strip-tease", segundo a mãe. (enquanto se resguarda a filha se expõe).

A partir desses dados podemos observar oposições significativas referentes ao discurso dessas mães.

A.S.

- Tem consciência de sua ligação com a mãe
- Quer que o filho lhe compense (supra a falta)
- Um só conjuge desejou o filho (filho que só eu fiz)
- amamentou por dever (devo ser suprida)
- discurso dirigido à mãe via filho: ficar presa, aconhego, suplantar a falta (fálus) compensar

- fantasias: homossexuais (indiferenciação sexual)
- Conflito: reter-soltar no nível anal
- Marido identificado ora com o agressor (pai) ora com o que tem o fálus (potência, que gerou o filho)
- A Criança é falada:
como a compensar a mãe

I.M.

- não a tem
- quer compensar a filha (proteger)
- ambos desejaram (filha do casal)
- amamentou por prazer (devo suprir)
- discurso dirigido à mãe via filha; proteger, cuidar-evitar morte (depressão, como se proteção e ligação também pudessem matar.

- fantasias: de morte destruição via fezes
- Conflito - reter-soltar no nível pré-genital oral/anal
- Marido identificado com o casal idealizado
- A Criança é falada:
como a ser compensada pela mãe.

A.S.

- para manter a relação
- (negando a castração) assegurando o fálus materno.

I.M.

- para manter a relação dual
- defendendo-a dos perigos que a ameaçam

Vejam os caso de A.M. - eleita, pela mãe, entre os irmãos , para ser criada por outra família. O pai ao morrer deixara-lhe um violão - "A primeira coisa que minha mãe se desfez foi do violão...do violão e de mim também. Me deu prá lá, me abandonou prá lá como se abandona um objeto".

Foi falada pela exclusão e pela discriminação - "lugar de preto é na cozinha" - tanto pela mãe quanto pela substituta. A lei do pai, como seu último desejo, não foi acatada. Sem esta lei, que nem o social validou, não tem direito nem à existência, nem ao desejo.

Em recordações vívidas de seu passado com datas precisas em sua memória diz - "Por todas essas coisas é que parece que não cresci. Nunca tive nada de bom com a outra (a substituta da mãe). A mesma friagem de minha mãe, nunca me deu nada"...

A.M. também coloca no futuro bebê suas esperanças - "ter um filho branco como a bênção e de olhos azuis", oposto a ela, negra. (Este foi um sonho que teve às vésperas de ter o bebê e por diversas vezes, em nossos encontros, refere-se a ele). Assim, talvez pudesse se significar como a "benção branca".

Os abortos anteriores sob pressão do marido, em situações arriscadas e perigosas são revividos em linguagem infantil, de

vergonha e culpa, e também de negação da sexualidade - "parece que faltou um pedacinho da gente ... Para o pai, tanto faz mulher é sempre mais mole ... O corpo é da gente a gente é que está passando pela coisa ... O homem é um animal, um instinto da hora".

A responsabilidade sobre ter ou não ter os filhos é, em geral, colocada na mulher, seja por pressão ou omissão do marido. Vê-se obrigada tanto a decisões que a expõe a risco de vida, em situações iatrogênicas, tanto física quanto psíquica, como a culpa, remorso, medo de castigo por doença grave.

A imagem paterna foi preservada, o que consistia em uma preocupação da mãe em relação aos demais filhos, constituindo para os filhos uma boa figura de identificação.

Ao nível das necessidades narcísicas maternas: precisava receber de fora, em forma de "benção branca", de criança salvadora a que trás benefícios, ou seja, investindo a libido objetal.

A relação do casal parental terá sempre as marcas dos enunciados do discurso ideológico (profano) e cultural. Piera chama de contrato narcisista, o contrato que o indivíduo estabelece com o meio cultural que lhe fornecerá atributos de verdade, da relação de causa e efeito dos fenômenos - "a causalidade demonstrada" - que cada sujeito interpretará - "causalidade interpretada" de acordo com sua realidade interna e particular.

O exemplo citado parece confirmar o que diz Piera sobre a rutura do contrato narcisista, tanto pela realidade social como

por uma realidade histórica, que tem grande peso na psicose. Quando a realidade vivida pelo sujeito o coloca numa posição de excluído, explorado e vítima, tanto pelo casal quanto pelas injunções sociais, resta-lhe apenas "...construir uma identi

dade entre repressão social e repressão psíquica, entre exploração econômica e apropriação pela mãe do pensar da criança, um absurdo. Porém devido ao fato de que a criança começa por projetar na cena social o "pattern" de sua problemática em relação aos ocupantes do espaço familiar, ela pode ver ins crever-se nesta cena a ratificação de uma mesma dialética, na qual ela se encontrará, a partir daí duplamente aprisionada"(6)

Para Lacan o estágio do espelho é representado pela relação do Eu à imagem na qual o sujeito se reconhece e se aliena . Para Piera é necessário que este olhar que se busca no espelho seja acompanhado do enunciado materno, deste outro, como a imagem do bom e do belo. A junção da legenda com a imagem da qual mais tarde o eu se apropriará como "ponto de ancoragem" é que levará ao conflito identificatório que se dá entre duas imagens: "a que vê no espelho e a que vê na retina dos outros"(7)

A estabilidade entre essas duas imagens depende também do discurso do meio que fornece "valores emblemas" do campo sócio cultural que tanto podem, operar no imaginário, e fornecer ao sujeito valor e função identificatória, através do grupo e sub-grupo (social-familiar), ou torná-lo prisioneiro deste imaginário.

Essas referências vão atuar tanto nos investimentos amorosos quanto nos narcisistas, onde haverá sempre uma busca de verdade no discurso dos outros. Todas essas referências terão co

(6) Aulagnier, P. - A Violência da Interpretação. p. 153

(7)

Ibid. p. 167

mo base os discursos primitivos aos quais o Eu faz suas demandas, e as respostas que recebe desses primeiros destinatários são o que permitem ou negam seu direito de cidadania enquanto pertencente a uma classe, transmissor do sistema de parentesco e do sistema linguístico⁽⁸⁾.

Na prática profissional, em atendimento a classes desfavorecidas, observamos que esta fala é comum a esta classe pobre, oprimida pela pobreza, pelo marido, pela falta de oportunidade de trabalho por não ter onde deixar os filhos. Ficamos nos questionando se não seria esta a forma que tem essas mulheres de escapar da psicose, quando o social confirma uma carência interior. O discurso do sagrado parece exercer grande força, de certa forma até alienante, para essas pessoas, lançando-as numa conformação e resignação quando num outro extremo não promove a psicopatia.

Ouvimos uma fala expressiva, que descreve o mundo onde a criança vive, o afetivo e o social maternos.

- "Parece que nós estamos passando por uma moenda... cada dia imprensando mais lágrimas. A gente está vendo que não tem mais lugar para escapular, sei lá". - "Você rola na cama e não dorme, ele fala comigo". "Fico com medo dos meus filhos. Até aqui não aconteceu nada mas pode acontecer...". A.M., a autora desta fala, passava por fases de grande depressão. Seu desejo pela criança terá forçosamente marcas que a realidade externa imprimiu.

(8) cf. *ibid.* p. 169

Vimos que a linguagem cultural transmite a ideologia através do contrato narcisista. Gostaríamos de focar outros aspectos importantes em relação à linguagem quando esta fala a maternidade e que influências sofre.

O primeiro deles é a diferença pela qual passa a linguagem segundo a temporalidade até chegar ao bebê, ou seja, existe, pelo menos, três gerações que foram faladas avô, mãe, filho em três tempos diferentes, sob influências distintas que o próprio tempo acarreta. Falamos da mãe. Ela foi criada falada por um discurso, que conserva internamente, a linguagem fundamental familiar. Vive em outra época onde a esta acrescenta a linguagem cultural de seu próprio tempo. Tem de criar o filho em outra época onde sofre influência de outros tipos de discurso aos quais tem de agregar os seus: tanto aos arcaicos, quanto ao cultural.

Um exemplo: Dar de mamar ao seio foi culturalmente valorizado. A industrialização, junto da ideologia capitalista, muda este conceito pelo aleitamento artificial, valorizando o leite em pó. Hoje a tendência naturalista faz voltar ao conceito anterior e a amamentação é colocada em seu lugar de origem. A mãe tem de criar o filho sofrendo todas essas influências e decidir sua escolha. Ainda mais, esta escolha não é tão livre assim, pois ainda existe a força que a linguagem arcaica internalizada impõe e a dos meios de comunicação que se faz hoje de modo acelerado, provocando mudanças constantes.

O segundo aspecto é que existe um saber que fala a materni

dade, a maternagem, a relação mãe-bebê. O saber médico, por exemplo: o que é preferível, o que é condenável no parto sem dor, cesariana, parto de cócoras, anestesia, analgesia etc. A gestante submete-se docilmente a este saber sem ouvir muitas vezes, seus próprios apelos ou confundindo-os com outros saberes. Em classes mais baixas ou no interior, este saber pertence às parteiras e curiosas que o detêm como um discurso poderoso e coercitivo. Muito se poderia falar sobre outros discursos que falam o corpo e o prazer, o discurso político, religioso, econômico, social, de classes etc., embora reconhecendo a importância fundamental de suas influências, fogem ao nosso propósito neste momento.

Um terceiro aspecto é o do relato das experiências de quem viveu a maternidade. Das mães sobre suas próprias experiências ("minha filha é igualzinha a mim") avós, parentes, colegas de maternidade, as falas das parturientes em salas de espera, onde jogam as ansiedades, aconselham remédios caseiros, relatam fatos traumatizantes, outros até gratificantes sobre os partos. Todos esses saberes, afetivos ou "pseudo-científicos" são passados à gestante nos momentos em que se acha mais propícia a recebê-los e principalmente sob influências de pessoas que tem maior ascendência sobre ela. Existe aí uma pressão, não só referente àquela que exerce o seu próprio recalcado, mas uma pressão que a linguagem impõe e a busca de equilíbrio da jovem mãe estabelecida entre o que pensa, o que dela pensava, como é pensada pelo meio saberes e imposições.

Este entrecruzamento de discurso terá um efeito marcante

na psique das gestantes, mais sujeitas a medos e ansiedades e também à volta do reprimido. Em busca de maior coerência interna para ter e criar seus filhos, bombardeadas por influências diversas, podem não conseguir entrar em contato com sua própria voz, muitas vezes mais sensata e genuína.

A criança que vem ao mundo já é marcada também por este discurso que a estruturará, receberá as inseguranças do saber ou do não saber materno e será falada a partir deste labirinto linguístico.

Como quarto aspecto sugerimos que cada genitor traz de seu meio sócio-econômico e familiar uma linguagem distinta, pela qual cada um foi estruturado, que pode se conjugar harmonicamente ou pode consistir em mais um impasse que fala a criança. Cada casal ao se constituir estará constituindo uma linguagem própria, singular e exclusiva que será a linguagem básica familiar.

Todos esses fatores apontam-nos a importância do psicólogo como agente de prevenção no acompanhamento à parturiente, integrando uma equipe multidisciplinar que pode ouvi-las atentamente e até mesmo de forma informal, em salas de espera, clarificando o que é dito, entendendo os medos, as ansiedades, as experiências, decodificando-lhes os discursos, reelaborando com elas os aspectos positivos e negativos, estar presente nesta hora onde a mulher necessita um apoio psicológico. O psicólogo é o profissional que se especializou na escuta e na palavra podendo discriminar no discurso a falta, falta esta, que a mãe pode, pretensamente, suprir pela criança.

Muito útil é também a presença do pai desde o início como participante e integrante do processo, pai que "visa a criança como uma voz, um nome, um depois legando um desejo de transmissão da função e aceitação da morte como uma consequência de uma lei universal"(9)

O profissional de saúde deverá atentar para a história materna, o discurso antecipatório, a história paterna e a presença paterna na relação do casal e deste com o bebê, sem excluir o pai numa época onde ele já se sente excluído, favorecendo intenso sentimentos de ciúmes e abandono já que não tem acesso à capacidade geradora. Reviverá também sua identificação com a mãe, objeto perdido, o que facilitará sua reconciliação com a mulher-mãe e com o filho, através de mecanismos sublimatários. Sua inclusão na psicoprofilaxia do puerpério tem se mostrado de grande utilidade.

"É a decisão de ter um filho juntos que muda tudo e transforma o par em cônjuge". "O nascimento do bebê modifica os laços que unem o casal incre^{me}nta as responsabilidades naturais da mulher e a espontaneidade afetiva de ambos se acrescentaria as novas responsabilidades de ambos frente ao terceiro vindouro".(10)

(9) Ibid. p. 144

(10) Ajuriaguerra. cit. Louis Roussel - Las primicias de las Relaciones precoces Padre-Hijo - in Anais - RJ

CONCLUSÃO

A partir da análise dos casos destacamos as seguintes oposições pregnantes que, sugerimos, podem facilitar ou dificultar a entrada do sujeito na ordem do simbólico:

- 1) O desejo de ter um filho pode ser:
 - de ambos os pais
 - de um só.

Nesses dois níveis o desejo tanto pode ser; a) consciente como b) inconsciente. O desejo inconsciente é um código passado de maneira não verbal. Assim, um olhar, uma tonalidade de voz, as nuances da respiração, pausas, modulações, serão captados pelo bebê junto às suas primeiras impressões sensoriais. O bebê, por estar acostumado ao corpo materno, poderá decodificar suas contraturas, tensões corporais, alterações de temperatura, tremores por ansiedades, acelerações cardíacas e mesmo as discrepâncias que possam ocorrer entre o que é ouvido e o que é sentido corporalmente, quando a mãe (ou o casal) que rejeita a criança inconscientemente quer demonstrar-lhe o contrário. Outra modalidade é a ausência de desejo.

- 2) O que deseja por si; para si e/ou para a criança.

O que deseja por si para si poderia ser dito como estando referido a um nível narcísico, onde estariam as falas maternas que projetam na criança a possibilidade de investimento próprio, de algo a ser incorporado

rado, de compensações, de reter algo como parte da mãe. Seriam correspondentes às figurações do primário: (em Piera Aulagnier) ser o objeto do desejo da mãe (do desejo do Outro). Desejo que a criança responde como objeto deste desejo.

Num nível mais patológico, corresponderia às mães que Piera descreve como as que utilizam o corpo da criança como investimento de si mesmas, negando-lhe praticamente a existência como um corpo separado, onde nem mesmo é aceita a participação paterna. Outros casos corresponderiam às mães que fantasiosamente necessitam do objeto como fonte de investimento - ter o filho para a mãe, ter o filho para o pai, ter-se a si pelo filho (atribuir-se valor a partir da maternidade) ficando recusado por antecipação à criança futuramente, poder tornar-se pai ou mãe, poder escolher seu próprio cônjuge, já que estarão sempre no papel de objeto a ser dado a outro, ou a si próprio via marido ou mesmo via filho.

Em suas histórias arcaicas, certamente haverá ocorrência de um lugar vazio junto à mãe, seja por separação, seja por rejeição, ou onde falta o termo do gozo de um dos pais; ou uma idealização de um pai ausente por morte e a presença de uma mãe castradora, ou de uma mãe "homem da casa", capaz de sacrifícios, ou ainda um pai cuja ausência não se faz por morte, mas por sua inoperância como figura paterna e instauradora da Lei, e da transmissão dos valores da cultura; o que deseja por si para a criança vai, apesar das revivências do reprimido, referir o desejo para o Outro e determinar no futuro da criança a interdição do incesto, facilitando a aceitação da diferença e uma evolução que seja livre de maior psicopatologia.

3) A forma pela qual se conjuga o desejo da mãe com "o outro desejo" (o do pai, apresenta duas oposições com referência ao pai):

- quando as vivências arcaicas paternas permitem-no manifestar o seu desejo pela criança.

(Inclui-se aqui o pai que pode ser marido da mãe e não um objeto que se colocou em lugar das fantasias).

- quando as vivências arcaicas paternas não o permitem:
No primeiro caso, a falha pode estar a nível do narcisismo, um pai ao qual faltaram os investimentos narcísicos ficando o mesmo impossibilitado de suprir a criança por não possuir, ele próprio, este suprimento. A presença desta criança lembrará ao pai aquela criança arcaica, lesada ou carenciada; No segundo caso há falhas na vivência paterna da repressão.

4) Com referência à conjugação pai e mãe:

- se a vivência arcaica materna pode abrir espaço para a entrada do pai como Lei;

- se este espaço não permite a entrada da lei.

Este último constitui o espaço da psicose e das perversões.

5) Investimento do espaço exterior:

- quando o meio familiar apresenta falhas, e não cumpre a missão de investir narcisicamente a criança.

Este meio já foi exaustivamente analisado pela teoria de Aulagnier, no que se refere à existência de conflitos, ou da histó

ria em branco onde existe um segredo familiar, um não dito, ou onde falta o terceiro termo, o de gozo de um dos pais.

- quando os investimentos narcísicos, na falta dos pais, foram supridos pelo meio sócio-cultural, como representante paterno.

- quando não houve esta garantia do sócio-cultural e o sujeito, como excluído, é rejeitado, já tendo ocorrido rejeição parental.

Há um caminho onde a função desejante, regida pelo discurso antecipatório, estabelece para a criança o narcisismo pelo qual a criança é investida, (que tem como ponto de partida o narcisismo materno) e o estabelecimento do Édipo (através do reprimido) se entrecruzam e se influenciam mutuamente. É por uma deficiente elaboração do Édipo parental que muitas vezes a função vai ser determinada. Esta influenciará a qualidade do narcisismo materno e a resposta dada ao desejo materno pela criança. É com a realidade deste desejo que a criança é confrontada. É aceitando a desidealização, abandonando os ideais do Eu, a realidade, seus limites e poderes assumindo a ferida narcísica que se chega ao conflito identificatório. A criança colocada em posição de equilíbrio do narcisismo parental, como suporte, complemento, salvação, substituição etc., permanece aprisionada por este desejo que nem a ela visa e sim, por seu intermédio, visa a própria mãe e/ou o pai e terá o significado que este desejo lhe impõe.

Levantamos apenas uma pequena parte do problema, que sabemos de grande complexidade por se tratar de relações humanas, nunca estáticas e dependentes de nuances diferentes que cada combinação poderá ter, quer se trate do casal parental, quer se

trate do casal especular, que lhe carrega as marcas.

Queremos salientar que os problemas aqui levantados são condição necessária; mas não suficiente; para o fracasso da relação mãe-bebê. A criança, seja por sua exigência vital inclinando-se para a preservação da vida, o instinto de Eros atuando positivamente, seja por mecanismos intrínsecos, ainda não verificados, pode, a despeito das circunstâncias, modificar a relação parental tanto em relação ao casal, quanto em relação a si própria, seja dominando o exterior adaptando-o às suas necessidades. O que é certo: neste empenho palmilhará por vicissitudes adversas dispensando maior energia libidinal objetal, acarretando para si própria um menor investimento narcísico.

Sugerimos que trabalhos posteriores possam continuar o que aqui ficou apenas esboçado, podendo-se determinar com limites mais precisos o que na relação mãe-bebê apontará para a neurose ou também para a doença psicossomática.

Salientamos mais uma vez a tarefa do psicólogo como agente de prevenção da saúde mental da gestante, enquanto integrante de uma equipe interdisciplinar, onde haverá trocas de informações úteis entre os profissionais no atendimento à gestante, seja através de grupos em ambulatório para as parturientes, sala de espera em hospitais, gestantes de alto risco, equipes de neo-natologia e pediatria e acompanhamento pós-puerperal. É necessário que os profissionais desta área estejam a par das influências negativas que possam advir da paternidade irresponsável e adoecida e de seus efeitos sobre a psique infantil, mesmo antes da vinda da criança ao mundo, no período do início da vida e durante

toda a infância que prepara o adolescente, homem de amanhã, per
petuador de uma espécie menos doente e mais livre.

As idéias aqui expostas, apenas esboçadas, poderão receber a contribuição de outros profissionais de saúde, dos que lidam com os efeitos diretos dos problemas afetivos que ocasionam dis
túrbios da linguagem, problemas esses ligados a uma relação de de
feituosa casal-família-criança e principalmente ao "não dito". Nosso enfoque é de que a correção desses distúrbios não podem dispensar a contribuição do saber psicológico para que fins po
sitivos possam ser alcançados.

Aos médicos poderemos sugerir o estabelecimento de uma boa e atenta relação com a parturiente e, ao ouvi-la, considerar o que aqui ficou enfatizado. Neste sentido alertamos para a impor
tância da criação da habitação - conjunta, o que contribui para a boa interação mãe-bebê nos primeiros dias, e que o consequen
te investimento narcísico do bebê não sofra cortes e possa ocor
rer precocemente prevenindo efeitos danosos às psiques da mãe e filho.

Qualquer corte precoce desta relação diádica terá efeitos nocivos à psique da criança. Lembramos aqui as creches, as internações de bebês, os UTI de recém-nascidos, etc. e a aten
ção a ser dada para a minimização desses efeitos.

Finalmente, recomenda-se que os pais sejam participantes do processo de descoberta da criança que hoje em dia tão cedo fre
quenta a escola, e que esta possa repetir a primeira aprendiza
gem que a criança teve junto à mãe, pulsão de prazer que esti

mulôu-lhe a descoberta do próprio corpo.

BIBLIOGRAFIA

- AJURIAGUERRA, J. - Eisemberg, Leonboder, Elena. Cursos-A Criança e a Família num Mundo em Transformações. Belo Horizonte, 1977.
- ANIKA, R.L. - Jacques Lacan. Uma Introdução. Ed. Campus. 1979. R.J.
- ANZIEU, D., GIBELLO, B., GORI, R., ANZIEU, A., BARRAU, B., MATHIEU, M., BION, W.R. - "Psicanálise e Linguagem do Corpo à Fala - Moraes Editora. Lisboa. 1979.
- AULAGNIER, P. - Les Destins Du Plaisir - Presses Universitaires de France. Paris, 1979.
- . A Violência da Interpretação do Pictograma ao Enunciado. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1979.
- BARTHES, R. - Elementos de Semiologia. Editora Cultrix. São Paulo. 1979.
- BÉNVENISTE, E. - Problemas de Linguística Geral. Ed. Nacional São Paulo. 1976.
- BOWLBY, J. - Cuidados Maternos e Saúde Mental. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1981.
- . - La Separacion Afectiva - Editoria Paidós. Buenos Aires, 1976.

- BRAZIL, THOMPSON, LANGLANDS, ARMONY, ZALCBERG, TACCOLA, SÁ
EARP, T.P., FARO. - Tempo Psicanalítico, Vol. II. Sociedade
de Psicanálise. Rio de Janeiro, 1979.
- BUYSSSENS, E. - Semiologia e Comunicação Linguística. Cultrix.
3a. ed., 1967. São Paulo.
- CABRAL, L.S. - Introdução à Linguística. Porto Alegre. Globo,
1979.
- CARIOU, M. - Freud e o Desejo. Imago Editora. Rio de Janei-
ro. 1978.
- CARROLL, J.B. - Psicologia da Linguagem. Zahar Editores. Rio
de Janeiro. 1972.
- CARUSO, I.A. - Narcisismo y Socialización: Fundamentos Psi-
cogenéticos de la Conducta Social - Siglo Veintiuno Edito-
res - México, España, Argentina, Colombia. 1979.
- CARVALHO, C. - Para compreender Saussure. Editora Rio, 1976.
Rio de Janeiro.
- CHEBABI, W.L., STRAUSS, L., CARNEIRO, L., MASCARENHAS, E.,
GARCIA, E., KATZ, C., FREITAS, J.O., BARNETT, J., TACCOLA, R.
- Psicanálise e Prática Clínica. Consciência. 1975.

CHOMSKY, N. - Linguagem e Pensamento. Editora Vozes. Petropolis. 1977 e Reflexões sobre a Linguagem - Editora Cultrix São Paulo. 1980.

———. - Regras e Representações; A inteligência Humana e seu Produto. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981.

COELHO, E.P. - Estruturalismo, Antologia de Texto Teóricos. Martins Fontes Editora. São Paulo.

DAMETTO, C. - Personalidade Psicótica e Psicose. Cooperativa dos Profissionais de Imprensa. Rio de Janeiro. 1981.

———. - O Psicótico e seu Tratamento. Impresso na Cia. Brasileira de Artes Gráficas.

DAVANZO, CHIOZZA, AVENBURG, LaPORTA. - Revista Brasileira de Psicanálise. Irmãos Miesi . São Paulo. 1975.

DUCROT, O. - Estruturalismo e Linguística. Cultrix. 2a. edição. São Paulo. 1971.

———. - Le Structuralisme en Linguistique. Editions du Seuil. Paris, 1968.

ECO, U. - O Signo. Biblioteca de Ciências Humanas. Editorial Presença Ltda. Lisboa, 1977.

EY, H. - O Inconsciente. VI Colóquio de Bonneval. Vol. I.
Tempo Universitário 18. GB. 1969.

FAGÉS, J.B. - Para Entender o Estruturalismo. Moraes Editores. 3a. ed. Lisboa, 1976.

FIRESTONE, S. - A Dialética do Sexo. Editorial Labor do Brasil S.A.. 1976.

FREUD, S. - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Imago Editora 1969.

———. - Projeto para uma Psicologia Científica (1950(1895)) parte I (10), (11), (16), (19), (20), parte III, (1), vol. I.

———. - A Interpretação dos Sonhos (1900) especialmente capítulos III, IV, Vol. IV e capítulo VII, Vol. V.

———. - Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905) vol. VII.

———. - Artigos Sobre a Técnica (1911-1915 (1914)), vol. XII

———. - Sobre o Narcisismo, uma Introdução (1914) vol. XIV.

———. - Artigos sobre a metapsicologia (1915): O instinto e suas vicissitudes (1915). Repressão (1915). O Inconsciente (1915). Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917) (1915). Vol. XIV.

- FREUD, S. - Além do Princípio do Prazer (1920). Dois verbetes de Enciclopédia (1923-1922), A) Psicanálise; B) A Teoria do Líbido. Vol. XVIII.
- . - O Ego e o Id (1923). O Problema Econômico do Masoquismo (1924) Vol. XIX.
- . - Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Conferências XXXI e XXXII.
- . - Esboço de Psicanálise (1940-(1938)). Parte I-II-III, Vol. XXIII.
- . - Duas Histórias Clínicas (O "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos") vol. X (1909).
- . - Análise Terminável e Interminável. Vol. XXII (1937C)
- . - Chistes e Sua Relação com o Inconsciente (1905C) . Cap. VIII.
- . - Cinco Lições de Psicanálise (1910A (1909)). vol. XI
- . - Dinâmica da Transferência (1912 B). Vol. XII
- . - Exposição a Neurose : Obsessiva (1913 i). vol. XII
- . - Estudos sobre a Histeria (1895 a 1893-1895).vol.II.

- FREUD, S. - Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911 b). cap. XII
- . - O Mal Estar na Civilização - (1930A (1929)). Vol. XXI.
- . - Luto e Melancolia - (1917E (1915)). Vol. XIV.
- . - Observações sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise I, II, III) (1915A (1914)). Vol. XII.
- . - Sobre a Psicanálise (1913M (1911)). Vol. XII
- . - Psicanálise "Silvestre" (1910K). vol. XI.
- . - Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921C). vol. XVIII.
- . - A Questão da Análise Leiga (1926E). vol. XX
- . - O Método Psicanalítico de Freud (1904(1903)). vol. VII
- . - Sobre a Psicoterapia. (1906(1905)). vol. VII.
- . - Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses (1906(1905)). vol. VII.

FREUD, S. - Tratamento psíquico (ou mental) (1905).vol. VII

——. - Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise
(1912E) vol. XII.

——. - Significação Antitética das palavras primitivas
(1910E). vol. XI

——. - Um sonho premonitório Realizado (1941C (1899)).vol.V

——. - Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise. (1912)
vol. XII

——. - A disposição a neurose obsessiva. Uma contribuição
ao problema da escolha da neurose (1913). vol. XII

——. - Tipos de Desencadeamento da neurose (1912). vol. XII

FEYRABEND, P. - Contra o Método. Francisco Alves e Editora.
R.J., 1977.

GABORIAU, M., GAUDEMAR, P., GRANGER, G., LEFEBVRE, H., SAZBON, J.
& VOGT, E.Z., - Estructuralismo e Historia. Ediciones Nueva
Vision. Buenos Aires, 1972.

GOEPPERT, H.C. - Linguagem e Psicanálise. Edipe Artes Gráfi
cas. São Paulo, 1980.

- GREEN, A., LAPLANCHE, J., LECLAIRE, S., PONTALIS, J.B. - El Inconsciente Freudiano y el Psicoanálisis Francés Contemporáneo. Ediciones Nueva Vision. Buenos Aires, 1976.
- GREENE, J. - Pensamento e Linguagem. CBP Unidade A: Psicologia Experimental. Vol. A7. Zahar Editores. R.J., 1976.
- IMAGO. Revista de Psicoanálisis Psiquiatria. Psicologia & Que dice Lacan ?
- JAKOBSON, R. - Linguística e Comunicação. Cultrix. 8a. ed. 1975. São Paulo.
- KATZ, C.S., AULAGNIER, P., LECLAIRE, S., MANNONI O., SAFOUAN, M. - Psicose: Uma Leitura Psicanalítica - Intrelivros - Belo Horizonte. 1979.
- KREISLER, L., FAIN, M., SOULÉ, M. - A Criança e seu Corpo - Psicossomática da Primeira Infância. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1981.
- LACAN, J. - O Seminário. Livro 1. Os Escritos Técnicos de Freud. 1953-1954, Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979.
- . - Le Seminaire. Livre II. Le Moi dans la Théorie de Freud. Et Dans la Technique de la Psychanalyse - Éditions du Seuil - Paris, 1978.

- LACAN, J. - Seminário XI - Los Cuatro Principios Fundamentales del Psicoanálisis - Barral Editores - España. 1977.
- . - Escritos - Editora Perspectiva. São Paulo, 1978.
- . - Écrits I. Éditions du Seuil. Paris, 1966.
- . - Écrits II. Éditions du Seuil. Paris, 1971.
- . - La Metáfora del Sujeto; La Letra y el Deseo. Ediciones Homo Sapiens - Buenos Aires, 1978.
- . - Las Formaciones del Inconciente. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires. 1979.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. - Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes Editora. São Paulo, 1970.
- LEACH, E. - As idéias de Lévi-Strauss. Cultrix, 2a. edição. São Paulo. 1977.
- LECLAIRE, S. - O Corpo Erógeno. 1979.
- . - Psicanalisar. Ed. Perspectiva. 1968.
- LURIA, A.R. e YUDOVICH, F. - Speech and the development of mental processes in the child Penguin Education. Niddlesex, 1978.

- MALLAC, G. - Barthes - Edições Melhoramentos. São Paulo, 1977
- MANNONI, M. - La Théorie comme fiction Freud Grodeck, Winnicott, Lacan. Ed. Seuil. Paris, 1979.
- MANNONI, O - Freud e a Psicanálise. Estudos Freudianos 1. Ed. Rio. Rio de Janeiro. 1976.
- MASOTTA, O - Introduccion a la Lectura de Jacques Lacan. E diciones corregidor. - Buenos Aires, 1974.
- . - Lecciones de Introduccion al Psicoanálisis. Vol I. GEDISA. Barcelona. 1979. Espanha.
- MIDDLEMORE, M. - Mãe e Filho na Amamentação. IBREX. São Paulo, 1974.
- NAGERA, H. - Teoria da Libido - Cultrix, 1981.
- . - Teoria dos Sonhos - Cultrix, 1981.
- . - Teoria dos Instintos - Cultrix, 1981
- . - Metapsicologia, Conflitos e Ansiedade. Cultrix, 1981.
- PETERFALVI, J.M. - Introdução à Psicolinguística. Cultrix. São Paulo. 1973.

PONTALIS, J.B., LAPLANCHE, J., ROBERT, M. - Freud. Editora Documentos. São Paulo, 1969.

SAFOUAN, M. - Estudos sobre o Édipo: Introdução à uma teoria do Sujeito. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

———. - Le Structuralisme en psychanalyse. Editions du Seuil. Paris. 1968.

SCHILDER, P. - A Imagem do Corpo. As Energias Construtivas da Psique. Livraria Martins Fontes Editora. Ltda. 1980.

SOIFER, R. - Psicologia del Embarazo, Parto y Puerperio. Ediciones Kargieman. Buenos Aires, 1977.

SPTIZ, R. - El Primer ano de vida del niño. Aguilar. 1977.

———. - A Formação do Ego: Uma Teoria Genética e de Campo. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1979.

———. - O Não e o Sim. A Gênese da Comunicação Humana. Livraria Martins Fontes. Editora Ltda. 1978.

———. - O Primeiro Ano de Vida. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1979.

STRAUSS, L. - Antropologia Estrutural. Dois tempos Brasileiro, Rio de Janeiro, 1976.

TERWILIGER, R.F. - Psicologia da Linguagem. Cultrix. 1974.

TODOROV, T. e DUCROT, O. - Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. Perspectiva. São Paulo. 1977.

VALLEJO, A. - Topologia de J. Lacan - Del Narcisismo. Helguero Editores. Buenos Aires. 1979.

WINNICOTT, D.W. - A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo. Interlivros, Belo Horizonte. M.G., 1980.

_____. - O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro. Imago. Ed. 1975.

_____. - The Maturational process and the facilitating environment. London. The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis. 1976.

WOLLMAN, B. e Outros - Handboock of Child Psichoanalysis van Nostrand Reinhold Company. N. York - Cincinnati. Toronto. London. Melburne. 1972.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Rivas

Circe Navarro Rivas
(Orientadora)

Terezinha Fêres Carneiro

Terezinha Fêres Carneiro
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Carlos Paes de Barros

Carlos Paes de Barros
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro 26/07/82

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas.